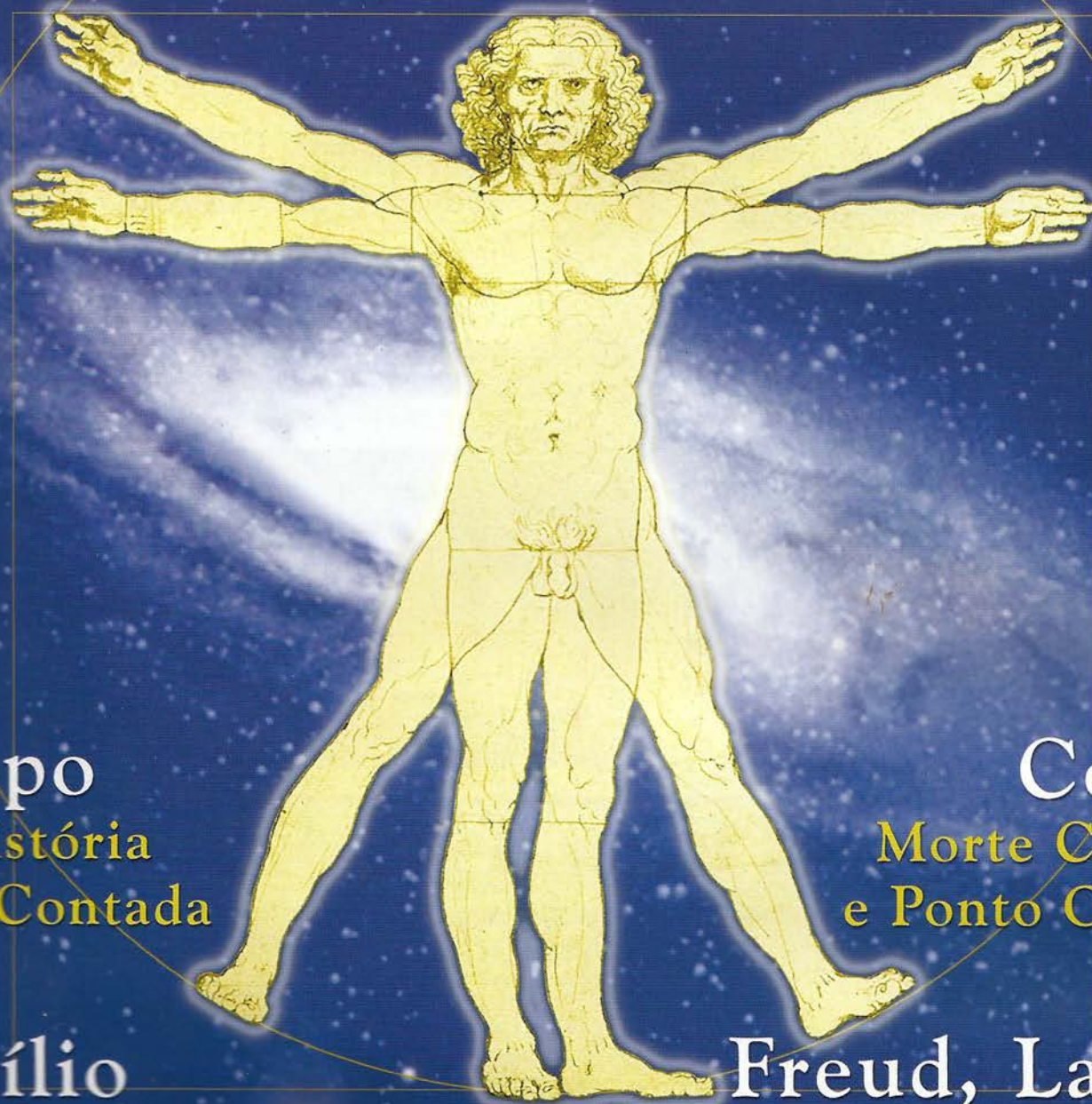


ΩMEGA

Ano IV nº 04
R\$ 14,90

Revista de Psicologia Holística e Transpessoal
www.revistaomega.com.br

A Psicologia e a Psiquiatria nos Séculos XX e XXI



Édipo
A História
Mal Contada

Coma
Morte Clínica
e Ponto Omega

**Emílio
Rodrigué**
Entrevista aos 80

Freud, Lacan
E o Fim da
Psicanálise

EDITOR

Mario Rodriguez Riso

DIRETORA DE REDAÇÃO

Carla Mirelle Almeida

FOTOGRAFIA

Vanda Lutman
Jorge Margolis

DESIGN GRÁFICO

Marca D'Água - Programação Visual
(71) 9962-7692 / 9104-6884

COLABORADORES

Adenáuer Novaes, Emílio Rodrigué, Luisa Sampaio, Márcia Aguiar, Márcia Joau, Mônica Ferreira, Ricardo Chemas, Roberto Cunha, Roseli Trigo, Sérgio Nogueira, Sílzen Furtado, Thereza Lúcia C. Lima.

JORNALISTA RESPONSÁVEL

José Augusto Maciel Torres
DRT-BA 302

GRUPO OMEGA DE ESTUDOS HOLÍSTICOS E TRANSPessoAIS

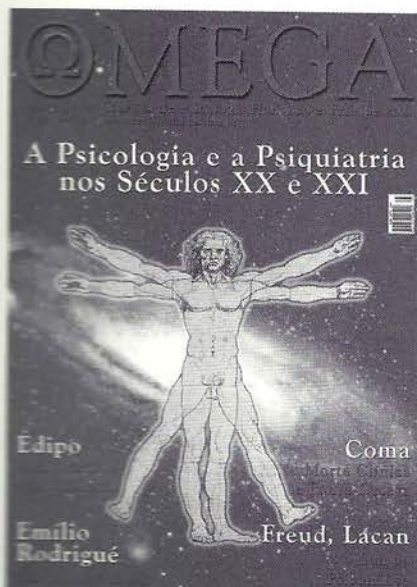
CNPJ: 05.643.021/0001-49
(71) 363-5979 / 461-0810
e-mail: revistaomega@terra.com.br
www.revistaomega.com.br

FOTOLITO E IMPRESSÃO

Gráfica Santa Helena

A Revista Omega não se responsabiliza por idéias e conceitos emitidos nos artigos assinados, nem por opiniões expressas pelos entrevistados.

CAPA: A estrela de cinco pontas ou "O Homem Perfeito", de Leonardo Da Vinci, que emerge como uma estrela depois de passar pela cruz da matéria.



Carta ao Leitor

MÁRCIA AGUIAR

Psiquiatria, Saúde Mental e Lei do Amor

3

RICARDO CEMAS

A Loucura Institucionalizada

5

LORD MAITREYA

Médico, Cura-te a ti Mesmo

6

7

Coma, Morte Clínica e Ponto Omega

12

MARIO RODRIGUEZ

Freud, Lacan e o Fim da Psicanálise ?

15

MÔNICA FERREIRA

Os Sete Hábitos das Pessoas de Sucesso

19

ADENÁUER NOVAES

Inconsciente Coletivo

20

RICHARD TARNAS

A Epopéia do Pensamento Ocidental

21

FRITJOF CAPRA

Física Moderna e Sabedoria Milenar

25

STANLEY KRIPPNER E DAVID FEINSTEIN

O Mito Pessoal

27

SÍLZEN FURTADO

O Mito de Perséfone

29

ENTREVISTA COM STAN GROF

A Psiquiatria e a Psicologia nos Séc. XX e XXI

31

Édipo, a Busca do Self ou a História Mal Contada

42

SÉRGIO NOGUEIRA REIS

Terapias Alternativas e Curandeirismo

52

ROSELI TRIGO E MÁRCIA JOAU

Humanizar para Sobreviver no Contexto das Organizações

53

Reencarnamos Para Quê ?

54

Quem é Saint Germain

56

MARIO RODRIGUEZ

Brasil, o Melhor Exército do Mundo

59

ENTREVISTA COM EMILIO RODRIGUÉ

Os Oitentas Anos de Emilio Rodrigué

61

ROBERTO CUNHA

Negócios & Consciência

64

Psiquiatria, Saúde Mental e A Lei do Amor

Trabalhando com Psiquiatria por quase 20 anos, a minha energia se moveu por diferentes emoções e sentimentos. Passei da curiosidade à pena, ao horror, ao desejo de ajudar, ao desafio, à frustração. Decidi-me pela psiquiatria movida por um sentimento humanitário e idealista, e uma certa onipotência imatura de ocupar-me com o que na minha percepção, **havia de pior na medicina**. Passei pelos hospícios aprendendo, me indignando, e também querendo consertar. Hoje, já há alguns anos do lado de fora dos muros dos Hospícios, aprendi que o novo sempre surge do novo, do inédito, do inaudito, do inusitado, porém trazendo a experiência do velho.

A psiquiatria, sempre foi um desafio, e continua sendo, um magnífico desafio! Estes são sempre extraordinários, pois trazem energia, coragem e estímulo. Se não há a força da vontade, melhor desistir, pois as dificuldades são maiores que as facilidades. Precisamos aprender a lidar com a impotência, a frustração e a paciência de respeitar o tempo do processo do outro. Nesta caminhada, é fundamental a companhia do amor. Se me centro Nele quando estou com o outro, este amor que acolhe, e que também dá limites, vibra em mim e reverbera nele. Assim, planto saúde.

Fazer uma nova prática em Saúde Mental, é a minha luta desde que encontrei dentro de mim a chave de saída do Hospício. O amor é a única energia que move para a cura.

Favorecer a não cronificação, não institucionalizar, trabalhar a resistência, **desejar pelo outro e estimulá-lo a desejar**, acompanhá-lo em seus fracassos, estabelecer acordos, dar limites. É a minha forma de fazer Saúde Mental.

Se há harmonia entre o ego e o Self, gerando bem-estar psicológico, alegria de viver, e coragem para novos desafios existenciais, há Saúde Mental. Possuí-la é ser verdadeiro com os sentimentos, é ter autenticidade, ser íntegro no que se faz, ter consciência dos próprios conflitos, limites e medos, olhar para dentro de si com a coragem de fazer contato com o que lá existe. Saúde mental é abertura, expansão, expressão. É um labor de todos os dias, de honestidade consigo mesmo, sem dissimulações.

Loucura é uma forma de retração, de contração, de constrição da mente centrada apenas em seu aspecto individual, é uma visão restrita da realidade. Toda vez que vemos algo por apenas um aspecto, ângulo ou perspectiva, estamos a caminho da loucura.

Promover saúde é antes de tudo, fazê-lo em si mesmo. Não podemos criar saúde no outro. Curando-nos, estamos contribuindo para que o outro encontre o seu caminho. É apenas contribuir, colaborar, pois cada um produz a sua saúde, ou sua doença,

que são processos dinâmicos. Nunca estamos inteiramente saudáveis, ou inteiramente doentes.

Asilo, hospício, é igual a depósito, estagnação, falta de movimento. No asilo você já não deseja, logo, também não se frustra. Muitos preferem não desejar. Faço parte dos que escolhem desejar, mesmo sabendo que isto pode significar se frustrar. Prefiro a inquietação do dia-a-dia, que a calma da acomodação. Insistir, persistir, e não desistir. Aguardar o tempo que fará brotar as sementes que deixamos em nosso caminho, e que quase sempre não somos nós que iremos colher.

Fazer saúde precisa ser uma relação de troca. Se não consigo refletir, crescer, aprender e expandir com os passos que meu cliente dá, não acontece a troca que deve ser expansiva para ambos. **Tratamento eficaz é sempre uma estrada de via dupla.**

A escuta é uma arte. É preciso escutar o outro imparcialmente, e ajudar para que seus **aspectos saudáveis** se expressem. É nisto que preciso me centrar quando escuto histórias sofridas de cada ser que me chega como cliente, para que o trabalho se realize. Se ofereço resistência ao que escuto, julgando com espanto, repulsa ou indignação, impeço que a relação de ajuda aconteça. Se há julgamento, há estagnação. **O amor nunca adoece**, é ele que move, descristaliza, faz circular, contagiar, expandir e irradiar. O egoísmo restringe, contrai, tensiona e enlouquece. Saúde é sair de si para ir ao encontro do outro.

São quase duas décadas escutando histórias de vidas, lições, experiências. Devo grande parte dos meus sucessos pessoais, e da minha Saúde Mental ao aprendizado que me propicia o dia-a-dia do meu trabalho.

O Universo é pleno de tudo, só precisamos saber o que necessitamos, e ir em busca. Há pessoas que apenas esperam. Portanto, vivem famintas. Há aqueles que buscam alimento, porém não sabem escolher ou discernir entre o alimento e o veneno. Vivem intoxicados e doentes pelo hábito de ingerirem o que não lhes nutre. Há outros, que sabem o que precisam, distinguem o joio



Márcia Aguiar é psiquiatra clínica (UFBA-1984), foi Vice-diretora do Hospital Psiquiátrico Juliano Moreira, e Diretora clínica do Sanatório Bahia. Desde 1997 é Diretora clínica do ICEP, "Instituto Nise da Silveira". É médica homeopata e psicoterapeuta transpessoal.

do trigo, são persistentes em seus intentos, e aprendem de fato a se nutrir.

Porém, há ainda aqueles que se apegam aos venenos que ingerem e pensam que são nutritivos. Presos que estão à culpa, não se sentem no direito do alimento verdadeiro. **Estes são os que costumo chamar de dependentes do sofrimento, amantes da dor, pois imaginam que esta é a única maneira de sentirem emoções, de se sentirem de fato vivos, de serem "salvos".**

Todo ser humano tem facilidades e dificuldades, precisamos aceitar ambas. O caminho da iluminação é a arte de lidar todo o tempo com esses dois aspectos de nós mesmos.

Os afetos específicos também alimentam o homem, e o impelem para frente. Um amor verdadeiro de um ser para o outro, o amor a uma ideologia, a uma causa tornam rica a vida. Porém, precisamos estar atentos para outras formas de expressão amorosa e para a importância de nos colocarmos inseridos num contexto coletivo. Trazemos em nós o resultado do aprendizado de muitas experiências, nesta, e em outras existências. Isso é parte de minha crença, logo permeia tudo o que faço.

A vida é um processo, um constante vir a ser. Já trilhamos bem mais do que acreditamos, mas sempre há mais a percorrer. É preciso lembrar que não é só o andar de um indivíduo, ou de um grupo, é um caminhar coletivo de toda a humanidade. Cada profissional, envolvido de corpo e alma em promover **Saúde**, dá no seu passo, na sua arte e na sua ciência, a sua contribuição. Ω

A Normalidade como Loucura Institucionalizada

O Jornal "A Tarde" publicou em 25 de maio de 1987, este artigo de Dr. Ricardo Chemas. Isto significa, mais de dois anos antes da queda do **Muro de Berlim**, mais de três anos antes da queda definitiva da **URSS**. Acontecimentos estes que mudaram totalmente a face geopolítica do nosso planeta. Observemos que mesmo assim o artigo preserva plena e total vigência.

É o começo da noite e, uma família brasileira retorna à casa no meio da semana, após um dia monótono de trabalho, igual a todos os outros.

O casal se esbofeteia de forma disfarçada com ácidas indiferenças. O tempo, de alguma forma, deserotizou quase completamente a ambos.

Os filhos, tratados aos berros como se oligofrênicos fossem, se amontoam em frente ao televisor, que vomita sobre suas mentes um pesado pacote de informações inúteis, redundantes e prejudiciais.

O Noticiário das Oito constrói, aos sopapos, uma imagem do "mundo" feita intencional e seletivamente de fatos:

- a) desagradáveis;
- b) totalmente irrelevantes para o aqui e agora das vidas dos que recebem estas informações;
- c) extremamente deletérios do ponto de vista psicológico.

A Cosmologia do personagem-padrão das novelas é pequena, absurda e vazia de sentimentos e vivências profundas e autênticas. O conceito de verdade difundido pela *mídia* confunde-se com o conceito do arbítrio institucional.

Nos colégios, uma cultura em escombros administra em grandes blocos, cacos de *non-sense* especializado e fragmentado, como sendo informação integrativa essencial. Nas casas de diversão, nos cinemas, o panorama não é menos aterrador.

Vejam bem, que não estou falando aqui de um ponto de vista moral, mas estritamente como neuropsiquiatra e cientista. Entulhamos os cérebros de nossas crianças com a miséria e a escória da raça humana, com o pior do mau gosto que o espírito humano já produziu.

Sanguinolentos seriados, americanos ou não, resenhas esportivas de um grotesco gargantualismo. Este é o alimento oficial do *establishment* em 99%, do tempo e do capital de um país, investido nas telecomunicações.

De uma maneira bem real (isto não é uma metáfora), existe neste instante uma gigantesca esfera eletromagnética formada por todas as emissões de rádio e televisão do planeta Terra, combinadas, afastando-se de nós e agigantando-se para o Espaço à velocidade da luz. **Este é o nosso cartão postal para o Cosmos**. Se alguma civilização extraterrestre tiver o azar de captar algo nesta esfera e conseguir decifrar parte do seu conteúdo, provavelmente ficaria horrorizada.

Descobrirá entre várias outras revelações chocantes: a) que a raça humana se odeia profundamente, e mais, se delicia em contemplar sua própria autodestruição; b) que estamos pouco interessados em dar uma verdadeira formação aos nossos filhos, muito pelo contrário, que os deformamos intencionalmente (basta só pensar nas armas de brinquedo que lhes presentamos).

Consideremos agora, não apenas as armas de brinquedo, mas sim os milhares de silos nucleares **de verdade**, que estão agora, neste exato momento *prontos para disparar, com uma potência capaz de aniquilar todo sinal de vida na Terra, no mínimo umas cem vezes, apesar de ser óbvio que uma única vez seria o suficiente*.

O que será que esta nossa família normal, "típica", pensa a este respeito? As crianças que poderiam estar conhecendo a Sinfonia Pastoral de Beethoven ou a



**Dr. Ricardo Chemas,
Neuropsiquiatra,
Pesquisador e
Cosmólogo, laureado
internacionalmente.**

Primavera de Vivaldi, no mesmo intervalo de tempo se esfolam num bang-bang imaginário, que espelha entre outras coisas, o péssimo relacionamento dos pais. Estes últimos, por sua vez, nada pensam, apenas dormem, sedados brutalmente. O pai tomou Lorax antes de se deitar para poder dormir, e a mãe anestesiada pela rotina, sem direito ao **sonho**, pois os espera outro dia neste "mundo" dos telejornais, que com certeza não se identifica com o mundo da Natureza.

Os velhos alquimistas diziam que a ignorância é uma bênção para alguns, e afirmavam também, que ninguém tem o direito de arrancar o próximo da sua bem-aventurança. Na Idade Média talvez, hoje se assim procedermos, mais cedo ou mais tarde seremos tragados pelas bombas.

A única coisa que a humanidade precisa fazer para que o mal triunfe, é simplesmente, nada fazer. Ω

Médico

Cura-te a ti mesmo

A PALAVRA DO HOMEM

E aconteceu que um certo centurião veio a Jesus e disse-lhe: "Mestre, minha filha está mortalmente enferma. Preciso do vosso auxílio". Quando Jesus lhe respondeu que iria vê-la sem demora, esse homem, conhecendo a Lei, acrescentou: "Senhor, não é necessário. Basta-vos dizer a Palavra e minha filha será salva". Esse incidente nos conduz à Lei fundamental do Ser, a **Palavra do Homem**.

No princípio, quando o Homem era um Ser Divino, UNO com a Sua Fonte, Ele próprio não ignorava ser UM com o Pai e da mesma Essência, uma vez que existe, existiu e sempre existirá. Uma Essência Única mediante a qual foi criado tudo quando existe, existiu e sempre existirá. Se esse fato é verdadeiro, como pode o Homem ser diferente de Quem ele chama Deus? Deus é um nome dado para definir ALGO sem nome, pois que nome dareis à Totalidade do Todo? É tão sagrado e tão completo em Si próprio, - contendo **tudo** de todas as coisas, que não podeis conceber nada onde Este Todo não esteja presente. Quando o homem começar a entender a magnitude de tão excelsa Verdade, saberá que é um deus entre homens. Na realidade assim o é, pois habita neste Todo, possui seu Ser. Chamemos este Todo de **OS BRAÇOS DO AMOR**, porquanto no momento em que o Homem descobrir essa grandeza sentirá nELE toda a Proteção.

Se o Homem é da mesma Essência do Pai, então ele e o Pai são UM. Jesus disse: "Aquele que me tem visto viu o Pai". Não pode ser outra coisa que a Verdade do Ser, pois este Pai é Puro Espírito no Qual "todos vivem, todos se movem e todos têm Existência". Em face de tão alta afirmativa, então a Verdade do Ser não pode ser contestada. Ponderai sobre esta

Verdade e na vossa ponderação rogai ao Pai para que ISTO se torne real em vós. Existem muitas Verdades, mas somente quando perceberdes ou compreenderdes esta Verdade ela será VERDADE para cada um.

O SABER EM NÓS

No interior do vosso Ser ou na vossa Memória estão gravados toda a Sabedoria e todo o Conhecimento, os quais poderão ser trazidos à superfície de vossa consciência. Se pedirdes ou meditardes sobre estas Verdades, receberéis a prometida revelação, porquanto é Lei.

No princípio, a Criação foi feita ou, segundo a vossa Bíblia, "todas as coisas foram criadas". Analisemos esta frase. Se tudo foi feito no Princípio então não resta nada por fazer. E como as coisas foram feitas? **Pela Palavra de Deus**. Eis aqui o segredo da Criação.

Trataremos agora dos sete degraus da Criação. "Deus trabalhou durante seis dias e no sétimo descansou". **Qual foi ou qual é o primeiro degrau? A Palavra**, pois sem Ela nada poderia ser criado.

Deus disse: "Façamos o Homem semelhante à Nossa Imagem". Usando o plural no verbo fazer, quem eram os outros aos quais Deus se dirigiu? Os senhores da Criação, os Elohim.

PORTANTO, PRIMEIRO VEIO A PALAVRA E DEPOIS A IMAGEM.

Vós dizeis a Palavra *àquilo* que imaginais. Sigamos o fio desta **idéia**. "Deus fez o Homem à sua imagem". Eis a nossa segunda chave. Ele e os Senhores da Criação imaginaram o Homem à Sua semelhança. Em seguida bafejou o Sopro da Vida no Homem tornando-o **real**. Sabeis que sem o sopro da Vida nada vive. A imagem ficará apenas uma imagem e jamais poderá tomar forma ao concretizar-

se, enquanto não receber dentro dela o Sopro da Vida. Este raciocínio nos leva ao **Terceiro degrau da Criação: - dar Vida à nossa imagem**. Deveis empregar os meios a fim de transformardes em **realidade** a vossa imagem ou concepção por intermédio de vossa RESPIRAÇÃO.

O QUARTO DEGRAU É A VONTADE

Porém, somente pela Vontade de Deus poderá ser cumprida. Não vos esqueçais de que o termo Deus significa Puro Espírito. Portanto, mesmo seguindo os três primeiros degraus, ainda vos resta a Vontade ou a Aprovação do Divino Espírito sem a Qual não se pode realizar coisa alguma. Todavia, uma vez tomada a resolução ou estabelecida a vossa vontade de alcançardes a Meta, *ela já está concluída* no abstrato. **O quinto degrau é confiardes nesta Verdade porque é Lei e a Lei é**. Destarte, deveis construir a fé em vós mesmos se quiserdes criar conscienciosamente.

O SEXTO DEGRAU É O AMOR

Respirai o Amor do vosso Ser sobre a vossa própria imagem ou forma. Após a Criação do homem, "Deus disse que era boa". Assim, isto nos leva a crer que Ele ficou satisfeito, que a obra estava concluída e que era boa. Então, Deus descansou.

Seu repouso nos conduz ao sétimo degrau. "Ele descansou". Descansando significa que tendo feito tudo, trabalhando de acordo com a Lei ou plantado a semente, esperou a operação de a Lei pôr em manifestação a sua obra. Sabia que já estava feita, porquanto a **Lei é** ou a **Essência da Vida é**, e a Energia Criadora pode ser modelada em *qualquer imagem* concebida pelo homem. Oh! Criai, então, o vosso mundo, porque sois o Criador em forma Humana. Como Filho, recebestes todo o Poder nos céus e na Terra. Reclamai o que é vosso, os vossos

direitos a vossa herança. São vossos, pertencem-vos desde o Princípio.

UM CORPO-TEMPLO PERFEITO

Vamos supor que desejais criar para vós mesmo um corpo-templo perfeito. O primeiro degrau é a **Palavra**. Vosso corpo é formado de bilhões de partículas de Luz, cobertas por um vestuário de matéria que também é espírito. Sabendo que sois vós quem prendeis essas células ou partículas de luz pela imagem ou concepção escolhida, nada mais tendes a fazer que sustentar, firmemente, a imagem. "Assim como concebeis, assim será o vosso prêmio", significa que vós sois o construtor de vosso corpo-templo, tal qual o concebeis ou imaginais que sois. Visto ser a concepção mental de suma importância, examinai, muito objetivamente, a vossa forma atual. O que vedes? Juventude, vitalidade, beleza, energia ou velhice, degeneração, decadência? **Não importa. Se não estais satisfeito e feliz com o que vedes, podeis mudar essa figura num corpo perfeito dependendo de visualizardes a perfeição.** Lembrai-vos do segundo degrau da Criação, **a imagem**. Tendes idéia de vós como criatura perfeita?

De vós, repleto de juventude, beleza e energia? E por que não? Sois tudo isso, pois dentro do corpo-templo está o Mestre Arquiteto, o Construtor do vosso corpo que é poderoso para restaurá-lo, remodelá-lo, reconstruí-lo, revigorá-lo de acordo com a vossa palavra, com a vossa concepção ou imagem. Falai a esse Mestre Construtor, porquanto sois o senhor do vosso universo e do vosso corpo. **Vossa palavra é lei dentro do vosso mundo, vosso Ser.** Sois o Criador na forma Humana.

Se pretendes construir um templo perfeito, o **MÉTODO** é de vital importância. Todos os que seguirem estas instruções a rigor poderão realizar a transformação desejada. Entretanto, previno-vos de que este trabalho não pode ser levado a efeito pela metade, isto é, depende e exige a cooperação integral do vosso coração. Começai a vossa obra diária com a certeza de que sois Puro Espírito, vestido de carne e osso ou matéria. Essa matéria está sujeita à vossa Palavra, porquanto sois o senhor e mestre do vosso corpo ou universo. Já que sois o criador do vosso corpo ou universo, é claro que vossa palavra é lei dentro do vosso Ser. Vossas células – cada uma dessas células é uma Entidade ou partícula de Luz – devem obedecer ao vosso comando ou à Palavra do seu Mestre, que sois vós. Dizei a palavra ao vosso corpo, ao vosso

coração, ao vosso gado, ao vosso plexo solar, aos vossos olhos, aos vossos ouvidos, às vossas mãos, aos vossos pés.

Ordenai harmonia e beleza a todo esse conjunto, a fim de que se manifeste a imagem perfeita escolhida por vós. É muito simples! Dizei a Palavra. **Visualizai a perfeição e ela deve materializar-se, pois "Assim como é no interior, também o é no exterior". É Lei. Cada criatura humana é o pintor de sua própria forma e não poderia ser de outra maneira.** Todas as coisas trabalham de acordo com a Lei. Não haveria ordem no Universo sem Lei. Da mesma forma não poderá haver ordem no vosso corpo-templo sem a imagem da ordem ou perfeição. Meditai nesta grande Verdade do Ser, porque É, foi e sempre será.

É A NOSSA ESCOLHA

Sabeis, agora, o que sois. Compete-vos a escolha de funcionardes num corpo perfeito por vós imaginado, ou continuardes no vosso estado presente, implorando ao Criador ou à Essência da Vida os desejos do vosso coração. Compete-vos aceitar a vossa herança e criar aquilo que desejais. Indiquei-vos o caminho, porém o trabalho é vosso para que o Pai em vós possa ser glorificado. Cada ser humano é a soma total do que ele julga como é seu Pai. Sim! Esta é a verdade. Se vós vos encontrais dentro de quaisquer limitações, é porque não credes que vosso Pai está em condições de poder dar-vos tudo quanto pedis ou visualizais. Destarte, limitais vosso Pai. E como vosso Pai ou Deus pode apenas ser aquilo que vós credes, concebeis e aceitais, não sois vós o único responsável, o culpado de não gozardes de toda a abundância? O Pai não dá. Ele, Deus ou Pai é abundância! Por isso, aceitai esta grande dádiva, a vossa herança, e criai o vosso mundo segundo a Lei perfeita de vosso Pai. **Viestes à Terra trazendo convosco os dotes, os benefícios, a grandeza desta herança. Aceitai-a e ficareis livres de todas as limitações.**

As correntes que prendem o Homem, concebidas por ele próprio, são imaginárias. **Essas cadeias não existem, a menos que acrediteis na sua existência.** Sois livres criados à imagem de Deus! Sois Puro Espírito! Ocupais o Universo! Ó Homens, aprendei e sereis livres! Fostes instruído como criar um corpo-templo perfeito. Agora vos ensinarei a empregar este Princípio Criativo a todas as coisas ou a

qualquer necessidade de vossa vida a fim de que possais viver com a abundância referida pelo vosso Mestre, Jesus de Nazaré. Se o Homem é Filho de Deus, é herdeiro de tudo quanto possui o Pai, por que então lhe hão de faltar as coisas boas? Analisai isto. Tendes filhos. Amais vossos filhos. E o que desejais para eles? Pobreza, moléstias, discórdias, escravidão ou paz, alegria e abundância de tudo que é bom? Nesse caso, se sois da Terra e desejais esses bens aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai que é AMOR, É PAZ, É ALEGRIA, É TODA A ABUNDÂNCIA? Ele emana de Si Mesmo tudo Aquilo que Ele É. NELE não existe doença nem desarmonia. Ele é tudo o que vossa alma aspira. ELE É, EU SOU, VÓS SOIS UM e da mesma Essência da Vida. Então deveis compartilhar dessa Vida. Nela "viveis, moveis e tendes vosso Ser". Não é mister irdes aqui, ali, acolá para encontrardes o que procurais! Está em torno, em cima, embaixo, dentro de vós por todo o sempre, por toda a Eternidade! EU SOU O QUE SOU e tudo quanto desejais! EU SOU e o que quer que EU SEJA também sois, pois só UM existe!

EU SOU O QUE SOU

Durante séculos o homem tem lido estas palavras sem, contudo, entender esta grande declaração da Verdade. Realmente, o que significa SOU O QUE SOU?

Significa que só existe a Única Essência e **EU SOU, PURO** Espírito ou **Deus É**, se referem a esta Essência, à qual chamamos Vida; então **tudo é Vida**. Onde o Homem tem errado é na sua crença em dois Poderes ou entidades separadas. Naturalmente existem dois Poderes, o negativo e o positivo, porém não estão separados. Na realidade são Um. Deste Um ou Todo "todas as coisas foram feitas", oriundas das imagens criadas. Partindo desta verdade, *tudo quanto vedes, tudo quanto pensais já está criado no abstrato*. E se existe somente a Única Substância e esta Essência é vantajosa ao uso do homem, como ele é rico e quão poderosa é a sua obra, pois o Homem e Deus ou Puro Espírito são Um! Por conseguinte, "o homem por si mesmo nada faz", mas o espírito realiza e executa por seu intermédio! Oh! Não vos esqueçais de que não podeis nada fazer por vós mesmos; mas por meio deste Pai, Cristo ou Espírito dentro de vós, **tudo podeis!** Assim sendo, **qual deve ser a vossa atitude? Simplesmente, permitir!**

DEI-VOS A VERDADE

A muito poucos têm sido dada a conhecer tão pura Verdade. Se viverdes, sentirdes, absorverdes e ficardes uníssonos com todas as palavras aqui escritas, tereis as Chaves do Reino. É chegado o tempo da busca do Homem levá-lo ao Lar. E onde fica o seu Lar? No seu estado celeste de consciência ou no seu verdadeiro estado do Ser. Entretanto, **não vos é bastante conhecer estas Verdades. Deveis realizá-las, deveis vivê-las, deveis senti-las como parte de vós, deveis transformá-las em vós próprios!** Então, verdadeiramente, podereis dizer: "Eu e meu Pai somos Um". Sempre fostes Uno com o Pai, porquanto não há separação entre o Pai e Sua Criação.

Contudo, de que vos adianta a certeza de serdes Uno com o Pai se não reclamais esse direito? Tomai o vosso lugar de herdeiro ou Filho ao invés de "mendigo à porta". Sim, o mendigo também é Filho, porém ignora que o é. Desta maneira, ele se mantém através de séculos pedindo e implorando, quando possui a sua natural herança. No entanto, a herança espera pela sua reclamação. E ele continua a rogar, a

OTHB ORDEM DOS TERAPEUTAS HOLÍSTICOS DO BRASIL



Cartório 2º Registro das Pessoas Jurídicas nº 10575/367 em 12.02.97 CNPJ 01757305/0001-05
Diário Oficial nº 16.452 Seção 4 de 21.02.97
Advogado Holístico: Dr. Sérgio Nogueira Reis
Fundador: A. Norberto O. Pinto
Presidente: Rosivane Rocha

Avaliação e
Orientação p/
Regularização
e Registro
de Curso Livre
Profissional
em Terapias
Holísticas,
Espaços
Terapêuticos,
Projetos, Teses,
Autodidatas e
Certificação de
Qualificação
Holística.

Informações: (71) 353-5413 // 3491-2298


E-mail: destaqueholistico@ig.com.br

TORNE-SE UM HOLÍSTICO DE DESTAQUE!

Solicite a sua Carteira de Terapeuta,
Pesquisador, Estagiário ou Amigo Holístico.

Sede de Atendimento Terapêutico ao Associado
com Hora Marcada: Alameda dos Eucaliptos, 40.
Caminho das Árvores. Salvador/BA Cep. 41820-760

pedir. Como é triste a sua sorte! Porém, Deus ou Puro Espírito É e não pode dar! Já deu tudo, pois o Espírito É! Portanto, meu Filho, assim como vos disse o Grande Mestre Jesus há longo tempo, também eu repito as suas palavras no dia de hoje: *"Jerusalém, Jerusalém, Minha Jerusalém, quanto desejei envolver-te nos Meus braços, porém tu*

não deixaste!" Imitando o Grande Mestre, também eu espero. SOU O QUE SOU todas as coisas para todos os homens. SOU a Luz, a Vida, o Caminho. E ninguém vai ao Pai senão por Mim ou Puro Espírito! Oh! Homem voltai ao Vosso Lar! 

LORD MAITREYA

SÍTIO ESPERANÇA

Espaço para vivências, workshops, cursos. Dispõe de 8 aptos com acomodações para 28 pessoas, restaurante e salão para eventos.

Lazer: salão de jogos, charrete, cavalos, rio

Localização: 85 km de Salvador, na Zona Rural de Pojuca (BA), km 62,5, da BA 093



Telefax: (71) 289-1359

www.sitioesperanca.com.br

E-mail: plantasorte@uol.com.br



Esclarecimento do Editor

Nas várias mudanças de país de residência, se extraviei meu título e currículo de psicólogo. Isto não anula o fato, de eu ser formado "Cum laude" pela **Faculdade de Psicologia da Universidade de Barcelona**, como consta na documentação abaixo. Na época "Notable" e "Sobresaliente" eram as máximas qualificações que o aluno podia obter em qualquer matéria.

Em caso de dúvida, consultar os registros do site do **Ministério de Educação e Ciência do Reino de Espanha**, Folio 200, página 358, ou da **Faculdade de Psicologia da Universidade de Barcelona**, Folio 384, nº 2685.

O fato de eu não ter me auto-definido como psicólogo, senão como **psicanalista**, no início da carreira, e hoje como **terapeuta transpessoal**, levou algum

desafeto a levantar a inverdade de que eu não teria formação em **Psicologia**. O Transpessoal é o **novo** que é sempre combatido pelo velho. Outro dos objetivos de semente esta inverdade foi obstaculizar o andamento de nosso convênio com a UNEB, já que reaver toda esta documentação levou um longo processo burocrático.

Mas a verdade é a sua própria defesa. Ela é a única que nos cura. Só ela traz a verdadeira Cura.

Segue abaixo a documentação com o meu currículo do quinto ano da Faculdade, que por ser o último, é um resumo do aproveitamento total que o aluno teve na formação. **Tudo isto avalizado pelo Tabelião do Notariado da Comunidade Européia e pelo Cônsulado Geral do Brasil em Barcelona.**

Todos os originais constam nos arquivos do Grupo Omega, e estão disponíveis para consulta.



UNIVERSITAT DE BARCELONA
DIVISIÓ DE CIÈNCIES DE LA SALUD

FACULTAT DE PSICOLOGIA

Universitat de Barcelona
Servicio de Gestión Académica

DILIGENCIA: Se hace constar que en el anverso i reverso del presente documento figura la firma de Dña. Mercedes Martínez Torres, la cual es al parecer auténtica y es la propia de la Secretaria de la Facultad de Psicología de esta Universidad en la fecha del documento.

Barcelona, 31 de diciembre de 2002.

Certifico: que **Mario Luis RODRIGUEZ RISSO** con DNI: 43.024.766 ha superado en esta Facultat las asignaturas que se relacionan a continuación. Data de expedición do título de Psicólogo 14/10/80.

QUINTO CURSO

Psicología Social	79-80	Notable
Psicología Social Aplicada	79-80	Sobresaliente
Selección y Orientación Profesional	79-80	Notable
Comunicación social	79-80	Sobresaliente
Psicolingüística	79-80	Notable
Psicomotricidad	79-80	Notable

VºBº
LA VICERRECTORA,

LA JEFA DEL SERVICIO,

Fdo: Núria Casamitjana

Fdo: Paquita Blázquez

AMADOR LOPEZ BALIÑA, Notario del Ilustre Colegio de Cataluña, DOY FE: Que reputo legítima y auténtica la firma que antecede de Dña. Mercedes Martínez Torres, por Sr. de mi. Concedido.

Queda anotado en mi Libro Indicador XXIV asiento 4333... En Barcelona 27/1/03



Pagou R\$. 5,00...ouro
ou Euro 6,25
Tab 4,14

CONSULADO-GERAL DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL EM BARCELONA

Reconheço verdadeira a assinatura retro
de senhor Amador López Baliña, tabelião
na cidade de Barcelona (Espanha)

E, para constar onde convier, mandei passar o presente, que assinei e fiz selar com o Selo deste Consulado Geral.

Barcelona, 04 de fevereiro de 2003.

Emilio Fonta
Vice-Cônsul



Harmonia de corpo e alma

Neste texto a experiente terapeuta e healer Thereza Lúcia Correia Lima, nos explica os efeitos deletérios do stress crônico em todo o corpo humano.

Stress é a reação do organismo a um sinal de alarme frente a um desgaste crônico de situações não resolvidas.

São seus sintomas: taquicardia, pressão alta, problemas digestivos e intestinais, tremores, sudoreses, astenia física e psíquica, ansiedade, depressão e insônia. Tornando-se crônicos, levam às doenças que mais matam no Ocidente, **as famosas quatro C's: Coração** (enfarte), **Cabeça** (derrame), **Câncer** (suas mais diversas e variadas formas), e **Carro** (os cronicamente stressados são os que mais provocam e morrem em acidentes).

Quais são os melhores recursos terapêuticos não químicos, que podem ser utilizados na clínica terapêutica?

- Massagem com relaxamento,
- Visualização Criativa,
- Musicoterapia,
- Cromoterapia e Aromaterapia,
- Reiki e Meditação regulares,
- Reprogramação neurolingüística positiva,
- Reprogramação da consciência alimentar,
- Contatos freqüentes e solitários com a natureza,
- Uma boa combinação de todos os anteriores.

Estatisticamente, as pessoas mais stressadas (mais adrenalina, noradrenalina e outros hormônios e neurotransmissores, cuja alta presença no sangue, significa estado de alerta crônico desnecessário). Estas pessoas estão mal 'programadas' nos diversos aspectos de sua vida - familiar, profissional, financeiro, social, emocional e espiritual.

Os constantemente stressados oxidam suas células e envelhecem seus órgãos, e desgastam seus corpos, a um ritmo entre três e quatro vezes mais rápido que a média das pessoas.

Eles precisam urgentemente passar de um crônico **registro eletroencefalográfico (r.e.e.g)** de ondas **Beta** (14/21 ciclos por segundo), através da meditação e/ou relaxamento, para um r.e.e.g **Alfa** (7/14 c/s.), e continuar descendo através de um bom sono, à ondas **Teta** (4/7 c/s.), até chegar, se possível, a experimentar, mesmo que só por alguns momentos, as ondas **Delta** (0,5/4 c/s.).

Esta freqüência **Delta**, é a que nos permite vivenciar momentos de profunda serenidade e paz interior. **Os stressados crônicos a desconhecem, assim como a maioria das pessoas desconhece que não importa quanto corramos, as coisas seguem o seu curso natural, estabelecido por uma Ordem Superior.** Dito isto stressar-se é total uma insensatez, porém quase todos recaímos frequentemente nele.

Um profissional comprovadamente competente, com um bom grau de domínio das técnicas antes mencionadas, se torna indispensável, como o é um guia para ascender uma montanha desconhecida, e saber o caminho de retorno. Sozinhos nos perdemos entre tanta informação. Alguém precisa fazer uma boa triagem para nós. Este é o papel de um bom terapeuta transpessoal.

Ω

Thereza Lúcia Correia Lima

Terapeuta Holística e Corporal

Mestre Reiki. Trabalha com Florais de S. Germain

Musicoterapia, Massagens e Revitalização para idosos

OTHB - 0022/01 CRTHB-BA- 0039/01

Tel.: (71) 344-2443 / 9103-5835

Coma, Morte Clínica e Ponto Omega

Dezenas de milhares de sobreviventes de **Experiências de Quase Morte (EQM's)**, estudados minuciosamente durante décadas por psicólogos e psiquiatras, exclusivamente dedicados a este tema, o da morte e o ato de morrer, nos mostram um panorama totalmente diferente daquele que nossa cultura nos incutiu durante séculos. Para nosso bem estar psíquico é salutar conhecer esta nova visão.

As experiências de muitos psiquiatras e psicólogos pesquisadores das **EQM's**, a partir da publicação do famoso livro de **Raymond Moody**, "**Life After Life**" (Vida após a Vida), Atlanta, 1975, Mockingbird Books, somam dezenas de milhares de casos. De acordo com a **Gallup**, famosa empresa pesquisadora de opinião dos EUA, existem atualmente mais de oito milhões de norte-americanos adultos que passam por elas. Todos esses relatos de morte clínica ou quase morte (EQM), apresentam notáveis traços comuns, destacando-se a sensação de grande paz e beleza indescritível e o sentimento de amor universal, que todos os que tiveram um contato imediato com a morte, afirmam experienciar.

Mas, o que é essa nova visão da morte? É melhor tentar a resposta pelo contraste. Considere a maneira de pensar a morte como foi ensinada, consciente ou inconscientemente, à maioria das pessoas de mais ou menos quarenta anos no Ocidente. Talvez, nossa primeira exposição à mortalidade humana tenha sido escutar a conversa sussurrada de nossos pais, enquanto discutiam a perda de um membro querido da família. Para muitos de nós, a conversa foi mantida perante a visão de um cadáver num velório ou num acidente automobilístico. A memória de um corpo despedaçado, parcialmente coberto por um lençol na estrada, pode ter se tornado a **nossa** imagem da morte. A visita a um parente idoso num asilo pode ter nos chocado com o grau de decrepitude e perda das funções vitais, que parecem preceder à morte. Ver o olhar vazio de sua avó, incontinente e sem fala, dentro de um corpo corroído por uma doença degenerativa, pode ser a **sua** imagem pessoal da morte.

Torna-se claro que aprendemos a encarar **a morte do lado de fora**, somos sempre os espectadores, e não queremos ou não podemos pensar na **nossa própria**. Desta forma é natural que ela nos inspire medo e repulsa, e que evitemos o assunto, como se estivéssemos anestesiados por um tabu cultural.

A visão da morte vista **desde o interior** e que se baseia na experiência direta de centenas de milhares de pessoas no momento em que quase morreram, ou de fato morreram clinicamente, é totalmente diferente da expressada anteriormente. Estes testemunhos coletivos declaram, que a experiência da morte é extremamente agradável, sendo esta palavra moderada demais para eles. A palavra escolhida pela maioria dos sobreviventes é: **extasiante**.

Isto demonstra: 1º) que a **aparência** da morte é totalmente diferente da **experiência** da morte, 2º) que não faz o menor sentido ter medo ou temor da morte, 3º) que a universalidade desta descoberta e a convicção com que os sobreviventes retomam dela, expressando um total destemor quanto à futura morte, mostram claramente que ainda sabemos pouco ou quase nada dela. Todos os sobreviventes afirmam que nenhuma palavra pode descrever adequadamente a sensação de suprema perfeição que caracteriza a entrada na Morte.

Esta visão **interior**, deriva do estudo sistemático de milhares de casos de EQM's, feitos por dezenas de pioneiros da Psiquiatria e da Psicologia Transpessoal. Dentre eles **Raymond Moody**, **Elizabeth Kübler-Ross**, **Michael Sabom**, **Keneth Ring**, todos eles **Ph.D's.**, autores de best-sellers na área, de acordo com o **New York Times Books Review**.

Esta revolucionária nova visão do

morrer, comprovou ser um potente paliativo para milhões de pessoas que se enfrentam com a iminência da própria morte, ou que lidam com ela na perda de um ente muito querido. Saber que existe bem mais do que as aparências indicam, mas que não pode ser visto, requer um grau de compreensão da perfeição da morte que precisa ser experienciado para ser compreendido.

Estas implicações obviamente não retiram a dor, nem suavizam a sensação de perda que sentimos quando morre alguém que amamos profundamente. A visão **interior não suplanta**, porém complementa uma perspectiva só **externa** dela. O sinistro ceifador **sempre** chega acompanhado de um **Ser de Luz**, que a pesquisa da EQM unanimemente nos permitiu ver, com clareza meridiana.

A visão **interior**, nem nega nem pretende romantizar o processo de morrer. Sabemos o quanto este pode ser doloroso, tanto para o moribundo quanto para seus sobreviventes. Porém traz um conforto verdadeiro, apoiado numa casuística esmagadora, de que a morte é só uma passagem para uma outra dimensão da realidade, da qual retornaremos quando for preciso e apropriado.

O primeiro livro publicado por **Kenneth Ring** em 1980, com investigação científica detalhada, foi "**Life at Death**" ou "**Vida na Morte**", porém foi no seu recente "**Heading Toward Omega**", traduzido em "**Rumo ao ponto Omega**", Editora **Rocco-RJ**, 1997, onde ele aos oitenta e cinco anos, resume seus sessenta anos de professor de **Psicologia da Universidade de Connecticut - EUA**, e pesquisador das EQM's.

Ring compreendeu que a chave para a compreensão da EQM está muito

além do surpreendente relato dela, está nos **efeitos posteriores** na vida cotidiana de quem a experimentou. Ele observou sobreviventes **durante décadas a fio**, e concluiu: "A EQM é como uma semente, é precisamente uma **experiência semente**. Como experiência pode ser muito bela, e parecer completa em si mesma, mas a natureza da semente é crescer e frutificar".

Foi isso que ele comprovou durante décadas de acompanhamento dos seus casos: **Um amadurecimento psicológico, emocional e espiritual extraordinário na quase totalidade dos sobreviventes**.

Ring acrescentou: "Estou disposto a apostar toda a minha reputação humana e acadêmica, de que as linhas gerais de minhas descobertas e conclusões serão confirmadas no futuro próximo, por melhores pesquisas".

Hoje, quase trinta anos depois destas palavras de Ring, Kevin Kostner, o único ganhador de sete Oscar's da Academia num filme só ("Dançando com Lobos"), nos mostra no seu mais recente filme, "Dragonfly" ("O Mistério da Libélula"), que Ring apontava no rumo certo, **em tudo** o que demonstrou sobre as EQM's.

Como Kostner no filme, devemos estar preparados para considerar questões que a mais pura ciência moderna não está habilitada para decifrar, **ainda**.

Do ponto de vista da EQM, a entrada na morte parece muito mais um encontro com o **Ser Amado**, um momento de êxtase tão poderoso que **nunca** pôde ser adequadamente expresso em palavras. Recordemos que o próprio **Dante**, na maior obra literária de toda a Idade Média, desistiu da tentativa de descrever as belezas do Paraíso na rudeza da linguagem humana. Ele já sabia, e a pesquisa atual confirma, que ninguém que tenha experienciado uma EQM, mesmo que só parcialmente, pode voltar a olhar a vida e a morte de outro modo que não seja com um senso de infinita gratidão.

COMO É UMA EQM TÍPICA?

A primeira sensação é de extrema paz e grande bem-estar. Não se sente nem dor, nem qualquer sensação física. Tem-se consciência de um silêncio cristalino, puro, diferente de qualquer coisa que se tenha jamais sentido antes. Existe plena certeza de que, o que quer que ocorra, você está absolutamente são e salvo, nesta atmosfera de paz inebriante. Se começa a ter uma "espécie" de percepção visual do ambiente. A primeira coisa a notar, é que enquanto você - **seu verdadeiro ser** - parece observar tudo de cima, seu

corpo está "lá embaixo", rodeado por um amontoado de gente preocupada e angustiada.

Nunca antes você tinha se sentido tão bem, com sua mente funcionando de forma **hiperlúcida**, e muito mais cheio de vida do que em qualquer outro momento "vivido no corpo". Começa a entrar numa escuridão suave e convidativa semelhante a um **túnel**, em uma inequívoca sensação de mobilidade. Na medida em que se aproxima do fim do túnel, se apercebe de um minúsculo ponto de **luz**, que vai se tornando cada vez maior, forte e radiante. Embora esta luz seja extremamente clara e brilhante, ela não fere seus olhos. Você nunca viu uma luminosidade igual, que parece não ter fim, e que cobre todo o seu campo visual. É invadido por tremendas ondas que penetram até o mais íntimo do seu ser, e que só podem ser descritas como puro Amor. Já não há mais pensamentos, só a



Kuan Yin, a deusa chinesa da misericórdia.

imersão total nesta luz. O tempo cessa. Isto é a eternidade, a perfeição. Você se sente inequivocamente de volta ao seu Verdadeiro Lar.

Entretanto, em meio a esta perfeição atemporal, se apercebe de uma **Presença** bem delimitada, porém intimamente associada a esta luz. Não se trata de uma pessoa, senão de um Ser, uma forma que você não consegue ver bem, mas cuja consciência está obviamente ligada à sua. **Ela o informa que neste momento, é necessário que você decida se vai continuar ali, ou voltar**. No exato instante que este pensamento lhe é comunicado, vê de repente, numa tela gigante, tudo o que lhe aconteceu na vida, como se fosse um bilhão de imagens simultâneas que, apesar disso, são as mais nítidas e precisas já vistas.

Não existe nenhum sentimento de julgamento, só que, quando o véu que

cobre sua memória se descerra à sua frente, **você capta o sentido essencial da sua vida**, e vê, com absoluta clareza, que precisa voltar, pois existem seres na Terra que ainda precisam de sua presença.

Esse é o último fragmento de percepção transpessoal que você tem. O que percebe logo após, é que está internado em uma **UTI**, todo entubado e com dores terríveis. Apesar de impedido de falar, lembra-se nitidamente de cada detalhe do que lhe aconteceu. Fica claro que **não foi sonho, nem alucinação**, nem algo que imaginou. Tudo é constrangedoramente real e objetivo: **mais verdadeiro que a própria vida**. Sente no mais profundo do seu ser, que acaba de viver a experiência mais relevante da sua vida, e que a sua compreensão dela jamais voltará a ser a mesma.

POR QUE, RUMO AO PONTO ÔMEGA?

Ômega (do grego O + Mega, grande, o maior), é a vigésima-quarta, e última letra do alfabeto grego. Para a grande civilização da Grécia Antiga, Ômega já era muito mais do que só isto. Era o mesmo destino de Luz para o qual a humanidade caminha, tal como o Cristo nos recordou: "**Eu Sou o Alfa e o Ômega. Eu Sou o Princípio e o Fim. Ninguém chega ao Pai, senão através de Mim**". Ômega, portanto, representa um final, como a própria morte parece ser o fim da vida. Mas, assim como a palavra "fim" tem um duplo sentido, significando simultaneamente, final ou objetivo, ela é a meta da evolução humana, a derradeira destinação para a qual a humanidade está inexoravelmente direcionada.

Neste sentido Ômega, está associado ao **maior teólogo que a Igreja teve no Séc. XX: o jesuíta francês Pierre Teilhard de Chardin**, que teve todas as suas obras proibidas de publicar pela cúria romana, inclusive depois de sua morte, em 1955. Foi só com o advento de um Papa como **João XXIII**, que a partir de 1963, o mundo conheceu a obra ímpar deste homem, **que foi exilado por Roma, durante cinquenta anos**, estudando e escrevendo sobre Paleontologia na fronteira entre a China e a Mongólia.

Nos seus célebres livros "**O Fenômeno Humano**" e "**O Meio Divino**", ele fala dos vários níveis da evolução - matéria, vida e consciência - e sustenta, que **a evolução humana se move rumo a um estado transumano ou transpessoal, que chamou de "noogênese"**; o nascimento de uma mente planetária unificada e consciente de sua divindade essencial. A este estado final convergente, a culminação da evolução humana na Terra, **Teilhard chamou de**

"Ponto Ômega".

Podemos apreciar toda a importância das EQM's, trocando os níveis de análise do pessoal, para o coletivo ou transpessoal, e veremos que as recentes descobertas sugerem fortemente que estamos como humanidade, caminhando a cada ano de forma mais rápida nesta direção.

De acordo com todas as pesquisas de Ring, as vidas e consciências das pessoas são profunda e positivamente afetadas pelas EQM's. Novos valores, mais solidários, fraternos e nobres, passam a guiar seu comportamento a partir delas. Para apreciar o impacto planetário destas mudanças, precisamos compreender que esses mesmos efeitos estão ocorrendo agora em milhões de vidas no mundo inteiro, independente de raça, religião, nacionalidade ou cultura.

Estas são exatamente as mesmas conclusões a que chegam **Marilyn Ferguson**, na "Conspiração de Aquário"; **Peter Russel**, em "The Global Brain", e **Stan Grof**, **Ken Wilber** e **Fritjof Capra**, em todos os seus livros.

Não somos mais *Homo sapiens*, mas sim *Homo noeticus*, que é o nome que damos a forma emergente da humanidade na Era de Aquário. **Noética** é um termo que significa: o estudo da consciência. Esta atividade é característica básica dos membros desta nova estirpe. Devido a uma consciência ampliada, fruto da autocompreensão e constante autotransformação, eles não permitem que controles como, família, estado, igrejas, gurus, nem qualquer uma das instituições impostas pela tradição, sejam barreiras para o seu desenvolvimento pleno. Suas mentes expandidas se baseiam na expressão, e **não** na supressão dos sentimentos. Suas motivações são cooperativas e amorosas, ao invés de agressivas e competitivas. Sua lógica é de níveis **múltiplos – integrados – simultâneos**, e não, **linear – seqüencial – sim ou não**. Suas habilidades psíquicas são utilizadas para finalidades éticas, voluntárias e benevolentes, nunca para fins imorais, injustos ou prejudiciais. Procuram grupos baseados na sabedoria e no amor, que realizem o saber da Filosofia Perene.

Dada a grave situação atual do mundo, muitos nos perguntarão: Como é possível que vocês acreditem, que tantas pessoas estão mudando para se tornarem indivíduos mais amorosos e compassivos, com profundo desejo de servir aos outros? Mesmo que isto fosse verdadeiro, o que poderia um grupo relativamente pequeno de almas

bondosas fazer para reverter a maré de destrutividade humana, e a nossa aparente queda rumo ao caos planetário?

Queremos evitar abraçar qualquer tentativa de otimismo fácil. Em nossa época, não existem garantias nem certezas de nada, só há esperança. Vivemos desta esperança e tentamos que prosperem as possibilidades de que a humanidade seja resgatada da sua descida



Deus criador Brahma.

ao abismo nuclear ou químico. Enquanto houver esperança nos agarraremos a ela com toda nossa força.

Nos baseamos para a anterior afirmação numa das obras que mais têm revolucionado o meio científico dos últimos vinte anos, *A New Science of Life: The Hypothesis of Formative Causation (Uma Nova Ciência da Vida: a hipótese da causação formativa)*, London, 1981, do biólogo inglês **Rupert Sheldrake**. Segundo ela existem **campos morfogenéticos**, organizadores invisíveis, que transcendem o tempo e o espaço, que não tem massa ou energia, e que, portanto hoje, ainda não são reconhecidos pelos cientistas clássicos.

A idéia básica de Sheldrake, é que uma vez que estes campos tenham se estabelecido numa massa crítica da humanidade, o comportamento noético se expandirá por **ressonância mórfica**.

Aplicando a teoria de Sheldrake ao desenvolvimento de estados mais elevados de consciência, podemos prever que quanto mais indivíduos começarem a elevar seus níveis de consciência, mais forte se tornará o campo morfogenético para esses estados, e mais fácil será para outros, se moverem nesta direção. A sociedade ganhará impulso rumo à iluminação.

Como o nível de crescimento não dependerá das conquistas daqueles que vieram antes, poderemos entrar numa fase de crescimento superexponencial, que levaria a uma reação em cadeia, em que a maioria rapidamente começaria a fazer uma transição para um grau mais elevado de consciência.

Existe por acaso alguma razão lógica para o recente aumento exponencial de interesse por temas espirituais e pelo processo da morte e do morrer? Será que estamos avançando para um tempo em que seja necessário compreender que a vida física é apenas uma pequena parte da vida toda?

As profecias cataclísmicas, que abundam na mídia, antecipam uma revolução sem precedentes e de proporções impressionantes, que não será no plano físico, e sim no plano mental da humanidade. Um terremoto psicológico, cuja magnitude nunca foi experimentada antes pela consciência humana. Esta se encontra num limiar de um salto evolutivo, um salto que pode ocorrer num lampejo de tempo evolucionário, que só costuma acontecer uma vez num milhão de anos. As mudanças que nos levam a ele estão ocorrendo todos os dias, diante de nossos olhos, ou melhor, atrás deles, dentro de nossas mentes.

A sua mensagem principal é nos ensinar a viver em harmonia e confiança

"Eu Sou o Alfa e o Ômega. Eu Sou o Princípio e o Fim. Ninguém chega ao Pai, senão através de Mim".

com o bem supremo dentro de nós. Este salto, de que falamos, nos fará recordar quem realmente somos. O símbolo de uma era dourada está diante de nós, encorajando-nos a acreditar que a mente humana, anteriormente animal, recebeu a Fagulha Divina, e começou a ascensão.

Há inúmeras formas de aprimorar nosso padrão vibratório, expandir a consciência, e atingir um potencial mais elevado. À medida que nos transformamos, nossa comunidade, nosso País, e nosso planeta, o farão também por **ressonância mórfica**.

Percebe-se um profundo significado **evolutivo** das EQM's e suas implicações e desdobramentos na vida cotidiana de seus sobreviventes. Eles podem promover um despertar semelhante em muitos outros, prefigurar nosso destino planetário, o próximo estágio da evolução humana, a deslumbrante ascensão rumo ao ponto Ômega. Ω

Freud, Lacan, e o Fim da Psicanálise?

O fim da psicanálise? Título de capa da edição de outubro de 2002 da *"Super Interessante"*, revista de ponta da Editora Abril. A foto ao lado, que a ilustra, responde eloqüentemente. De forma parecida como aconteceu gradualmente com o marxismo, a psicanálise começa a encerrar seu ciclo.

Muito tempo durou o clichê "Freud explica". Atualmente, ele explica cada vez menos.

O gênio de Viena dominou a cena durante todo um século, como o demonstra magistralmente Emilio Rodrigué (1), em sua imponente obra em três volumes *"O Século da Psicanálise"*. Emilio, velho amigo e mestre, hoje com oitenta anos e a lucidez de sempre, reconhece que a psicanálise clássica está fadada à extinção, é só uma questão de tempo (2).

Em 2003, o conceito de inconsciente que temos é **totalmente diferente** ao daquele jovem que estudou medicina na década de 1880, em Viena, capital do Império Austro-Húngaro.

Já está fartamente explicado na entrevista de Grof e no artigo sobre Édipo, as enormes limitações antropológicas, conceituais, clínicas e terapêuticas da Psicanálise.

A grande maioria dos neurologistas e neuropsiquiatras de hoje consideram que há muito mais ficção do que ciência no trabalho de Freud, e o próprio público, os ditos "pacientes" ou "clientes", continuam esvaziando os consultórios da psicanálise clássica.

Nas palavras da sua própria neta, Sophie Freud, professora da Simmons University, Boston, Massachusetts (EUA): *"só alguém com pouco bom senso levaria hoje a sério, a maioria das idéias de meu avô"* e acrescenta *"não há nenhuma prova de que os resultados da Psicanálise sejam eficazes, porém no século XX conseguiu tornar-se quase uma religião"* (3).

São totalmente evidentes os inúmeros benefícios que Freud trouxe para a arrancada da psicologia profunda no Ocidente. Sua forma atenta de escutar o inconsciente continua sendo exemplo para a maioria das terapias que floresceram no século XX. Hoje, porém, o conceito de inconsciente ampliou-se enormemente.

É básico conhecer Freud e seus principais seguidores: Jung, Reich, Perls. Eles são os alicerces da Psicologia ocidental. Hoje,

temos uma perspectiva mais ampla da mente humana, graças a eles. Sabemos atualmente, porém, que boa parte dos distúrbios mentais está ligada a causas orgânicas, e que é possível controlar, com alto grau de eficiência os mecanismos neuroquímicos que disparam, por exemplo, desde as depressões até os delírios alucinatórios. Diz a Super Interessante: *"utilizar hoje o método freudiano para tentar curar uma esquizofrenia é tão inútil quanto tentar encontrar um erro num programa de computador quando a raiz do problema está no HD"*.

Já não é mais possível interpretar sonhos na base de conceitos como: inveja de pênis, angústia de castração, vagina dentada, ou luta edípica. Já não é mais suficiente guiar-se só pela *"Interpretação dos Sonhos"* de 1900. Neste século que passou a interpretação onírica se ampliou tanto quanto a Física Quântica. Um sonho é igual a uma pintura ou escultura abstrata numa exposição de Arte Moderna. Cada um vê e interpreta o que quer, ou o que pode segundo o seu próprio Inconsciente ou seu grau de Consciência.

Supostamente quem teria feito a releitura mais revolucionária da obra de Freud, teria sido o médico psiquiatra e psicanalista francês Jacques Lacan. Nós não pensamos assim. Pensamos que se continuou especulando *"ad nauseam"* sobre teorias em momento nenhum comprovadas, nem sobre as que possa existir o mínimo consenso científico.

ANÁLISE CRÍTICA DA OBRA DE LACAN

Lacan (1901-1981) foi um dos mais famosos e influentes psicanalistas europeus do século XX. Todo ano, dezenas de livros e artigos são dedicados à análise da sua obra. De acordo com seus discípulos, ele revolucionou a teoria e a prática da Psicanálise. De acordo com seus críticos, foi um charlatão, cujos escritos não passam de pura verborragia oca.

A recente publicação na França do livro de Sokal e Bricmont *"Impostures*

Intellectuelles", tradução do original inglês *"Fashionable nonsense"*(4), (a tradução ao espanhol é mais fiel *"O Absurdo de Moda"*) criou uma furiosa tormenta nos círculos intelectuais pós-modernos, dos quais Lacan foi um dos principais expoentes.

O livro foi escrito para explicar uma paródia. Esta consistiu em publicar na conceituada revista norte-americana *"Socialtext"*, um artigo satírico de Alain Sokal, Ph.D. e professor de Física da Universidade de New York e Jean Bricmont, Ph.D. e professor de Física Teórica da Universidade de Louvain, Bélgica. É um ensaio denso, repleto de citações sem sentido, porém, **infelizmente autênticas**, sobre Física e Matemática, proferidas por proeminentes intelectuais franceses.

"Imposturas Intelectuais" explica em termos laicos, porque as citações do artigo - paródia, são absurdas e carentes de sentido, e comenta as circunstâncias culturais que permitiram que esses discursos vazios alcançassem tal reputação e não fossem até agora desmascarados.

A farsa, publicada com a maior seriedade pela *"Socialtext"* é uma caricatura do tipo de trabalho que havia proliferado em anos recentes. Seu título é *"Transgredindo as Fronteiras: em direção a uma hermenêutica transformativa da gravitação quântica"*. Está eivada de absurdos totais e de ilogismos flagrantes.

Apesar de tudo isto, o artigo foi aceito, publicado, e pior ainda, a *"Socialtext"*, fez uma edição especial destinada através dele, a refutar a crítica dirigida ao pós-modernismo por vários eminentes cientistas mundiais. Quando Sokal revelou logo após a publicação da revista, a farsa da sua paródia, provocou um furacão, cuja onda expansiva se sente até hoje.

QUE PRETENDEM SOKAL E BRICMONT DEMONSTRAR?

Que uma boa parte do Pantheon sagrado da intelectualidade francesa

contemporânea, Lacan, Deleuze, Guattari, Irigaray, Latour, Lyotard, Serres e Paul Virílio, dentre outros, abusaram constantemente da terminologia, conceitos e idéias científicas, **totalmente fora de contexto**, atirando jargões na cara de seus leitores não cientistas, sem nenhum respeito pela relevância ou mesmo pelo sentido científico apropriado das palavras.

Num exame minucioso, percebe-se logo que a paródia foi construída **exclusivamente** em torno de citações **desses eminentes intelectuais franceses**. Os trechos são, ou absurdos, ou desprovidos de sentido, mas apesar disto, **absolutamente autênticos**. A única contribuição de Sokal foi providenciar um "cimento" de lógica, evidentemente fantasiosa para ajuntar estas citações e elogiá-las (5).

A CRÍTICA DA CIÊNCIA MUNDIAL À ACADEMIA FRANCESA.

O abuso reiterado de extrapolar conceitos e terminologias provenientes da **Física** e da **Matemática** aos assuntos sociais, se caracteriza pelos seguintes pontos:

1. Importar conceitos próprios das ciências naturais (Matemática, Química, Física, Biologia) para o interior das ciências sociais (Sociologia, Antropologia, Psicologia e Psicanálise) sem dar para isto a menor justificação conceitual, ou empírica. Por exemplo, se um biólogo quer empregar em suas pesquisas noções de topologia matemática, teoria de conjuntos, ou geometria diferencial, precisa dar ao leitor alguma explicação de sua pertinência. Pelo contrário, com **Lacan** aprendemos que a estrutura do paciente neurótico é o

toro (sic.: terminologia geométrica), com **Julia Kristeva**, que a linguagem poética pode ser teorizada em termos da cardinalidade do *continuum*, e com **Braudillard**, que a guerra moderna ocorre num espaço não euclidiano. **Tudo isto sem nenhuma explicação.**

2. Estes autores exibem uma verdadeira intoxicação de palavras, combinadas com uma extraordinária indiferença para com o seu significado. Falam, porém com uma autoconfiança que excede de longe sua competência científica: **Lacan** orgulha-se de utilizar "a mais recente evolução em **Topologia**", **Latour** pergunta se ele não teria podido ensinar algumas coisas a **Einstein**. Eles imaginam que podem **explorar o prestígio das ciências naturais e exatas**, de modo a transmitir a seus discursos uma aparência de

rigor. Parecem pensar que ninguém iria revelar este emprego sistematicamente incorreto dos conceitos científicos, que ninguém iria dizer que "o rei está nu".

É necessário desconstruir a reputação que estes textos têm de serem difíceis, em virtude das idéias ali contidas serem muito profundas. **Demonstraremos que se os textos parecem incompreensíveis, isto se deve à excelente razão de que eles não querem dizer absolutamente nada** (6). Sublinhemos que não é nada vergonhoso ser ignorante em cálculo infinitesimal ou em mecânica quântica. O que se critica é a pretensão destes celebrados intelectuais franceses de propor reflexões baseadas em complexos temas científicos que eles só conhecem, na melhor das hipóteses, no plano da popularização.



QUE RESPONDEM SOKAL E BRICMONT AS CRÍTICAS DAS SUAS POSIÇÕES.

1 - Ao caráter marginal das citações.

Estes textos contêm muito mais do que meros "erros": eles demonstram uma profunda indiferença e desdém pelos fatos e pela lógica.

Quando a desonestidade intelectual ou a flagrante incompetência é descoberta num trecho, é natural querer examinar mais profundamente o restante do trabalho.

Consideremos por exemplo a obra de Isaac Newton: **mais de 90% de seus escritos tratam de alquimia e misticismo**. Mas e daí? O resto sobrevive porque está baseado em sólidos argumentos empíricos e racionais.

2 - Vocês não entenderam o contexto...

Os defensores de Lacan, Deleuze e Guattari, poderiam afirmar que suas citações de conceitos científicos são válidas e até profundas, e que nossa crítica falha porque não conseguimos entender o contexto. Admitimos de boa vontade que nem sempre entendemos o restante da obra destes autores.

Responderemos que, quando conceitos da Matemática e da Física, são trazidos para outra área do conhecimento, algum argumento deve ser fornecido para justificar sua pertinência. Em todos os casos apresentados, não existe nenhum argumento deste tipo, nem próximo ao trecho que se cita, **nem em nenhuma outra parte da obra dos autores.**

Segundo, já que os conceitos da Matemática Superior têm significado preciso, esta é útil quando aplicada à campos nos quais os conceitos, tem igualmente significados mais ou menos precisos. É difícil perceber como a **noção matemática de espaço compacto** pode ser aplicada proveitosamente para comparações com uma coisa tão mal definida, quanto o "espaço de jouissance" (gozo) na **psicanálise lacaniana.**

3 - Licença poética?

Esses autores dissertam, com pretensa seriedade, sobre filosofia, psicanálise, semiótica, sociologia e lingüística, dentre outros. **Seus trabalhos são objetos de incontáveis análises, exegeses, seminários e teses de doutorado.** Seu objetivo é nitidamente produzir teoria do estilo mais pesado e pomposo, e por isso é altamente improvável que sua meta seja primariamente literária ou poética.

4 - Quanto ao papel das metáforas.

Alguns pensarão que estamos interpretando estes autores muito literalmente, e que as passagens que citamos deveriam ser lidas como metáforas, e não como raciocínios precisos. **A metáfora, quando utilizada em ciência é para esclarecer um conceito pouco familiar, relacionando-o a outro mais familiar, e não ao contrário, para apresentar como profunda uma observação filosófica ou sociológica banal, revestindo-a elegantemente de jargão pretensamente científico.**

5 - Quanto às analogias

Muitos desses autores tentam argumentar por analogia. Pensamos, contudo, que eles fazem analogias entre **teorias bem estabelecidas das ciências naturais**, e teorias demasiado vagas, como para serem submetidas a qualquer teste empírico, **como o é por excelência a psicanálise lacaniana.** Não podemos deixar de suspeitar que a função destas analogias é

ocultar a fragilidade das mais vagas teorias. O sociólogo Stanislav Andreski, o expressa com sua habitual ironia:

"Para alcançar status de autor neste campo, a receita é tão simples quanto compensadora: pegue um livro universitário de matemática, copie as partes menos complicadas, enxerte algumas referências à literatura mais recente sobre um ou dois ramos dos estudos sociais, sem se preocupar demasiado se as fórmulas que você anotou têm alguma relação com as ações humanas reais, e dê a seu produto um título bem sonoro e pomposo, que sugira que você encontrou a chave da ciência exata do comportamento humano" (7).

6 - Quem é competente para avaliar?

O valor intelectual de uma intervenção é determinado pelo seu conteúdo, **não pela identidade de quem fala, e muito menos pelos seus diplomas.** Apenas nos limitamos a uma crítica das afirmações sobre matemática e física, e as correlações e extrapolações irresponsáveis que se fazem delas com as ciências sociais.

7 - O argumento de autoridade:

Se afirmarmos que **a matemática de Lacan é uma total e absoluta tolice,** como poderiam os leitores não cientistas julgar? Devem fiar-se apenas em nossas palavras?

Precisamos lembrar que a nossa crítica não se ocupa principalmente de erros, mas da **manifesta irrelevância** da terminologia científica para o tema supostamente investigado. **Anos depois da publicação de "Imposturas Intelectuais" na Europa e nos EUA, ninguém forneceu nem mesmo o mais leve argumento, explicando como essa relevância pode ser estabelecida.**

8 - Por que a crítica a esses autores e não a outros?

Porque não temos a intenção de escrever uma enciclopédia em dez volumes sobre **"O Absurdo desde Platão"**, nem competência para fazê-lo. Nosso escopo como cientistas, é limitado aos abusos cometidos nas áreas nas quais podemos reivindicar alguma perícia, isto é, a **Matemática e a Física.**

ANÁLISE DA MATEMÁTICA DE LACAN

Não entraremos no debate sobre a parte puramente psicanalítica da sua obra. Nos limitaremos à análise de suas freqüentes e inconexas referências à Matemática, para mostrar que ele ilustra perfeitamente, em diferentes épocas da sua obra, todos os abusos aqui enumerados. Seus escritos contêm referências à topologia já nos anos 50, porém, sua intervenção mais

célebre foi no famoso Congresso sobre **"Linguagem e Psiquiatria na Esquizofrenia"** na celebrada **Universidade John Hopkins**, em Baltimore, EUA, 1966: **"No espaço de jouissance (gozo), apoderar-se de algo que é limitado, fechado (borné, fermé), constitui um lócus (lieu), e falar dele é uma topologia"**.

Nesta curta frase, Lacan usa quatro termos técnicos da análise matemática (espaço, limitado, fechado, topologia), sem prestar a menor atenção a seus significados. A frase não tem o menor sentido do ponto de vista matemático. Mesmo que o conceito de **"jouissance"** tenha um sentido claro e preciso em psicologia, Lacan não oferece razão alguma que permita pensar que a **jouissance** possa ser considerada um "espaço" no sentido técnico desta palavra em topologia.

Outro belo exemplo da matemática de Lacan é esta fórmula:

**S (significante) = s (o enunciado),
s (significado)**

**s (significado) com S = (-1), resulta:
s = raiz quadrada de -1.**

Lacan a explica como segue:

"Assim é que o órgão erétil vem simbolizar o lugar da **jouissance** (gozo), não em si mesma, nem sequer em forma de imagem, mas como a parte faltante na imagem desejada: isso porque é igualável a **raiz quadrada de -1** da significação produzida acima, da **jouissance**, que ele restitui pelo coeficiente de seu enunciado à função da falta de **significante (-1)**" (8).

Que maravilha! Temos **todos** nosso órgão erétil equalizado à **raiz quadrada de (-1)**. Mesmo que sua álgebra tivesse algum sentido, o **"significante"**, o **"significado"** e o **"enunciado"**, que aparecem na sua fórmula, **não são obviamente números, e a linha horizontal (um símbolo escolhido de forma totalmente arbitraria) não indica a divisão de dois números. Portanto seus "cálculos" não passam de pura fantasia** (9).

Não analisaremos as suas **"fórmulas matemáticas da sexuação"**, por considerar simplesmente que nada acrescentam.

O ENCONTRO DAS "DUAS CULTURAS": CIÊNCIAS NATURAIS E SOCIAIS.

Compreendemos que a interdisciplinaridade está na ordem do dia, e de modo algum desejamos inibir a interação entre as **ciências físico-matemáticas e as ciências humanas**; o objetivo é ressaltar

algumas pré-condições que julgamos necessárias para um verdadeiro diálogo:

a) **É uma boa idéia saber do que está se falando.** Para expressar-se de forma sensata é preciso compreender as teorias científicas relevantes em nível bastante profundo e inevitavelmente técnico. Uma compreensão vaga no plano da vulgarização não é suficiente.

b) **Nem tudo o que é obscuro é necessariamente profundo.** Existe uma enorme diferença entre discursos que são difíceis, em virtude da natureza inerente ao seu objeto, e aqueles, cuja vacuidade ou banalidade é cuidadosamente escondida atrás de uma prosa deliberadamente obscura. Estes textos parecem exigir do leitor que dê um salto quântico, ou que passe por uma experiência de revelação mística afim de compreendê-los.

c) **A ciência não é um "texto".** A Física e a Matemática não são meros reservatórios de metáforas prontas, para serem empregadas aleatoriamente nas ciências humanas. As teorias científicas não são romances. No seu contexto, as palavras têm significado **hiper-específico**, e diferem de modo sutil, mas crucial, dos seus significados costumeiros. Só podem ser entendidas, dentro de uma teia complexa de teoria, prática e experiência. **Usadas como metáforas, fora de contexto, é o caminho mais curto de se chegar a conclusões absurdas.**

d) **Ser prudente com os argumentos de autoridade.** Se as ciências humanas querem se beneficiar dos inegáveis êxitos das ciências naturais, não precisam fazê-lo extrapolando mecanicamente conceitos científicos. Em vez disso, elas poderiam buscar inspiração no melhor dos princípios metodológicos das ciências naturais, começando por este: avaliar a validade de uma proposição com base nos fatos e nos raciocínios que a sustentam, sem olhar para as qualidades pessoais, ou status social de seus defensores ou detratores.

e) **Acreditamos que a atitude científica correta, amplamente entendida, com respeito à clareza e coerência lógica das teorias, é a confrontação delas com evidências empíricas.** É tão pertinente nas ciências naturais quanto nas ciências sociais. **Mas são as ciências sociais as que mais sofrem, quando o absurdo e os jogos de palavras substituem a análise crítica e rigorosa das realidades sociais.** O que é mais grave é que os estudantes aprendem a repetir e a enfeitar discursos que mal entendem, e até, com sorte fazer carreira acadêmica, tornando-se só especialistas na manipulação de um jargão erudito.

OCASO INEVITÁVEL

Adolf Grünbaum, chefe do Departamento de Filosofia da Ciência e professor de Psiquiatria da Universidade de

Pennsylvania em Pittsburg, diz o seguinte: **“está claro que a Psicanálise já está morrendo na Alemanha, Inglaterra, Escandinávia, Suíça e nos EUA. Ela pode ter um pouco de sobrevida na França, Itália e na Argentina, mas o decrescente número de psiquiatras e psicólogos que estudam para serem psicanalistas, constata sua decadência. Nas principais universidades norte-americanas, Freud está saindo cada vez mais rápido dos departamentos de Psicologia e Psiquiatria, para entrar nos cursos de Literatura”**. (10)

Fritjof Capra, o homem que mudou o mundo da Física e sua relação com a Psicologia, quando publicou em 1975, **“O Tao da Física”**, em 1987, **“O Ponto de Mutação”**, e em 1995, **“A Teia da Vida”** aponta o seguinte:

“Pela sua tradição familiar no Talmud judaico, Freud se interessou pela religião e pela espiritualidade. No fim da vida, no seu último livro, chegou, porém, à seguinte conclusão: que toda religião não passa de um delírio coletivo, uma neurose mal resolvida com o poder da figura paterna” (11). Assim com **“Moisés e o Monoteísmo”**, que apresenta conclusões tão limitadas quanto esta sobre todas as tradições espirituais de Conhecimento da humanidade, terminaram os escritos de Freud em 1939.

O tema do instinto do amor (**eros**) e o instinto da morte (**tanatos**), ocuparam Freud em seus últimos anos de vida, enquanto o **nazismo** avançava irrefreável pela Europa. As várias perdas familiares que teve em sua família na guerra (**1914-1918**), sua preocupação patológica com a própria morte, seu sofrimento contínuo com o câncer que o afligiu durante décadas, marcaram estas reflexões. A guerra demonstrou que não é possível continuar analisando pacientes no divã, sem levar atentamente em conta os contextos interpessoais, políticos e sociais.

Outra das falhas fundamentais da psicanálise: a sua ênfase exclusiva no inconsciente individual e nos eventos biográficos só desta existência. Hoje diríamos, que sua maior deficiência é não ter podido reconhecer os níveis perinatais e transpessoais do inconsciente.

Também não compreendeu que nascimento e morte são os dois eventos da maior relevância da vida. São o alfa e o ômega da existência humana. **“Um sistema psicológico que não os incorpore e os compreenda se torna superficial, incompleto e de eficácia limitada”** (Grof).

De **William James** nos EUA a **Freud** em **Áustria**, a Psicologia ocidental

conta pouco mais de cem anos de estudo da Consciência, enquanto que as Tradições de Conhecimento que ele tão levemente descarta - **sem tê-las conhecido por dentro, como Jung foi conhecê-las** - possuem em sua maioria vários milênios de existência e comprovação continuada pela experiência.

Evidentemente, podemos perceber que apesar de devermos ser profundamente gratos ao gênio de Freud, ele observou a realidade da alma e do espírito humanos, desde perspectivas geográficas e históricas extremamente limitadas.

PORQUE JUNG FOI ALÉM?



Jung à beira do lago em sua casa em Küsnacht.

Pela cuidadosa análise de seus próprios sonhos, dos sonhos de seus pacientes e das fantasias e delusões de psicóticos, **Jung** descobriu que, comumente, os sonhos contêm imagens e motivos que podem ser encontrados não só nas mais diversas partes da Terra, como em diferentes períodos da humanidade. Concluiu que além do inconsciente individual, **há um inconsciente coletivo ou racial, comum a toda humanidade**, manifestador da força cósmica criativa. As únicas fontes de informação fidedignas sobre os aspectos coletivos do inconsciente são justamente a história das religiões comparadas e a mitologia mundial que Freud totalmente desprezou.

Por ter trabalhado toda uma vida com psicóticos esquizofrênicos no **Hospital Psiquiátrico de Zürich**, Jung se dispunha a aceitar **o irracional, o paradoxal, e o misterioso**. Durante sua vida, teve várias experiências místico-religiosas que o convenceram da realidade da dimensão espiritual no esquema universal das coisas, e as considerava parte orgânica e integral da psique. Sustentava que se a análise e a autoexploração alcançam suficiente profundidade, os elementos espirituais emergem inexoravelmente na consciência.

Enquanto Freud, estritamente histórico e determinista se ocupava em

encontrar explicações racionais para todos os fenômenos físicos e traçar suas raízes biológicas seguindo os elos da causalidade linear, Jung estava certo de que **ela não é o principal princípio mandatório da Natureza**. Quem quiser compreender a sua concepção quântica da Psicologia pode ler seu brilhante ensaio de apenas 60 páginas chamado **“Sincronicidade”**.

Em resumo, sabemos que cada um deu o seu aporte e se transformou em um degrau da escada do conhecimento para que outros se apoiassem e continuassem subindo. Em 2003, já não mais questionamos o gênio desses homens.

O talento excepcional deles é incontestável. O que nos parece verdadeiramente preocupante é que se continuem criando igrejas, como a já muito expandida **“Escola Brasileira de Psicanálise Ortodoxa”**, que bem poderia se chamar Igreja Brasileira de Psicanálise Ortodoxa.

O neurologista Antonio Damásio, professor do Departamento de Neuro-psiquiatria da Universidade de Iowa, o resume assim: **“o principal problema da Psicanálise não está em Freud, está no imenso número de psicanalistas, que se fecharam ao mundo exterior, apegando-se a teorias como se fossem dogmas religiosos”**(12).

Este é o fim da Psicanálise de que falamos, aquela que ainda não compreendeu que nenhuma ortodoxia resiste à força do passo do **Tempo**.
Ω

NOTAS:

1. Médico Psiquiatra e psicanalista argentino **internacionalmente reconhecido**. Foi presidente da Associação Psiquiátrica Argentina, Vice-presidente da International Psychoanalytical Association. Notável por seus trabalhos em Psicanálise aplicada a grupos e pela sua obra em três volumes: **“O Século da Psicanálise”**.
2. Comunicação pessoal ao editor no dia 12/12/02.
3. **Revista Super Interessante**, outubro de 2002, pág. 44.
4. Editions Odile Jacob, Paris, Outubro, 1997. Existe tradução em português: **“Imposturas Intelectuais”**. Ed. Record, RJ, 1999.
5. O texto completo do artigo de **Sokal** publicado pela **Socialtext**, se encontra na tradução portuguesa nas páginas 231 a 274.
6. *Ibid.* Nota 5. Pág. 277.
7. Stanislav Andreski, Social Sciences as Sorcery (1972, p. 90)
8. (**Lacan 1977b**, pp 318-320). Citado textualmente em **“Imposturas Intelectuais”** na pág. 38.
9. Para uma exegese mais profunda deste “algoritmo” de Lacan, veja-se Nancy e Lecoue - Labarthe (1990, parte 1, cap 2).
10. *Ibid.* Nota 3. Pág 45.
11. **Fritjof Capra**, **“A Teia da Vida”**, Ed. Cultrix-Pensamento, SP, 1995.
12. *Ibid.* Nota 3. Pág 47.

Os Sete Hábitos das Pessoas de Sucesso

Desde a infância, tenho ouvido pessoas mencionarem a influência marcante que certos livros exerceram sobre elas. Algumas vezes a referência me soava exagerada, quando a ênfase era do tipo: **“Este livro mudou a minha vida”**. Hoje, sei que isto é verdade, na medida em que o livro nos revela a nós mesmos, permitindo identificarmos as aspirações mais profundas de nosso espírito.

Muitos são os textos que vêm contribuindo, ao longo do tempo, para a modelagem contínua do meu processo de imersão e compreensão do mundo. Aos **Sete Hábitos das Pessoas Muito Eficazes**, porém, de **Stephen Covey**, cabe a palma de haver imprimido um curso novo à minha jornada existencial.

Considerado numa pesquisa entre quarenta mil executivos, do mundo inteiro, vinculados a empresas com faturamento anual superior a vinte e cinco milhões de dólares, **como o mais importante livro publicado no Século XX para empresários** (Revista *‘Chief Executive’*, dez. 1997, EUA).

Stephen Covey, baseado em mais de vinte e cinco anos de pesquisas e experiência como consultor empresarial, nos propõe uma síntese entre eficácia profissional e satisfação pessoal, ensinando que a liderança e o sucesso autênticos devem **estar centrados em princípios**.

A partir de sua leitura, seguida de uma reflexão sobre cada um dos seus ensinamentos, comecei a estudar profundamente os sete hábitos e aplicá-los na minha vida, obtendo resultados altamente recompensadores. Decidi então, acompanhar de perto as transformações positivas no desempenho de pessoas que aplicam esta metodologia em suas vidas. Com base nisto, fiz uma adaptação à realidade brasileira e à nossa vida social e comecei a difundir esta filosofia através da palestra: **“Os Sete Hábitos das Pessoas de Sucesso”**.

Os **sete hábitos** são divididos em duas categorias fundamentais: os três primeiros são definidos como hábitos do caráter, porque a sua prática independe da existência de um interlocutor, são praticados pelo indivíduo em relação a ele

mesmo. Os hábitos quatro, cinco e seis, denominados da personalidade, são os que aplicamos no relacionamento com as outras pessoas, e o sétimo é aquele que permite a manutenção de todos os anteriores.

O primeiro é o da **proatividade**, que traduzido na sua expressão mais simples, é que o indivíduo se comporta na vida como agente e construtor do seu destino. Proatividade significa muito mais do que tomar a iniciativa, implica que, você assume o pleno controle da sua própria vida. Possui iniciativa e responsabilidade suficientes para fazer com que as coisas aconteçam. Se você é proativo tenderá a não culpar as pessoas ou as circunstâncias pelo que lhe acontece. **Bernard Shaw** o expressou assim: **“As pessoas que avançam neste mundo são aquelas que se levantam e procuram as circunstâncias que querem e, se não as encontram, elas as produzem”**.

O segundo é o da **liderança pessoal**. Através dele, você entra em contato com seus reais valores, com a sua essência, com o propósito da sua alma; para que a sua vida concreta, prática, cotidiana possa espelhar **realmente quem você é**. Ele permite que você possa detectar o princípio-guia da sua vida e destilá-lo **em forma de missão** para que, mais adiante não se arrependa do que deixou de fazer, e ao olhar pra trás possa dizer: **“Esta foi exatamente a vida que eu quis viver”**. A partir desta avaliação é preciso traçar **um projeto de vida claro** em todas as áreas que são fundamentais. O hábito da Liderança Pessoal é o hábito de quem sabe aonde quer chegar.

O terceiro é da **prioridade**, da valorização do tempo. Ele vem para lhe dizer: **“Primeiro o mais importante”**. Nele, o verdadeiro desafio não é administrar o tempo, mas sim administrar você mesmo; é adquirir controle do tempo e melhorar sua vida a partir da compreensão de duas dimensões: **importância e urgência**, que criam categorias diferentes de demanda de tempo. **“Importante”** significa estar vinculado ao hábito dois, sua missão, sua função, seus objetivos; você decide a direção. Agora, o que é **“urgente”**? É o que está lhe pressionando, uma atitude que precisa ser tomada e que não lhe permite escolher. O hábito três, primeiro o mais importante, ajuda-o a focalizar as suas prioridades, a perceber como você usa o seu tempo naquilo



Foto: Saulo Kainuma

Monica Ferreira é Administradora de empresas, Auditora na Secretaria da Fazenda. Especialista em pesquisas na área do comportamento e desenvolvimento humano. Palestrante de grupos e empresas.

que realmente importa para você, dia-a-dia, momento a momento.

O quarto é o da **generosidade**, do **GANHAR X GANHAR**. É o que resulta do cultivo de uma mentalidade abundante, da crença de que na vida há o suficiente para todos, em oposição à mentalidade da escassez, que acredita que a vitória de uns tem que ser construída, necessariamente, sobre a derrota de outros. Este hábito se constitui numa filosofia humana de interação, na qual você sempre procura soluções que permitam que todos saiam ganhando.

O hábito cinco se resume em uma frase, um princípio básico na área das relações interpessoais: **procure compreender primeiro para depois ser compreendido**. Para muitos, o entender primeiro requer uma profunda mudança de paradigma, pois a maioria das pessoas quer primeiro, ser entendida, **e isto significa que elas não sabem ouvir**. A nossa sociedade está tomando cada vez mais consciência da importância do saber ouvir para o sucesso das relações, inclusive nas organizações. É cada vez maior o número de empresas que investem em programas e treinamentos, visando ensinar os seus executivos e colaboradores um ouvir de qualidade, estando realmente presente nesta escuta. O hábito do compreender primeiro é

podemos e conduz os relacionamentos a novos patamares de qualidade e resultados.

O seis, que encerra o ciclo dos hábitos do relacionamento, é o da **sinergia**. Como pode se perceber, esses hábitos se encadeiam um no outro, vão se encaixando de tal forma que a existência de um, enseja o surgimento do outro. O sexto hábito, que é uma decorrência natural do quinto, é o da **cooperação criativa**. A sinergia e a sua prática decorrem do grau de compreensão que temos, de que todas as vezes que tivermos uma disputa, é preciso nos sentarmos de espírito desarmado, e praticar o hábito cinco. Ouvindo a visão do outro, compreendendo na sua plenitude as suas aspirações, invariavelmente as pessoas vão

encontrar uma solução que será melhor para ambas, do que a solução que cada uma originalmente propunha. Desta forma, Sinergia é a real concretização dos hábitos anteriores e pode ser aplicada tanto nas organizações como nas famílias.

O sétimo é o da **auto-renovação**. É o hábito da auto-manutenção, que quando praticado por inteiro e regularmente, permite desenvolver os outros. Ele decorre da compreensão de que o nosso corpo e o nosso espírito são a sede permanente da nossa existência, e, portanto nós devemos investir no cuidado que dedicamos a eles. A auto-renovação vem para lhe dizer que você tem o direito e o dever de investir permanentemente no seu bem-estar

pessoal, cuidando de si em sua quádrupla dimensão existencial: física, intelectual, social e espiritual.

Estes são os sete hábitos das pessoas de sucesso. **O que se sabe, e se pode afirmar com segurança é que, quem se dispuser a estudar e incorporar estes hábitos, passará a fazer aquilo que é o objetivo mais importante de todas as técnicas de autodesenvolvimento: fazer nascer o mestre que há dentro de nós. Cada um leva o mestre dentro de si, e o caminho é despertá-lo e colocá-lo inteiramente a serviço nosso e de todos.** Ω

e-mail: monicacferreira@uol.com.br

O Inconsciente Coletivo

O mundo como é usualmente percebido, parece ser uno, genérico, igualmente constituído de pessoas que pensam e sentem as mesmas coisas. Os meios de comunicação parecem transmitir a idéia de que todos vivemos conscientes das mesmas histórias e que concordamos com as mesmas interpretações a respeito das causas geradoras dos fatos. Neste aspecto, a mídia contribui para um isolamento crítico, pois mostra só, aquilo que está ao seu **aparente ilimitado** alcance.

A história sempre é contada pelos vencedores, e filtrada pelas características culturais de quem a edita. Na ânsia de mostrarem-se conhecedores e explicadores do mundo, se apressam em interpretações particulares, apresentadas como unanimidades. O mundo oriental, por exemplo, com suas interpretações a respeito da vida, ou mesmo, os islâmicos, com suas crenças, nunca tiveram relevância em nossos livros de história ocidentais.

Os povos que migraram do leste para o oeste, do norte para o sul da Europa, provavelmente fugindo do frio e da fome, foram considerados bárbaros. No entanto, quando eles próprios, os europeus, vieram ao novo continente, se autodenominaram exploradores. Escravizaram, segregaram, mataram, saquearam, mas foram complacentes com seus epítetos. Se há diferenças entre os seres humanos, onde pode ser encontrado o elemento que os iguale? Todos se apegam à terra, à cultura, à afirmação da identidade pessoal e ao instinto de sobrevivência em relação aos outros.

Só uma coisa pode ser considerada niveladora, capaz de tornar o ser humano perfeitamente identificado com o outro. Algo que se encontra na essência da vida e na formação de toda história. Única justificativa para

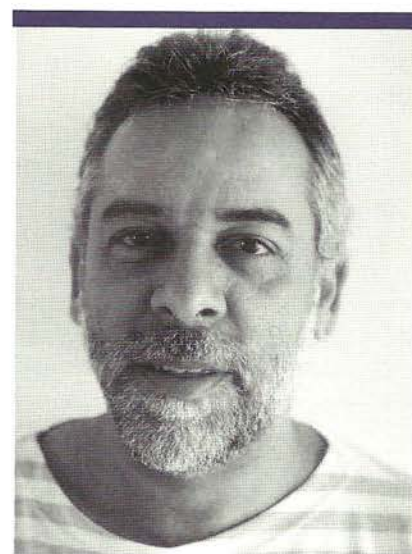
os atos, pensamentos e sentimentos comuns à todos os seres humanos. É o Inconsciente Coletivo.

Coube ao eminente Carl Gustav Jung, o mérito de tê-lo trazido à luz como a parte mais profunda do oceano misterioso da psiquê humana, que a sombra medieval tinha impedido de emergir.

Jung dizia que seu conceito de Inconsciente Coletivo iguala os seres humanos numa única natureza, isto é, os torna, antes do nascimento da consciência, seres arquetípicos. Não se trata de um conceito que venha, tal qual um amuleto mágico, tudo justificar ou tornar-se a causa necessária do mundo. Porém, desconsiderar sua existência, é o mesmo que desestimar ou não valorizar as raízes que sustentam a grandeza da árvore. É coletivo, não por ser único para todos, mas por ser comum, isto é, todos possuímos em nossas estruturas mentais as tendências arquetípicas, culturalmente herdadas.

Qualquer que seja o modelo psíquico que se proponha, a mente humana possui uma estrutura mais ou menos flexível que lhe constitui a essência. Esta estrutura necessariamente contém dois princípios. Um diz respeito à sua própria **sustentabilidade**, a qual pressupõe uma autoconsciência de eternidade. O segundo, por conta da interação necessária com o meio, contém um princípio de **conexão**. Tal princípio se encontra no Inconsciente Coletivo. É nele que vamos encontrar o arquétipo como estrutura básica da essência humana.

O ser humano vive uma angústia existencial: a de ser feliz. Esta pode ser entendida como um arquétipo diretamente relacionado com o Self. A realização das aspirações do Self é o **sentido da vida**. As guerras, a xenofobia, a separatividade, a visão



Adenauer Novaes – Formou-se em **Engenharia Civil** pela **UCSAL**, em 1981, em **Filosofia**, também pela **UCSAL**, em 1986 e em **Psicologia** pela **UFBA**, em 1997. Fez Pós Graduação em **Psicologia Análítica Junguiana** e ministra a partir da Clínica **"Psiquê"** cursos de formação em **Psicologia Junguiana** junto com as **Psicólogas Sílzen Furtado e Lucy Regis Lins**. Dirige a Fundação **"Lar Harmonia"**.
Tel.: (71) 345-0606.

antropocêntrica de mundo, bem como os excessos nacionalistas decorrem do egocentrismo e do distanciamento do Self pessoal e coletivo. Aproximar-se do Self é realizar o inconsciente, conhecendo e educando as tendências instintivas inatas.

Não há Humanidade sem o reconhecimento da singularidade de cada pessoa, nem tampouco, sem considerá-la uma resultante da existência de um Self coletivo. A singularidade do ser humano não se encontra apenas no inconsciente individual, nem mesmo na consciência, mas paradoxalmente, nas profundezas do psiquismo. O Self individual, embora um arquétipo, contém em si a marca pessoal. Esta marca precisa ser expressa, realizada no mundo a fim de que o Self seja percebido como a grandeza de cada indivíduo. Ω

Trechos de Livros Imperdíveis

“A Epopéia do Pensamento Ocidental”. Richard Tarnas. Ed. Bertrand Brasil, RJ.

O CONHECIMENTO E O INCONSCIENTE. Pág. 448.

Quando Nietzsche, no século XIX, disse que não existe nenhum fato, mas apenas interpretações, ao mesmo tempo ele resumia o legado da filosofia crítica do século XVIII e indicava a tarefa e a promessa da psicologia profunda do século XX.

Uma parte inconsciente da psique exerce influência decisiva na percepção, na cognição e no comportamento humano - uma idéia que há muito vinha sendo desenvolvida no pensamento ocidental, mas que Freud trouxe ao primeiro plano da preocupação intelectual moderna. Freud desempenhou um fascinante papel múltiplo no desdobrar da revolução copernicana mais ampla. Por um lado, como ele afirmou no famoso trecho ao final da décima oitava de suas Palestras Introdutórias, a psicanálise representava “o terceiro golpe a atingir a soberba ingênua e o amor-próprio do Homem”; o primeiro teria sido a teoria heliocêntrica de Copérnico e o segundo, a teoria da evolução de Darwin. A psicanálise revelou que, assim como a Terra não é o centro do Universo e o Homem não é o centro privilegiado da criação, sua mente - que lhe proporciona o mais valioso sentido de ser um ego racional consciente - é um precário desenvolvimento muito recente do Id primordial e não faz dele senhor de sua própria casa. Com essa memorável percepção dos determinantes inconscientes da vida humana, Freud entrou na linhagem copernicana direta do pensamento moderno que progressivamente relativizou a posição do ser humano. Mais uma vez, como Copérnico e como Kant, mas num nível inteiramente novo, Freud trouxe o reconhecimento fundamental de que a aparente realidade do mundo objetivo era inconscientemente determinada pela condição do sujeito.

Contudo, a visão de Freud também foi uma “faca de dois gumes”; em certo sentido muito significativo, ele representou o ponto decisivo crucial na trajetória da modernidade. A descoberta do inconsciente derrubou os velhos limites da interpretação. Como já haviam observado Descartes e os empiristas ingleses pós-cartesianos, o dado

essencial na aventura humana é, afinal, a própria experiência humana - não o mundo material e não as transformações sensoriais deste mundo; com a psicanálise, começava a exploração sistemática da sede de toda a experiência e cognição, a psique do Homem. De Descartes a Locke, Berkeley, Hume, e mais tarde, Kant, o progresso da epistemologia moderna dependeu de análises cada vez mais perspicazes do papel da mente humana no ato de conhecer. Neste pano de fundo e com os avanços de Schopenhauer, Nietzsche e outros, o trabalho analítico estabelecido por Freud era praticamente inevitável. O imperativo psicológico moderno, a recuperação do inconsciente, coincidiu com o moderno imperativo epistemológico: descobrir os princípios fundamentais da organização mental.

Freud abriu a cortina, mas foi Jung quem percebeu as conseqüências da filosofia crítica nas descobertas da psicologia profunda. Em parte, foi assim porque Jung era epistemologicamente mais sofisticado do que Freud, pois havia mergulhado em Kant e na filosofia crítica desde sua juventude (já na década de 30, Jung era um aplicado discípulo e leitor da obra de Karl Popper - o que, aliás, é surpresa para muitos junguianos). Em parte também porque Jung, por temperamento intelectual, era menos inclinado do que Freud ao cientificismo do século XIX. Acima de tudo, Jung teve uma vida mais intensa, da qual podia retirar maior experiência, e podia enxergar o contexto mais amplo em que funcionava a psicologia profunda. Joseph Campbell costumava dizer que Freud pescava sentado em cima de uma baleia - e não percebeu o que tinha diante de si. E quem consegue? Todos dependemos de nossos sucessores para superar nossas próprias limitações.

Assim, Jung reconheceu que a filosofia crítica, como ele disse, era “a mãe da psicologia moderna”. Em certo sentido, assim como Freud compreendera a mente humana nos limites de seus pressupostos darwinianos, Kant fora limitado por seus pressupostos newtonianos. Jung, sob a influência de experiências bem mais vigorosas e extensas da psique humana - a sua e a de outros-, abriu as perspectivas kantianas e freudianas até alcançar uma espécie de “Santo Graal” da busca interior: a descoberta dos arquétipos universais em toda sua força e complexidade

como as estruturas fundamentais determinantes da experiência humana.

Freud descobrira Édipo, Id, Superego, Eros e Tanatos; identificara os instintos em termos essencialmente arquetípicos. Não obstante, em articulações decisivas, seus pressupostos reducionistas restringiram sua visão de maneira drástica. Jung desvendou a polivalência simbólica total dos arquétipos e, assim, o inconsciente pessoal de Freud, que abrangia principalmente os conteúdos reprimidos resultantes de traumas biográficos e da antipatia do ego em relação aos instintos, abriu-se para um vasto inconsciente coletivo de padrões arquetípicos, que não era tanto uma conseqüência das repressões, mas uma base primordial da própria psique. Com seu progressivo desvendamento do inconsciente, a psicologia profunda redefiniu radicalmente o enigma epistemológico apresentado por Kant - primeiro, com Freud, por assim dizer, de maneira estreita e inadvertida, e mais adiante, Jung, a um nível mais abrangente e autoconsciente.

Qual era então a verdadeira natureza desses arquétipos, o que era esse inconsciente coletivo, como afetariam eles a moderna visão de mundo científica? Embora a perspectiva arquetípica junguiana houvesse intensamente enriquecido e aprofundado a moderna compreensão da psique, de certa maneira ela também poderia ser considerada mero reforço da alienação epistemológica kantiana. Em sua lealdade kantiana, Jung, durante anos, enfatizou repetidamente que a descoberta dos arquétipos era resultado da investigação empírica dos fenômenos psicológicos e, portanto, sem nenhuma implicação metafísica. O estudo da mente proporcionava o conhecimento da mente, não do mundo além dela. Os arquétipos assim concebidos eram psicológicos e, de certo modo, subjetivos, eram estruturas ou disposições herdadas que precediam a experiência humana e determinavam seu caráter, mas não se poderia dizer que transcendessem a psique. Talvez fossem apenas a mais fundamental das inúmeras lentes deformadoras que distanciavam a mente humana do verdadeiro conhecimento do mundo. Talvez fossem apenas os mais profundos padrões da projeção humana.

Naturalmente, o pensamento de Jung era imensamente complexo e sua concepção

dos arquétipos teve uma significativa evolução no decorrer de sua longuíssima vida em atividade intelectual. A visão convencional acima descrita, até hoje a mais amplamente divulgada dos arquétipos junguianos, baseia-se nos textos de um período intermediário, quando seu pensamento ainda estava amplamente orientado por pressupostos filosóficos cartesianos-kantianos sobre a natureza da psique e sua separação do mundo externo. Contudo, em seu trabalho posterior, particularmente no estudo das sincronicidades, Jung começou a mudar para uma concepção dos arquétipos como padrões autônomos de significado que parecem estruturar e ser inerentes à psique e à matéria, dissolvendo assim a moderna dicotomia sujeito-objeto. Alguns aspectos dessa elaboração junguiana tardia foram elevados mais adiante com brilho e controvérsia, por James Hillman e a escola da psicologia arquetípica, que desenvolveu uma perspectiva junguiana "pós-moderna": reconhecendo o primado da psique e da imaginação, a irredutível realidade psíquica e a força dos arquétipos - mas ao contrário desse Jung tardio, evitando afirmações metafísicas ou teológicas em favor de uma plena adoção da psique em toda a sua infinita e rica ambigüidade.

Epistemologicamente, o avanço mais significativo na história recente da psicologia profunda, realmente o mais importante em todo esse campo desde os próprios Freud e Jung, foi o trabalho de Stanislav Grof, que nas três últimas décadas não apenas revolucionou a teoria psicodinâmica, mas também apresentou grandes implicações para muitos outros campos, inclusive na Filosofia. Grof começou como psiquiatra psicanalítico; sua formação era freudiana, não junguiana; no entanto, a surpreendente conclusão de sua obra foi ratificar a perspectiva arquetípica de Jung num novo nível, coerentemente sintetizada com a visão biológica e biográfica de Freud, embora num estrato bem mais profundo da psique do que este último identificara.

As descobertas de Grof basearam-se em sua observação de milhares de sessões psicolíticas, **inicialmente em Praga e mais tarde em Maryland, no Instituto Nacional de Saúde Mental dos EUA, em que as pessoas usavam fortíssimas substâncias psicoativas (LSD em especial)**, e depois uma série de poderosos métodos terapêuticos sem o uso de drogas, que serviram como catalisadores de processos inconscientes. **Grof descobriu que os envolvidos nessas sessões tendiam a passar por explorações cada vez mais profundas do inconsciente**, durante as quais invariavelmente emergia uma seqüência central de experiências de grande complexidade e intensidade. Nas

sessões iniciais, os sujeitos voltavam tipicamente a experiências e traumas biográficos cada vez mais antigos - complexo de Édipo, alimentação, primeiras experiências infantis - em geral inteligíveis nos termos dos princípios psicanalíticos freudianos, parecendo comprovações de laboratório básicas das teorias de Freud. No entanto, depois de reviver e integrar esses diversos complexos da memória, os sujeitos tendiam regularmente a ir a um passado mais adiante e chegar a um envolvimento de grande intensidade com o processo do nascimento biológico.

Embora sentido a um nível biológico da maneira mais detalhada e explícita possível, esse processo era informado ou vinha saturado por uma seqüência arquetípica muito distinta de considerável força numinosa (n. do ed.:



Jung, quando indicado por Freud, e eleito 1º Presidente da Associação Psicanalítica Internacional.

numinoso = de enlevo, êxtase, de epifania). Os sujeitos relatavam que as experiências nesse nível possuíam uma intensidade e universalidade que ultrapassavam em muito tudo aquilo que houvesse anteriormente acreditado ser o limite da experiência de um ser humano. As experiências ocorriam em alto grau de variabilidade, sobrepunham-se umas às outras de maneiras muito complexas, mas, abstraindo essa complexidade, Grof encontrou uma seqüência distinta bastante visível - que passava de uma condição inicial de unidade indiferenciada com o ventre materno, ia para uma sensação de queda súbita e separação daquela unidade orgânica primal, passava a uma violentíssima luta de vida e morte com útero e o canal do parto em contrações e culminava numa sensação de completo aniquilamento. A isso, quase que imediatamente seguia-se uma sensação de súbita e inesperada libertação global, caracteristicamente percebida não somente

como um nascimento físico, mas também como um renascimento espiritual, ambos misteriosamente entrelaçados.

Devo aqui mencionar que vivi durante mais de dez anos no Instituto Esalen, em Big Sur, na Califórnia, onde fui diretor de programas; nesses anos, virtualmente todas as formas concebíveis de terapia e transformação pessoal, as grandes e as pequenas, passavam por Esalen. Em termos de eficácia terapêutica, Grof era de longe o mais forte, não há comparação. No entanto, o preço era alto; em certo sentido, um preço absoluto: reviver o nascimento de uma pessoa era uma experiência que ocorria num contexto de profunda crise existencial e espiritual, com imensa dor física, intolerável contração e pressão, extremo estreitamento dos horizontes mentais, uma sensação de alienação desamparada e da total ausência de significado da vida, **um sentimento de enlouquecer irreversivelmente e, por fim, um esmagador encontro com a morte - com a total perda física, psicológica, intelectual e espiritual.** Contudo, depois de integrar essa longa seqüência experiencial, as pessoas normalmente falavam de uma impressionante expansão dos horizontes, uma radical mudança de visão da natureza da realidade, uma sensação De súbito despertar, o sentimento de estar fundamentalmente reconectado ao Universo; e com tudo isso, vinha junto uma profunda sensação de cura psicológica e libertação espiritual. No final dessas sensações e em todas subseqüentes, informavam ter acesso a memórias de existência intra-uterina pré-natal, que tipicamente emergiam associadas a experiências arquetípicas de paraíso, união mística com a Natureza, a divindade ou com a Grande Deusa Mãe, dissolução do ego no êxtase de união ao Universo, absorção ao Um transcendental e outras formas de experiência mística unitiva.

Em termos da psicoterapia, Grof descobriu que a fonte mais profunda de sintomas e perturbações psicológicas ultrapassava bastante os traumas infantis e os eventos biográficos e chegavam à própria experiência do parto, intimamente entrelaçados ao encontro com a morte. Quando bem resolvida essa experiência tendia a resultar no impressionante desaparecimento de problemas psicopatológicos há muito existentes, inclusive condições e sintomas que haviam demonstrado totalmente refratários a programas terapêuticos anteriores. Aqui devo enfatizar que essas experiências "perinatais" (em torno do parto) tipicamente ocorriam em diversos níveis ao mesmo tempo, mas virtualmente sempre tinham um intenso componente somático. A catarse física envolvida na revivência do trauma do parto era fortíssima e claramente indicava a

razão para a relativa ineficiência da maioria das formas de terapia psicanalítica, amplamente baseadas só na interação verbal e que, em comparação, mal parecem arranhar a superfície. As experiências perinatais que emergiam no trabalho de Grof eram pré-verbais, celulares, elementais: **só ocorriam quando a capacidade normal de controle do ego estivesse superada, fosse através do uso de uma substância psicoativa catalítica, de uma técnica terapêutica ou por meio da força espontânea do material inconsciente.**

Essas experiências também tinham caráter profundamente arquetípico. O choque com essa seqüência perinatal sempre trazia aos sujeitos uma sensação de que a própria Natureza, inclusive o corpo humano, era o repositório e receptáculo do arquetípico, de que os processos da Natureza eram processos arquetípicos – algo que Freud e Jung tinham chegado muito perto, mas oriundos de direções opostas. O trabalho de Grof forneceu uma base biológica mais clara para os arquétipos junguianos e, da mesma forma, uma base arquetípica mais clara para os instintos freudianos. **O encontro com nascimento e morte nessa seqüência parecia representar uma espécie de ponto de transmissão de energia entre dimensões, um eixo que ligava o biológico e o arquetípico, o freudiano e o junguiano, o biográfico e o coletivo, o pessoal e o transpessoal, corpo e espírito.** Retrospectivamente falando, pode-se pensar que a evolução da psicanálise gradualmente empurrou a perspectiva freudiana biográfico-biológica para períodos cada vez mais anteriores da vida individual até que, atingindo o próprio momento do parto, essa estratégia culminava em uma decisiva negação do reducionismo freudiano ortodoxo, abrindo a concepção psicanalítica para uma ontologia da experiência humana radicalmente mais complexa e expandida. **A conseqüência tem sido uma compreensão da psique irredutivelmente multidimensional, como a própria experiência da seqüência perinatal.**

Seria possível discutir-se uma legião de implicações do trabalho de Grof: percepções sobre as raízes do sexismo masculino no medo inconsciente dos corpos femininos que dão à luz; sobre as origens do complexo de Édipo na luta bem mais primordial e fundamental contra as aparentemente punitivas contrações uterinas e o canal do parto contraído para retomar a união com o nutriente ventre materno; sobre a importância terapêutica da luta com a morte; sobre a origem de situações psicopatológicas específicas como a depressão, fobias, neuroses obsessivo-

compulsivas, perturbações sexuais, sadomasoquismo, manias, suicídio, vício, diversas condições psicóticas, além das perturbações psicológicas coletivas, como o impulso para a guerra e o totalitarismo. Poder-se-ia discutir a soberbamente esclarecedora síntese da obra de Grof realizada na teoria psicodinâmica, unindo Freud e Jung, mas também Reich, Rank, Adler, Ferenczi, Klein, Fairbairn, Winnicott, Erikson, Maslow, Perls, Laing. No entanto, minha preocupação aqui não é psicoterapêutica, mas filosófica. Por isso, limitarei a discussão à conseqüências e implicações específicas da obra de Grof para nossa atual situação epistemológica.

Nesse contexto, algumas generalizações críticas da evidência clínica são relevantes.



Jung, condecorado na Universidade de Harvard em 1936. Em 1937, deu as famosas Terry Lectures em Yale.

Primeiro, a seqüência arquetípica que regia os fenômenos perinatais do ventre ao canal do parto e ao nascimento era sentida acima de tudo como uma vigorosa dialética - que passava de um estado inicial de unidade indiferenciada a um estado de contração, conflito e contradição, seguida de uma sensação de separação, dualidade e alienação; finalmente passava por uma etapa de completa aniquilação e chegava a uma inesperada libertação redentora, que ao mesmo tempo superava e realizava o estado alienado intermediário – restaurador da unidade inicial, mas num novo nível que preservava a realização de toda a trajetória.

Em segundo lugar, essa dialética arquetípica muitas vezes era sentida simultaneamente no nível individual, e muitas vezes com maior vigor, no nível coletivo, de modo que o movimento a partir da unidade primordial, passando pela alienação e chegando à solução libertadora era sentido em termos da evolução de toda

uma cultura, por exemplo, ou de toda a Humanidade – o nascimento do *Homo sapiens* da Natureza não menos importante do que um nascimento do filho de sua mãe. **Aqui o pessoal e o transpessoal estavam igualmente presentes, indissolivelmente fundidos, de maneira que a ontologia não apenas recapitulava a filogenia, mas em certo sentido a abria para esta.**

Finalmente, em terceiro plano, essa experiência arquetípica era sentida ou registrada em inúmeras dimensões – físicas, psicológicas, intelectuais, espirituais – e em geral mais de uma delas ao mesmo tempo, ou às vezes tudo simultaneamente, em combinação bastante complexa. Como enfatizou Grof, a evidência clínica não mostra que esta seqüência perinatal se reduza simplesmente ao trauma do parto; ao contrário, aparentemente, o processo biológico do parto é sim a expressão de um processo arquetípico subjacente mais vasto, que pode manifestar-se em muitas dimensões. Assim:

Em termos físicos, a seqüência perinatal foi sentida como gestação e parto biológico, passando da união simbiótica com o ventre protetor onipotente, por um gradual aumento de complexidade e individualização nessa matriz, para enfrentar as contrações do útero, do canal do parto; por fim, o nascimento; **Em termos psicológicos**, era uma experiência de movimento a partir de uma condição inicial de consciência pré-egóica para um estado de crescente individualização e separação entre o ego e o mundo, crescente alienação existencial, e por fim um sentimento de morte do ego seguida de renascimento psicológico; muitas vezes tudo em complexa associação com a experiência biográfica de sair do ventre da infância, passar pela dureza da vida e a contração do envelhecimento, até o encontro com a morte;

No nível religioso, a seqüência experiencial assumia formas amplamente diversificadas; era muito freqüente o afastamento simbólico judaico-cristão do Jardim primordial por causa da Queda, o exílio da separação da divindade e a entrada no mundo de sofrimento e morte, seguidos pela crucificação e ressurreição redentoras, que voltavam a reunir o divino e o humano. No nível individual, essa experiência da seqüência perinatal parecia-se muito – talvez fosse mesmo essencialmente idêntica – com a iniciação de morte e renascimento das antigas religiões de mistério;

Por fim, **no nível filosófico**, a experiência era compreensível em termos que poderiam ser chamados neoplatônico-hegeliano-nietzchenianos como uma evolução dialética partindo da Unidade primordial estruturada, passando por uma emanção à matéria de complexidade, multiplicidade e individualização cada vez maior, por um estado de absoluta alienação que era seguida

por uma impressionante *Aufhebung*, uma síntese e reunificação com o Ser auto-subsistente que ao mesmo tempo aniquila e realiza a trajetória individual.

Essa seqüência vivencial em muitos níveis é relevante para uma extraordinária série de questões importantes, mas suas implicações epistemológicas têm significado especial em nossa situação intelectual contemporânea. Do ponto de vista sugerido pela evidência, a fundamental dicotomia sujeito-objeto que tem dominado e definido a consciência moderna – que tem *constituído* a consciência moderna, que geralmente se pressupõe ser absoluta, não questionada como base para qualquer perspectiva e experiência do mundo “realista” – parece ter raízes numa específica condição arquetípica associada ao trauma não resolvido do nascimento humano, em que uma consciência original de unidade orgânica indiferenciada com a mãe, uma *participação mística* com a Natureza, desenvolveu-se exageradamente, rompeu-se e foi perdida. Aqui, tanto o nível individual como o coletivo podem ser considerados a fonte do profundo dualismo da mente moderna: entre Homem e Natureza, entre mente e matéria, entre o eu e o outro, entre o sentir e o real – essa difusa sensação de um ego isolado irrevogavelmente separado do mundo circundante. Aqui está a dolorosa separação do intemporal ventre abrangente da Natureza, o desenvolvimento da autoconsciência humana, a perda da ligação com a matriz da existência, a expulsão do Jardim, a entrada na História, no Tempo e na materialidade, o desencantamento do Cosmo, a sensação de completa imersão num mundo antitético de forças impessoais; a experiência de um universo essencialmente indiferente, hostil, insondável; o esforço compulsivo para livrar-se do poder da Natureza, de controlar e dominar suas forças e mesmo de vingar-se dela; o medo primal de perder o controle e o domínio, enraizado na consciência totalmente absorvente e no medo da morte – que inevitavelmente acompanha o ego emergente da matriz coletiva. Acima de tudo, aqui está a profunda sensação da separação ontológica e epistemológica entre o eu e o mundo.

Esse sentido de separação fundamental estrutura-se então nos princípios interpretativos legitimados da cultura moderna. Não foi por acidente que Descartes, o homem que pela primeira vez formulou sistematicamente o moderno ego racional separado, tenha sido também a mesma pessoa que pela primeira vez formulou sistematicamente o Cosmo mecanicista para a revolução copernicana.

Todas as premissas e categorias axiomáticas básicas da Ciência moderna asseguraram a construção de uma visão de mundo desencantada e alienante: o pressuposto da existência de um mundo exterior independente a ser investigado por uma razão humana autônoma, a insistência na explicação mecanicista impessoal, a rejeição de qualidades espirituais no Cosmo, o repúdio a qualquer significado ou propósito intrínseco na Natureza, a exigência de interpretação unívoca literal de um mundo de fatos indiscutíveis.

Sob esse ponto de vista, os pressupostos filosóficos cartesiano-kantianos que têm dominado a cultura moderna, que informaram e impeliram a moderna realização científica, refletem a dominância de uma vigorosa Gestalt arquetípica, de um gabarito experimental que seletivamente filtra e molda a consciência humana de maneira a se perceber uma realidade absurda, alienada, estranha. O paradigma cartesiano-kantiano ao mesmo tempo expressa e ratifica um estado de consciência em que a experiência das profundezas numinosas unitivas da realidade foi sistematicamente extinta, deixando o mundo desencantado e o ego humano isolado. Essa visão de mundo é, por assim dizer, uma espécie de caixa metafísica e epistemológica, um sistema hermeticamente fechado que reflete o cerceamento do processo arquetípico do nascimento.

Naturalmente a grande ironia aqui sugerida é que, justamente quando a cultura moderna acredita ter-se purificado mais completamente de quaisquer projeções antropomórficas, quando ela diligentemente constrói um mundo inconsciente, mecânico e impessoal, **justamente aí o mundo é mais intensamente um constructo seletivo da mente humana.** A mente humana abstraiu do conjunto toda a inteligência, propósito e significado consciente, reivindicando-os exclusivamente para si; depois, projetou no mundo uma máquina. Essa é a suprema projeção antropomórfica, como Rupert Sheldrake apontou: uma máquina feita pelo homem, algo jamais encontrado de fato na Natureza. Desse ponto de vista, é a própria frieza impessoal da mente moderna que foi projetada de si no mundo – para ser mais preciso, que foi projetivamente extraída do mundo.

No entanto, tem sido destino e responsabilidade da psicologia profunda o fato de essa tradição espantosamente criativa, fundada por Freud e Jung, mediar o acesso da cultura moderna às forças e realidades arquetípicas que reconectam o ego individual com o mundo, dissolvendo a visão de mundo dualista. Retrospectivamente, parece na verdade que a psicologia profunda *teria mesmo* de produzir a consciência dessas

realidades na cultura moderna: se o reino do arquetípico não podia ser identificado na Filosofia, na Religião e na Ciência da chamada cultura erudita, teria mesmo de voltar a emergir do mundo subterrâneo da psique. L.L. White observou que a idéia do inconsciente surgiu pela primeira vez, desempenhando um papel cada vez mais importante na história intelectual do ocidente quase imediatamente depois da época de Descartes, começando sua lenta ascensão até Freud. No início do século XX, Freud apresentou sua obra ao mundo com *A Interpretação dos Sonhos*, abrindo-a com a grande epígrafe de Virgílio que dizia tudo: “Se não posso dobrar os deuses lá em cima, passarei às regiões infernais”. Era inevitável a compensação – se não em cima, então embaixo.

Assim, a condição moderna começa como um movimento prometico em direção à liberdade humana, à autonomia da matriz abrangente da Natureza, **à individualização a partir do coletivo**, enquanto gradual e inevitavelmente a condição cartesiano-kantiana evolui para um estado Kafka-becketiano de isolamento e absurdo existencial. Mais uma vez, **o duplo vínculo existencial espelha muito de perto a situação do bebê dentro da mãe em trabalho de parto:** depois de ter estado simbioticamente unido ao ventre nutritivo, depois de crescer e desenvolver-se dentro dessa matriz, o centro amado de um mundo que a tudo abrangia e a tudo apoiava, **agora era alienado desse mundo**, contraído, desamparado, esmagado, estrangulado e expelido num estado de extrema confusão e ansiedade – **uma situação inexplicável e incoerente de grande intensidade traumática.**

Contudo, a vivência plena desse duplo vínculo, essa dialética entre a unidade primordial de um lado e o trabalho de parto e a dicotomia sujeito-objeto de outro, inesperadamente causa uma terceira condição: **uma reunificação redentora do eu individualizado com a matriz universal.** Assim, a criança nasce e é abraçada pela mãe, o herói ascende do mundo subterrâneo e volta para casa depois de sua grande odisséia. **O individual e o universal estão reconciliados.** O sofrimento, a alienação e a morte são agora entendidos **como necessários para o nascimento**, para a criação do eu: *Oh Felix culpa!* Uma situação essencialmente inteligível é agora admitida como elemento necessário num contexto mais amplo de profunda inteligibilidade. **A dialética está realizada, a alienação redimida. A ruptura com a Existência é curada.** O mundo é redescoberto em seu encantamento primordial. O eu autônomo individual foi forjado e agora está reunido com a base de sua existência. Ω

Física Moderna e Sabedoria Milenar

Este texto de Capra é uma tradução do editor de trechos dos livros: *"Beyond Ego, Transpersonal Dimensions in Psychology"*, editado por Jeremy P. Tarcher, Inc., N.Y. 1980; e *"Paths Beyond Ego, The Transpersonal Vision"*, editado por The Putnam Berkeley Group, Inc. Berkeley, CA, 1993. De ambos existe tradução em português da editora **Cultrix - Pensamento**: *"Além do Ego"*, SP, 1992; e *"Caminhos Além do Ego"*, SP, 1998.

A Física dos séculos XX e XXI tem uma profunda influência em todo o pensamento filosófico ocidental, por revelar uma insuspeitada limitação de todas as idéias clássicas, impondo uma revisão radical da maioria dos nossos pressupostos básicos sobre a Realidade.

O conceito de matéria na física subatômica difere por inteiro da substância material da física clássica, aplicando-se o mesmo a conceitos como espaço, tempo ou causalidade. Como estes conceitos são fundamentais para a visão do mundo que nos cerca, **a sua transformação radical fez com que nossa visão do mundo mudasse por inteiro.**

Isto nos leva ao paralelismo que se estabelece com todas as tradições místicas da humanidade, as orientais como o budismo, taoísmo, hinduísmo e também as ocidentais, como a cabala do judaísmo, o sufismo do Islã, e a Gnose essênica do cristianismo. **Todas elas vêm a unidade e interdependência mútua de todas as coisas e eventos, e a natureza intrinsecamente dinâmica do Universo.**

A divisão newtoniana-cartesiana da realidade permitiu que os cientistas tratassem a matéria durante séculos como algo inerte e separado deles, e que vissem o mundo material como uma multiplicidade de objetos diferentes entre si e amontoados numa gigantesca máquina. Esta visão mecanicista do mundo foi iniciada por Newton, que a tomou como base da sua mecânica, e fez dela o fundamento da física clássica.

Em oposição a esta visão mecanicista do mundo, temos a dos místicos que pode ser caracterizada pela palavra **"orgânica"**, que considera **todos os fenômenos do Universo, partes integrantes de um todo harmonioso inseparável.** Para o místico tudo o que é percebido pelos sentidos está inter-relacionado, estreitamente ligado a tudo, sendo apenas aspectos ou manifestações

distintas da mesma realidade última. É óbvio que a divisão da natureza em objetos separados é útil e necessária para lidarmos com nosso ambiente cotidiano, mas definitivamente, não é uma característica essencial da realidade. Para o místico, tudo tem um caráter fluído, e em constante mutação. Ele vê o Cosmos, como uma



Capra em 1975, quando sacudiu o mundo com seu livro "O Tao da Física". Doutor em Física pela Universidade de Viena, era então professor da Universidade de Califórnia em Berkeley.

realidade inseparável – **sempre em movimento, viva, orgânica - espiritual e material a um só tempo.** O movimento e a mudança são propriedades inerentes às coisas, e as forças que as causam não estão fora dos objetos, e sim são propriedades intrínsecas da matéria.

A TEORIA QUÂNTICA

Uma das principais descobertas da teoria quântica foi o reconhecimento de que a probabilidade é um elemento fundamental da realidade atômica, que rege todos os processos e até a própria existência da matéria. As partículas subatômicas não estão com certeza em lugares definidos, mostrando antes – como o disse **Heisenberg (1963) – "tendências a**

existirem". Os eventos atômicos não ocorrem com certeza em momentos definidos e de maneiras definidas, mostrando antes **"tendências a ocorrerem"**.

Por outro lado, o fato de falarmos de um "objeto" – um átomo, um elétron ou qualquer outro sistema observado – demonstra que temos em mente alguma entidade física independente que é primeiro preparada e depois mensurada. Portanto, o problema básico da observação na física atômica é, nas palavras de **Strapp (1971)**, o fato de que **"o sistema observado precisa ser isolado para ser definido e, no entanto, interagir para ser observado"**. Esse problema é resolvido de modo pragmático na teoria quântica, pela exigência de que os procedimentos de preparação e de mensuração sejam separados por uma grande distância, de modo que o objeto observado fique livre de toda influência enquanto viaja da área de preparação para a área de mensuração.

Lembremos que a atitude básica da ciência moderna é a de que **todos** os seus conceitos e teorias são só aproximados.

A teoria quântica revela a interligação essencial do Universo. Mostra claramente que não podemos decompor o mundo nas menores unidades de existência independente.

Quando penetramos na matéria, descobrimos que ela se compõe sim, de partículas, mas como nas palavras de **Niels Bohr, prêmio Nobel de Física: "As partículas materiais isoladas são abstrações, só se pode definir e observar suas propriedades por meio da sua interação com outros sistemas"**.

No nível subatômico, portanto, os objetos materiais sólidos da física clássica, tornam-se padrões de probabilidades, não de coisas, mas probabilidades de interconexões. A teoria quântica **nos obriga** a ver o Universo, não como um conjunto de objetos físicos, mas antes como uma complexa teia de inter-relações entre as várias partes de um todo unificado.

Werner Heisenberg, prêmio

Nobel de Física, o diz assim: "O mundo se mostra como um complexo tecido de eventos, nos quais vínculos de diferentes tipos se alternam, se interpenetram ou se combinam, determinando assim, a textura do Todo.

Na física moderna e no misticismo oriental, esta interligação universal da natureza sempre inclui o observador humano, e de forma essencial, a sua Consciência. Na física quântica os "objetos" observados só podem ser entendidos, em termos da interação entre os processos de preparação e medição, e o final dessa cadeia de processos **sempre está na consciência do observador humano.** O elemento crucial da teoria quântica é o fato do observador humano ser necessário, não apenas para observar as propriedades de um objeto, mas até para defini-las. Nesta nova física, já não mais podemos falar da natureza sem falar-nos ao mesmo tempo de nós mesmos. **Heisenberg novamente: "A ciência natural não se limita a descrever e explicar a natureza; ela é uma parte da interação entre a natureza e nós".**

O cientista não pode mais representar o papel de observador distante, pois está totalmente envolvido no mundo que observa. **Wheeler** vê o envolvimento do observador, como a característica mais importante de toda a teoria quântica, tendo sugerido a substituição da palavra "observador" por "participante".

A TEORIA DA RELATIVIDADE

A segunda teoria básica da física moderna, a teoria da relatividade, provocou uma drástica mudança nos nossos conceitos de tempo e de espaço. Demonstrou que o espaço não é tridimensional, e que o tempo não é uma entidade discreta. Há entre eles uma íntima ligação que forma um **continuum quadridimensional chamado "espaço-tempo"**. Na teoria da relatividade não se pode falar de espaço sem falar de tempo e vice-versa.

Convivemos há quase um século com a teoria da relatividade, e nos familiarizamos por completo com seu formalismo matemático. Mas, **parece que isto não ajudou muito a nossa intuição.** Não temos uma experiência sensorial direta do **continuum espaço-tempo quadridimensional**, e sempre que esta realidade "relativa" se manifesta descobrimos que é muito difícil lidar com ela, tanto no nível da intuição como no da linguagem ordinária.

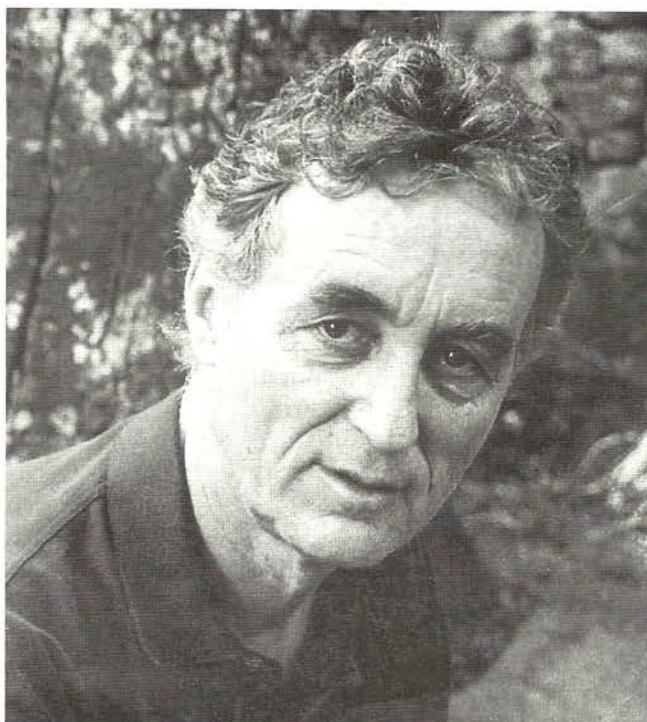
Uma situação semelhante parece existir no misticismo oriental. Os místicos parecem ser capazes de alcançar estados não-

ordinários de consciência em que transcendem o mundo tridimensional cotidiano e vivenciam uma realidade superior, multidimensional, realidade que, como a da física relativista, não pode ser descrita em linguagem comum.

Lama Govinda o esclarece assim:

Atinge-se uma experiência de dimensionalidade superior pela integração de experiências de diferentes centros e níveis de consciência. Disso decorre o caráter indescritível de certas experiências de meditação no plano da consciência tridimensional.

Talvez as dimensões desses estados de consciência não sejam as mesmas com que lidamos na física relativista, mas é notável que tenham levado os místicos a noções de espaço e tempo deveras semelhantes às implicadas



Capra hoje. O autor de "O Ponto de Mutação", "Sabedoria Incomum", "A Teia da Vida" e "Conexões Ocultas", todos publicados pela Cultrix, participou ativamente do Fórum Social Mundial de Porto Alegre, em 2003.

pela teoria da relatividade. Em todo o misticismo oriental, parece haver uma forte intuição do caráter "**espaço-temporal**" da realidade. Acentua-se repetidas vezes o fato de o espaço e o tempo estarem inseparavelmente ligados, o que é básico na física relativista.

Na física, os conceitos de espaço e tempo são tão essenciais para a descrição dos fenômenos naturais, que modificá-los envolve modificar todo o arcabouço que usamos para descrever a natureza. A mais importante consequência dessa mudança é a descoberta que a massa não é senão uma forma de energia, e de que todo objeto tem energia

armazenada na sua massa.

Esses desenvolvimentos – a unificação do espaço e do tempo e a equivalência entre massa e energia – têm influenciado de modo profundo nossa concepção da matéria, forçando-nos a mudar de maneira essencial o nosso conceito de partícula. Na física moderna, a massa já não é associada com uma substância material, razão porque as partículas não são consideradas como formadas por nenhuma "coisa" básica, mas como agregados de energia. Mas a energia está associada com a atividade, com processos, e isso implica que a natureza das partículas subatômicas é intrinsecamente dinâmica.

Os místicos orientais, em seus estados não ordinários de consciência, percebem a unidade entre o espaço e o tempo num nível macroscópico, motivo pelo qual vêem os objetos macroscópicos de uma maneira muito próxima da concepção de partículas subatômicas dos físicos. **Suzuki** o descreve assim: **"os budistas concebem um objeto como um evento e não como uma coisa ou substância".**

Portanto, as duas teorias básicas da física moderna apresentam **todas** as principais características da visão de mundo oriental. **A teoria quântica** aboliu a noção de objetos fundamentalmente separados, introduziu o conceito de participante para substituir o de observador, e chegou a ver o Universo como uma teia interligada de relações, cujas partes só se definem pelas suas conexões com o todo. **A teoria da relatividade** deu vida à teia cósmica, ao revelar seu caráter dinâmico intrínseco e ao mostrar que sua atividade é a própria essência do seu ser.

A ciência e o misticismo são duas manifestações complementares da mente humana: manifestações de suas faculdades racionais e intuitivas. O físico atual vê o mundo através de uma extrema especialização da mente racional; o místico através de uma extrema especialização da mente intuitiva. As duas abordagens são inteiramente diferentes e envolvem bem mais do que uma visão do mundo físico. Contudo, elas são "**complementares**" como aprendemos a descrever na física. Uma não é abarcável pela outra, nem pode ser reduzida à outra, **mas ambas são necessárias**, complementando-se para uma compreensão mais acurada da Vida.

Lembrando um velho provérbio chinês: **os místicos compreendem as raízes do Tao, mas não seus galhos e ramos; os cientistas compreendem os galhos, mas não as raízes. A ciência não precisa do misticismo, e o misticismo não precisa da ciência, mas a humanidade precisa de ambos.** Ω

Mitologia Pessoal

Apresentamos aqui trechos do deslumbrante livro de Stanley Kripner, Ph.D. e David Feinstein, Ph.D., *“Mitologia Pessoal”* (SP-1995). É uma homenagem de reconhecimento às editoras *“Pensamento”*, e *“Cultrix”*, que durante décadas a fio, **sempre** mantiveram uma **visão ímpar**, para selecionar o melhor que existe no gigantesco supermercado editorial mundial da Psicologia e da Psiquiatria.

Perceber que se está vivendo de uma forma mítica equivale a compreender sua vida como um drama em evolução, cujo significado vai além de seus interesses diários. É apreciar mais e mais suas raízes culturais e ancestrais. Consiste em buscar orientação em seus sonhos, imaginação e outras reflexões do seu Ser interior, bem como nas pessoas, práticas e instituições mais inspiradoras da sua sociedade.

Sua mitologia pessoal atua como uma lente que colore todas as suas percepções, segundo valores e suposições próprios.

Wickes diz: **“o homem moderno não tem consciência do mito que vive em seu interior, da imagem, freqüentemente invisível, que o impulsiona de uma forma dinâmica em direção à escolha”**. Este poder de escolha interna **“de todas as artes criativas, é a mais difícil e extraordinária”**.

Grande parte do sofrimento psicológico dos indivíduos relaciona-se com os mitos pessoais não harmonizados com suas reais necessidades, potenciais ou circunstanciais.

Sua mitologia pessoal é caracteristicamente a psicologia do **Self**, que orienta seu comportamento e prepara o caminho da sua evolução no mundo. **Kurt Lewin**, conhecido pela sua engenhosa aplicação do conhecimento psicológico aos problemas sociais, gostava de observar que **“nada é tão prático como uma boa teoria”**. Tais teorias vão além de simples elaborações intelectuais; constituem modelos arraigados na realidade, os quais determinam como você vê o mundo e como compreende seu lugar nele. **Quando tais modelos tornam-se imperfeitos ou obsoletos, produzem perspectivas irreais, escolhas insatisfatórias e tensão emocional**. Quando o servem adequadamente, é melhor o acesso à sua sabedoria interior, e à compreensão do seu meio ambiente.

Os mitos, no sentido que damos ao termo, não são lendas ou falsidades, mas modelos através dos quais os seres humanos codificam e organizam suas percepções, sentimentos, pensamentos e atitudes. Sua mitologia pessoal origina-se dos fundamentos do seu ser, sendo também o reflexo da mitologia produzida pela cultura na qual você vive.

Todos criamos mitos baseados em fontes que se encontram dentro e fora de nós, e vivemos segundo esses mitos. Estes servem para inspirar, gerar convicções, orientar ações e unificar uma pessoa ou grupo, criando

a **“participação apaixonada de todas as funções da personalidade (mito individual), ou de todos os membros de uma sociedade (mito coletivo)”**.

Quando se altera um mito-guia, ocorrem mudanças decisivas nas percepções, sentimentos e no comportamento do indivíduo.

Até certo ponto, a mitologia pessoal é o microcosmo da mitologia da sua cultura. Tudo o que você faz, todos os



STANLEY KRIPNER, Ph. D., é professor de Psicologia na Universidade de Califórnia, em San Francisco.

seus pensamentos trazem a marca distintiva da mitologia da cultura na qual você foi criado. O que você come e a forma como come, o que veste e a forma como veste, se o seu pensamento é orientado para o presente ou para o futuro, se a sua experiência do momento acentua pensamentos ou sentimentos, como você cumprimenta estranhos e recebe amigos e como adquire, acumula e exhibe bens materiais, tudo isso é definido, de maneira fundamental, pela mitologia da sua cultura.

Os mitos permeiam todas as áreas da vida moderna. Afloram e são transmitidos no palco, nas telas e nas canções; na educação, na religião e na política; na literatura, na arte e na arquitetura; na publicidade, na moda e no desenho. Entrelaçando-se às práticas comuns na criação dos nossos filhos, às normas sexuais e sistemas sociais. São mantidos pelos pontos de vista dos nossos livros de história e jornais. Como as culturas tecnológicas desprezam a

dimensão mitológica subjacente à esfera material, nós, enquanto sociedade, nos tornamos menos competentes em nossa relação com os níveis mais profundos da existência.

O papel inicial do mito sempre foi o de trazer o passado para o presente. Através desta ligação do tempo, o conhecimento e a sabedoria acumulados de determinada cultura, são transmitidos de uma geração para outra. Hoje, contudo, as circunstâncias em que as nossas mitologias podem fornecer orientação, se modificam a uma velocidade sem precedentes. Mitos antigos estão caindo sob a tensão de mudanças bruscas nos próprios alicerces da organização social.

A diversidade de imagens míticas que encontramos nos meios eletrônicos e em outros, também pode ser esmagadora. Ao longo da história da civilização, os mitos que indivíduos de determinada sociedade estabeleceram eram relativamente uniformes, permitindo pouco questionamento ou variação. Ser diferente implicava o risco de censura ou mesmo a morte.

Com grande probabilidade, suas atitudes e valores diferem hoje, das de seu vizinho de uma forma que seria inconcebível em culturas tribais. **Nunca tantas imagens estiveram disponíveis, nunca existiram tantos meios de comunicação capazes de exibi-las.** Crescer deixou de ser uma questão de seguir os passos firmes dos ancestrais, que ao longo de várias gerações tinham o mesmo ramo de negócios, mantinham as mesmas convicções religiosas e consideravam o papel, de homens e mulheres, estipulado pela tradição, como parte integrante da ordem natural.

Em resumo, a mitologia torna-se cada vez mais uma questão pessoal, e um dos traços característicos da vida moderna é a velocidade dessa evolução.

Todos somos convocados a participar da seleção, realinhamento e atualização dos mitos que seguimos. Acreditamos que uma mitologia bem articulada e cuidadosamente analisada constitui um dos mecanismos mais eficazes contra a desorientação de um mundo em confusão mítica.

Adquirindo maior consciência da mitologia pessoal em desenvolvimento, nos tornamos capazes de perceber a

orientação criativa interior e chegamos a conclusões seguras baseadas nas lições das nossas experiências pessoais, em vez de seguirmos crenças antiquadas, códigos familiares ou imagens culturais.

Freud era fascinado por mitologia, e escolheu o mito de Édipo para retratar o dilema básico da evolução humana. Os notáveis paralelos encontrados por Jung em sonhos, obras de arte e mitos culturais, levaram aos profundos estudos sobre a relevância psicológica da mitologia. Jung discutiu o seu próprio mito pessoal em sua autobiografia.

A psicologia profunda, segundo Hillman, é a "forma atual da mitologia tradicional, o grande portador da tradição oral". Ele ressalta que **"os mitos falam a língua da psique; falam e m o c i o n a l m e n t e , dramaticamente, sensualmente, fantasticamente"**. A psicologia profunda oferece uma estrutura e um método para exame da psique humana. Assevera que, quanto mais nos familiarizamos com a nossa psique, menos ameaçadores serão os impulsos inconscientes, e mais acessível o conhecimento inconsciente.

Concluimos, com a análise do modo como a mitologia, a consciência e a cultura evoluem em conjunto. Como já foi enfatizado, **a era moderna caracteriza-se por pessoas com autonomia nunca antes obtida na formulação de mitos condutores de suas vidas**. Propomos a viabilidade de participar ativa e criativamente na evolução da mitologia da sua cultura. A compreensão da própria mitologia pessoal representa um papel importante no desenvolvimento desta capacidade.

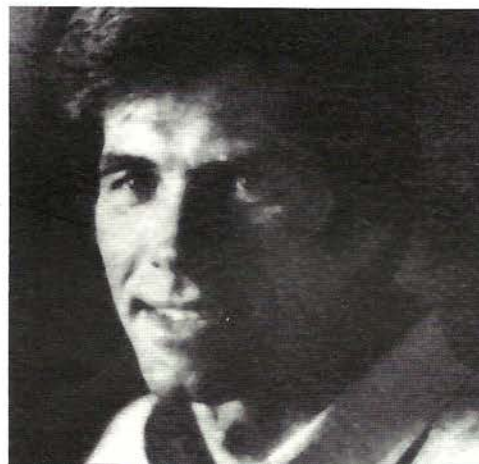
O biólogo Lewis Thomas observou que **"nossa história mais poderosa, à sua maneira equivalente a um mito universal, é a evolução"**. Um dos fatos mais instigantes da evolução humana é a da sua consciência, apesar de a estrutura cerebral ter permanecido essencialmente a mesma pelo menos nos últimos quarenta mil anos. Para a espécie humana, a linguagem e a elaboração mítica substituíram a mutação genética enquanto mecanismo fundamental através do qual são transmitidas as inovações da sociedade e da consciência.

Segundo Jean Houston:

Um novo gênero de mito está surgindo na nossa época: mitos da evocação e potenciação, mitos de novos modos de ser. Devemos recordar a importância e força do mito para a psique e a civilização, pois o mito é o DNA da psique humana, convocando-nos a reencarnar o sonho tão distante. O mito é sempre o estímulo, o despertador, a fascinação do vir a ser. Ele acelera o coração em todo o seu potencial e prepara o caminho para a transformação da sociedade.

Albert Einstein observou: **"todos os que nos preocupamos com a paz e o triunfo da razão e da justiça, temos de estar conscientes da reduzida influência que a razão e a boa vontade exercem sobre os acontecimentos políticos"**. A história insiste em que conhecimento e boa vontade não bastam. A humanidade precisa enfrentar sem rodeios seu lado **obscuro, sombrio**, e lidar com este de maneira mais eficiente.

Neumann falou da necessidade de **"uma relação criativa entre o lado instintivo obscuro da natureza humana e o lado iluminado, representado pela mente consciente"**. Ele enfatizou o fato de **o lado sombrio da personalidade ser o componente essencial da vitalidade criativa**.



DAVID FEINSTEIN, Ph. D. em
Psicologia Clínica e Comunitária. Prof.
da Universidade John Hopkins.

O psiquiatra Stanislav Grof observa que: **a tragédia insensata é forjada quando determinados temas arquetípicos governam um povo incontrolado, como aconteceu na Alemanha de Hitler. Ele acredita ser possível ensinar construtivamente as pessoas a encontrarem as raízes da sua própria confusão e violência intrapsíquica. E propôs "a tarefa de criar situações seguras e socialmente aceitas, nas quais certos elementos tóxicos e potencialmente perigosos da estrutura da personalidade humana podem ser confrontados e trabalhados sem qualquer dano ou prejuízo para os demais ou para a sociedade como um todo"**.

O potencial criativo do "lado obscuro" do indivíduo por vezes prenuncia, a ruptura evolutiva da mitologia da cultura. Neumann observou que "não raro uma pessoa sensível adoece devido à sua incapacidade de lidar com um problema, o qual não é reconhecido como tal pela sociedade onde ele vive, mas que na verdade é um futuro problema da humanidade, que ele enfrenta pioneiramente e é forçado a resolver. Ao solucionar os próprios problemas pessoais, estas pessoas oferecem resoluções viáveis

para os problemas da sua cultura".

Ao estabelecer maiores oportunidades para as pessoas sensíveis solucionarem seus problemas em relação à sociedade que está sintonizada com uma base mitológica de comportamento transgressor ou destruidor, o conflito psicológico pode assumir um significado construtivo para a mesma. Este tipo de percepção também tende a sensibilizar os povos para líderes e movimentos sociais que processam temas arquetípicos desenfreados. **Stan Grof alerta-nos contra o apelo aos problemas intrapsíquicos individuais não solucionados feitos por políticos que convertem sua própria confusão emocional em programa de violência revolucionária ou populista**. Líderes políticos deveriam, idealmente, realizar uma exploração minuciosa das próprias motivações inconscientes e alcançar um nível avançado de maturidade emocional.

Segundo Grof, o verdadeiro problema consiste em implementar a consciência do público em geral, de forma que este seja capaz de reconhecer figuras públicas cujas políticas mascaram seus próprios conflitos internos não resolvidos. Desta perspectiva, tempo e espaço adequados devem ser rotineiramente utilizados pela cultura, de forma que seus membros sejam encorajados a participar de processos catárticos. Os aspectos destrutivos da psique podem desta maneira ser trabalhados numa arena protegida, e a cultura assumir uma postura mítica e não mecanicista no confronto com a crise evolutiva dos seus membros.

O tema mítico ignorado em nossa era, o da jornada solitária do herói, levou-nos para um caminho que só pode ser interceptado por heróis que cooperem no respeito ao planeta e ao semelhante. Reconhecer nossa interdependência em relação aos povos de todo o globo torna-se tarefa urgente para nossa segurança pessoal e coletiva. Analisando o paradoxo de existir "tanta maldade no mundo, mas tão poucos homens maus", Abraham Maslow observou que **"à voz divina dentro de nós contrapõe-se, não a voz do demônio, mas a voz da timidez e da omissão"**.

Somos desafiados a direcionar nossa força e sabedoria para a criação de harmonias mitológicas dentro de nós, dentro das nossas famílias, das nossas organizações, da nossa nação e do mundo. E ao harmonizar nossa lógica com nossa intuição, nossos egos com as nossas sombras, nossos velhos mitos com os novos e nossas necessidades pessoais com as da nossa comunidade, **estaremos abrindo caminho para um mundo ainda saturado de contradições, porém progredindo rumo à paz e harmonia criativas.**

* Os negritos do texto foram decididos pelo editor.

Os Mitos Gregos e a Prática Clínica: Perséfone

A clínica psicoterápica é um espaço sagrado onde se revelam os padrões psíquicos mais profundos e estruturantes de toda alma humana. As diversas histórias que ali se derramam, com seus traumas e transformações, representam uma amostra do que há de mais singular em cada indivíduo, ao mesmo tempo em que apontam para os temas centrais da Vida, que sempre foram motivos-chave de todas as mitologias em todos os tempos.

Nos mitos, os arquétipos se revelam em sua forma mais pura. Em cada enredo elaborado pela consciência dos homens há milênios atrás, com uma linguagem simbólica, típica do inconsciente, são contados os caminhos de evolução da alma humana, os passos heróicos imprescindíveis para a iluminação da consciência, a trajetória do Ego em direção ao Self. Cada mito aborda aspectos diferentes da jornada, única e essencial de toda pessoa, que é o caminho de sua Individuação.

O mito de Perséfone apresenta o tema da filha ainda inocente da Mãe Terra (**Deméter ou Ceres**), deusa governante da Natureza, protetora de todas as criaturas jovens e indefesas, regente dos ciclos e das estações, da fertilidade, da gestação e nascimento de toda nova vida, abençoadora dos matrimônios como meio de perpetuação da vida. Ela foi **raptada** pelo deus das sombras, **Hades**, também chamado de **o Invisível ou Plutão**, que significa riqueza, **pois seu reino era repleto de riquezas ocultas**. Sempre que Hades vinha à superfície, provindo do âmago do mundo das trevas, seu elmo o tornava invisível para que não pudesse ser visto por nenhum mortal. Como irmão de Zeus, possuía um enorme poder e suas leis eram irrevogáveis. Uma vez que a alma entrava para o seu Reino, ninguém, nem o próprio Zeus poderia tirá-la dali. Quando Orfeu e Teseu entraram ilicitamente nos seus domínios, os dois voltaram ao mundo da luz, totalmente transformados.

Conta o mito que Perséfone debruçou-se para colher uma flor de narciso à beira de um precipício, quando a terra se abriu e dela surgiu Hades, que apaixonado pela sua beleza e inocência, a seqüestrou para o mundo das trevas. Sua Mãe a procurou por vários dias até que ameaçou lançar a infertilidade total sobre a Terra, se sua filha não fosse encontrada. Através da intermediação de Zeus com seu irmão Hades, este concorda em devolvê-la à Mãe, mas antes oferece a Perséfone sementes de romã, que ela aceita, e por tê-las comido naquele local, fica eternamente vinculada ao mesmo. Durante quatro meses por ano, **Perséfone** governava o mundo das trevas, junto com Hades, seu marido, e passava os outros oito junto à sua mãe **Deméter**, com a promessa de não relatar a **ninguém** os segredos do mundo dos mortos.

Trazendo o mito para uma abordagem contemporânea, identificamos

alguns mitologemas presentes nesta história, que podem ser observados na prática clínica.

A iniciação no mito dá-se com um raptado, fazendo referência à forma como se inicia o contato com o inconsciente para quem possui a consciência impregnada pela inocência, a candidez, a ingenuidade.

Há pessoas que permanecem por longo tempo numa atitude fantasiosa com relação às questões decisivas da maturidade e são despertadas de modo violento (síndromes de pânico, doenças, perdas, acidentes...) para uma reflexão mais profunda sobre o caminho que tem percorrido até então.

Atendi uma jovem mulher que havia se casado com um homem que pouco conhecia, para depois reconhecer nele "o príncipe das trevas". Este homem encarnou e representou para ela, sua imagem de **animus** (lado masculino da psique) **negativo**, estruturada ao longo dos anos de convivência com um pai alcoólatra, acrescida do abuso sexual de um tio na infância, e reforçada pelo final traumático e sem explicações de um namoro com o seu grande amor da adolescência. Para não se deparar com a perda do sonho romântico, continuou a acreditar numa felicidade ingênua, sem esforço, vinculando-se a uma relação aparentemente feliz, mas que se configurou para ela as "sementes de romã", que a tornaram prisioneira de um mundo sombrio.

A iniciação traumática, ou mediante uma profunda crise na vida, funciona geralmente como um chamado para iniciar conscientemente o processo de individuação, proposto por Jung como o conceito central da Psicologia Analítica. O raptado pode ser visto simbolicamente como uma lesão infligida ao ego que precisa ser provocado para abdicar de seu controle exclusivo sobre o psiquismo, estimulando-o ao reconhecimento do centro maior, o Self.

A descida inicialmente traumática é, entretanto, a chave para um vasto campo de descobertas interiores. O tema da descida



*Sílzen Furtado – Psicóloga (UFBA-1995)
Pós-graduada em Psicologia Analítica
Junguiana. Mestranda em Ciências da
Família (UCSAL). Tel. 345-0606.*

aos abismos escuros do inconsciente, seguida pela subsequente ascensão, vai transformando a ingênua Perséfone na grande "Senhora dos Infernos", mas não sem antes sofrer os períodos de pavor através do qual um psiquismo inocente é invadido pelo confronto com os conteúdos assustadores que estiveram durante longo tempo reprimidos.

O temor destes conteúdos internos, o medo de enlouquecer, a culpa por ter "comido as romãs", a inabilidade de lidar com conteúdos afetivamente tão carregados, aprisionaram a psique da paciente durante algum tempo, num padrão infantil, que se manifestou como busca contínua de proteção materna na sua vida. Ela manifestou durante meses, o pânico das fantasias sombrias que a assaltaram, a insegurança e inabilidade em lidar com os afazeres do mundo adulto (trabalhar, assumir um lugar social, responder pelos seus atos, entre outros).

A paciente sempre temia uma punição qualquer, vinda de qualquer pessoa, quando sabemos que na realidade, **projetava** sobre o mundo e as pessoas, os algozes interiores que começava a reconhecer como aspectos de sua sombra: o orgulho e o desejo de domínio, escondidos sob a capa de mulher frágil e desprotegida; excessiva vaidade ocultada pelo perfeccionismo, e as exigências de ser sempre a melhor em tudo que fizesse.

A psique infantil, violentada pela iniciação brusca, demora para situar-se no mundo avernal. Sente-se inicialmente vítima do mal que chega do exterior encarnado na figura do marido, para não identificar em si as "sementes" do mesmo mal do qual acusa o outro.

A imaginação fértil, as intuições funestas, a relação intensa com os sonhos, são os componentes deste mundo vistos inicialmente como ameaçadores que revelaram seu padrão autopunitivo, persecutório, como forma de redimir-se de

uma profunda culpa inconsciente, responsável pela rede de armadilhas construída em torno de si mesma para expiar seus sofrimentos.

A Perséfone imatura geralmente aparece sob a roupagem da vítima, da mártir, da incompreendida. Só depois, através da terapia e da maturidade conquistada pelo esforço na relação com o inconsciente, vai entendendo melhor suas manifestações psíquicas, e deixa de projetar fora as raízes de seus males, dirigindo de forma mais sábia, seu vínculo com o desconhecido, transmutando suas manifestações inconscientes em poderosos aliados.

Como Dante o demonstrou magistralmente em sua "Divina Comédia", é uma necessidade arquetípica da individuação, a dolorosa descida aos infernos, que nos permita saber apreciar depois a beleza e a bem-aventurança do paraíso. Igualmente Perséfone, após seu período de sofrimento, é libertada e agraciada com o poder singular de circular tanto no Olimpo (símbolo do mais alto), como no Hades (o mais baixo).

Para Perséfone saber do Céu e do Inferno, do assim em cima como embaixo dos alquimistas, é penetrar nas raízes da dor para descobrir o caminho da cura.

A paciente começou a trazer para a

sua vida cotidiana os benefícios deste contato profícuo e prolífico com seu inconsciente. Ampliou sua consciência sobre aspectos antes desconhecidos, e se tornou capaz de utilizar adequadamente seus talentos. Foi abandonando progressivamente o papel de vítima, e começou a assumir seus papéis como profissional e como mãe, e mais do que isso **aprendeu a legitimarse, recuperando a confiança na sua própria forma de sentir e avaliar as situações vitais.**

O medo, a culpa, o discurso de vítima abriram espaço para uma expressão sincera de seus atributos inconscientes. Começou a perceber com maior respeito e consideração **qualquer conteúdo** que aflorava nos sonhos e nas fantasias, desenvolvendo com eles um diálogo aberto e espontâneo.

Abandonar o lugar de inferioridade antes habitado, e colocar-se como agente ativa na construção do seu próprio destino é uma mudança que desafia o antigo padrão tão cultivado pela Perséfone menina. Despedir-se dos aspectos infantis, e assumir o ônus da vida adulta da própria psiquê, assumir os deuses e monstros interiores, é a tarefa heróica que transforma a vítima assustada na Perséfone sábia.

A sabedoria é o resultado de viver um mundo íntimo rico, fértil e criativo, que

não é mais tratado como um inimigo que nos impõe mecanismos repressores.

O arquétipo do **Velho Sábio e da Grande Mãe** orientam o ego na direção do Self. Acompanhar um paciente em psicoterapia analítica é identificar os caminhos que seu Self nos apresenta e revelar-lhe os símbolos, por ele mesmo criados, como sinais para direcionar a energia psíquica na trajetória da individuação.

Deixar-se conduzir pelas diretrizes do Self, aprender a relacionar-se com o próprio universo subjetivo, e estar conectado às próprias profundezas, é ser guiado pelo propósito superior da individuação. Até chegar lá passamos por cíclicas subidas e descidas, recheadas de sofrimentos e alegrias, de vitórias e derrotas.

Nos ciclos de descida aos infernos conectamos com os medos, a depressão, os aspectos infantis, primários e instintivos. Subindo, vamos aprendendo a integrar tais aspectos na personalidade total. As descidas vão perdendo seu caráter traumático e vislumbramos a sabedoria resultante do mergulho nas mais dolorosas feridas, o que favorece a percepção dos componentes criativos e ordenadores do psiquismo. **É imprescindível resistir às dores iniciais para merecer penetrar as alturas mais transcendentais do Ser.** Ω



EUNICE A. GESTEIRA

壹 柒 拾 亥.

Arquiteta formada pela UFBA em 1977, atua na área de Projetos Residenciais e Comerciais, Construção, Arquitetura de Interiores e Consultoria em FENG SHUI, aplicando esta técnica em seus projetos de Arquitetura e Decoração de Interiores

Endereço: Rua Thomaz Gonzaga, 39 - Pernambués - Salvador - BA
Tel.: (71) 480-7679 - Celular: (71) 9962-6611
eagesteira@uol.com.br

Feng Shuí

FENG SHUI significa "vento e água".

Trata-se da arte de harmonização dos espaços para melhorar a qualidade energética da vida do ser humano.

Assim como o homem tem sua personalidade, podendo ser próspero, forte, alegre e inteligente ou ao invés, mal sucedido, doente, fraco, triste e ignorante; as construções arquitetônicas também têm suas próprias qualidades, tanto positivas como negativas. São estas qualidades ou defeitos que a técnica do Feng Shui potencializa ou neutraliza, a fim de gerar para os habitantes de uma casa ou escritório, a saúde, prosperidade, alegria, sucesso e harmonia.

Não estamos falando de uma nova teoria, algo descoberto recentemente, mas sim de um milenar conhecimento. Ele surgiu na Ásia, há cerca de cinco mil anos. Os chineses sempre acreditaram na existência de Ordem e equilíbrio em Tudo, representado pelo símbolo do **Tao**. Mediante certos procedimentos do Feng Shui nos ambientes, é possível atrair boa fortuna e bem estar excepcional.

Eles vêem uma ligação energética total entre o homem e a natureza, sentem que Esta repercute sempre no ser humano, que é vulnerável às forças da sua Grandeza, a qual estavam sempre atentos, seus ciclos no Céu e na Terra.

Tentar controlar as forças criativas e destrutivas, com o aproveitamento do vento e da água, do fogo e da terra, sempre foi fundamental para uma sobrevivência harmoniosa.

No contexto mítico e místico em que surgiu o Feng Shui, o poder e a boa fortuna provinham da paisagem, que não era considerada apenas um conjunto de montanhas, rios e florestas, mas sim uma figura divina transformada e transportada para a paisagem. Esta idéia é levada até hoje para os centros urbanos na China e outros lugares da Ásia.

O conceito de viver em harmonia com o ambiente é uma idéia nova no Ocidente. Há milhares de anos é uma prática comum no Oriente.

O Feng Shui ajuda as pessoas de muitas maneiras, através de suas técnicas totalmente práticas, que podem ser utilizadas por qualquer

indivíduo e em todos os lugares. Segundo Raul de Suroa – Mestre em Feng Shui:

"Na família, o Feng Shui orienta relacionamentos harmoniosos entre marido e esposa, promove boa saúde, ajuda no equilíbrio das crianças, atrai riqueza e prosperidade. Constrói boa reputação. Nos negócios, cria oportunidades de crescimento, elevando nosso prestígio perante a comunidade, atraindo clientes e aumentando a abundância."

O Feng Shui oferece a possibilidade de melhorar nossas vidas. Sempre é bom lembrar, que toda técnica para ser bem aplicada exige: conhecimento profundo, sensibilidade, experiência e responsabilidade. Estamos trabalhando com as energias de cada ambiente, que por sua vez interagem com as energias do homem, ajudando ou interferindo no seu dia a dia. Bem utilizado, só nos trará grandes benefícios e agradáveis surpresas. Ω

A Psiquiatria e a Psicologia nos Séculos XX e XXI

As fontes das entrevistas de Omega com Grof foram as fitas gravadas nos Congressos Internacionais de Psiquiatria e Psicologia Transpessoal de Manaus (AM) e Águas de Lindóia (SP) acrescidas das perguntas gravadas nas duas palestras proferidas por Grof durante a sua estada em Salvador (BA) em novembro de 2001.

REVISTA OMEGA. Como e por que surgiu a Psicologia Transpessoal?
STAN GROF. Nos últimos anos se tem visto que nossos pressupostos básicos e nossa forma tradicional de pensar quem e o que somos, ao invés de serem generosos, foram mesquinhos com a condição humana. Existe esmagadora evidência proveniente de todas as disciplinas científicas que confirmam que temos grandemente subestimado o potencial de crescimento e de bem-estar psicológico do ser humano. Os mais modernos dados apontados recentemente por estas disciplinas não coincidem com os nossos modelos psicológicos tradicionais. Em resposta a todas estas incongruências, **surgiu nos anos 60 a Psicologia Transpessoal**, como forma de integrar estes novos achados referentes à capacidade expansiva do ser humano. **Para consegui-lo, se nutre de toda a ciência ocidental e de toda a sabedoria oriental.**

RO. Qual seria para você uma definição atual de Psicologia Transpessoal?

SG. É a que, baseando-se em todos os estudos e investigações realizadas até hoje no Oriente e Ocidente, expande infinitamente o campo da pesquisa psicológica para incluir o estudo de todos os caminhos que levam a um bem-estar

psicológico ótimo e a uma saúde perfeita. **Ela reconhece o potencial de todos os seres humanos para experimentar um amplo espectro de estados de consciência nos quais a identidade vai bem além dos limites habituais do ego "encapsulado na pele".**

RO. Como o primeiro número do "Journal of Transpersonal Psychology", editado por você em 1969, definiu as suas áreas de interesse?

SG. Foram definidos como áreas de interesse para publicação, os trabalhos empíricos, artigos e estudos sobre os processos, valores e estados transpessoais, a consciência unitiva, as experiências "cume" ou "pico", o êxtase, a experiência mística, o Ser e a Essência, a beatitude, a reverência, o assombro, a autotranscendência, todas as teorias e práticas de meditação, os caminhos espirituais, a compaixão, a cooperação e a atualização das informações transpessoais.

RO. Como surgiu o termo Transpessoal?

SG. O termo foi adotado depois de intensas deliberações, **e hoje é reconhecido no mundo inteiro como o mais apropriado** para referir-se a todas as experiências que exigem ampliar nossa identidade para muito além da individualidade. Portanto, definitivamente não é um novo modelo da personalidade, já que esta só é um pequeno aspecto da nossa natureza; **é muito mais uma indagação sobre a natureza da Essência do Ser.**

RO. Você fala de modelos. O que é um modelo em Psicologia?

SG. São representações simbólicas que descrevem os principais traços e dimensões dos fenômenos que representam. Implicam porém vários perigos importantes: condicionam a percepção, delimitam âmbitos de investigação, dão forma e determinam a interpretação dos dados e experiências de maneira a obter resultados que esses próprios modelos profetizam. Por exemplo: tanto o modelo freudiano, que vê como primeiro



Stan Grof, em palestra no Auditório Magno da Associação Baiana de Medicina

A Psiquiatria e a Psicologia nos Séculos XX e XXI

motivador a libido sexual, como o adleriano, que o busca na luta pelo poder e na superioridade, como o condutista que o procura nos reforços ambientais, todos eles provavelmente terão sucesso nesta busca. Estas características autoproféticas e auto-realizadoras destes modelos que se autovalidam são um perigo para a verdadeira percepção, porque, uma vez integrados, passam a operar em níveis inconscientes. **Até chegar ao transpessoal, todas as psicologias só foram modelos.**

RO. Se a Psicologia Transpessoal não é um modelo, então é um paradigma?

SG. O exemplo na Física são o paradigma newtoniano e o quântico. Neste contexto ou "container" de determinadas formas de conhecimento e investigação se exclui inevitavelmente outras fontes de informação, tal como acontece com qualquer teoria ou modelo. Os paradigmas configuram a percepção, a indagação e a interpretação, de forma que se tornam autovalidantes. Isto quer dizer que todo paradigma fundamenta a validade dos seus pressupostos e, por conseguinte, termina funcionando como crenças que determinam o que terá acesso à consciência e o que continuará sendo inconsciente. **Só isto já determina uma realidade cultural. E por isso que é tão difícil ver através do próprio sistema cultural de crenças, do próprio paradigma e esta capacidade só se pode cultivar através do contato íntimo com outras culturas e crenças.**

RO. O transpessoal representa então uma mudança de paradigma na psicologia ocidental?

SG. Paradoxalmente, sim e não. Por um lado, isto é exatamente o que a Psicologia Transpessoal tem feito: uma mudança total de paradigma na psiquiatria e na psicoterapia ocidental, resultado de um profundo e minucioso estudo transcultural no mundo inteiro sobre a natureza da consciência e da realidade, que inclui os estados de consciência mais altos que podemos imaginar. **Neste sentido não é um novo paradigma, já que seu campo**

de estudo ficou ilimitado. Todos os milenares sistemas não-ocidentais refletem enfoques complexos e altamente sofisticados sobre a natureza humana e a potencialidade da sua mente. **Reconhecido o tamanho das nossas limitações ocidentais, ficou aberto o caminho para a expansão da teoria psicológica de forma ilimitada e, para tentar através do Transpessoal fundir as visões do Oriente e do Ocidente e transcender a ambas,** deixando seu campo de estudo para sempre aberto por ser infinito, como o é a própria Consciência.

Hoje, para sermos realmente eficazes na psicoterapia e auto-exploração precisamos de um marco teórico ampliado e baseado no reconhecimento dos múltiplos níveis da consciência.



Dr. Grof autografando "Psicologia do Futuro" para o Dr. Ricardo Chemas



RO. Qual é a importância do paradigma transpessoal no trabalho terapêutico?

SG. Por reconhecer um espectro muito mais amplo da consciência e portanto um maior potencial de bem-estar psicológico e transcendência dos admitidos pelos enfoques tradicionais, a perspectiva transpessoal nos oferece todas as condições de trabalhar num contexto de amplitude ilimitada. **Por aceitar a relevância das vivências transpessoais - transcendentais, as trata de maneira adequada, como valiosas oportunidades de crescimento.** Todos os modelos psicológicos que não reconhecem a possibilidade da percepção transpessoal, interpretam estas experiências de um ponto de vista inadequado e patologizante, o que leva os indivíduos a suprimi-las e ocultá-las

como única forma de evitar o risco de interações psiquiátricas.

RO. De acordo com o que você diz, a psicoterapia atinge um momentum em que se torna indistinguível da indagação filosófica e espiritual sobre a nossa identidade cósmica?

SG. Sim. Várias formas da Filosofia Perene e seus sistemas espirituais e psicológicos associados fornecem um excelente mapa do território a ser percorrido neste estágio avançado pelo paciente e pelo terapeuta que a esta altura já se tornaram viajantes companheiros de jornada e exploradores das dimensões desconhecidas da psique.

RO. De que depende que se concretize no processo terapêutico, o que você chama de "trabalho de viajantes companheiros de jornada"?

SG. Depende: 1º) de até onde o terapeuta chegou em sua própria caminhada; 2º) de seu sistema de crenças do qual deriva a sua orientação profissional; 3º) da técnica terapêutica utilizada; 4º) da personalidade, sistema de crenças e atitudes do paciente; e 5º) da qualidade ou "rapport" que se consiga atingir no vínculo terapêutico.

RO. De acordo com a Psicologia Transpessoal, o universo da Consciência não está só dotado de muitos níveis, mas também de muitas dimensões. O que acontece quando se pretende interpretar isto a partir de uma ótica materialista-psicanalítica?

SG. A descrição linear do modelo newtoniano-cartesiano-freudiano é indubitavelmente incompleta e está repleta de inconsistências internas que entram em conflito com outras teorias e modelos da personalidade. O maior problema da psicoterapia ocidental é o fato de que cada um de seus grandes pesquisadores **fixou sua atenção num determinado nível da consciência e generalizou suas descobertas à**

totalidade da psique humana. São portanto essencialmente incorretos, apesar de ter utilidade na faixa ou nível que descrevem, mas nenhum deles é suficientemente amplo nem completo, para justificar seu uso como único método. Hoje, para sermos realmente eficazes na psicoterapia e auto-exploração precisamos de um marco teórico ampliado e baseado no reconhecimento dos múltiplos níveis da consciência.

RO. Freud iniciou a Psicanálise. Descreva este feito ímpar.

SG. O logro extraordinário deste homem, que ainda não era psiquiatra e sim neurologista, foi vasto e diverso. Ele inventou o método da livre associação, demonstrou a existência de uma mente inconsciente e descreveu sua dinâmica, formulou os mecanismos básicos envolvidos na etiologia das psiconeuroses e várias outras desordens emocionais, descobriu a sexualidade infantil, esboçou as técnicas de interpretação de sonhos, descreveu os fenômenos da transferência e desenvolveu os princípios básicos da intervenção em psicoterapia. Porém, por ter estado submetido à potente influência de seu mestre Ernest Bruecke, que visava introduzir os princípios do pensamento científico de Newton em todas as demais disciplinas, Freud modelou a sua descrição dos processos psicológicos estritamente de acordo com o mecanismo newtoniano. Os quatro princípios básicos do enfoque psicanalítico — dinâmico, econômico, topográfico e genético — têm um paralelismo exato com os quatro princípios básicos da física newtoniana.

RO. Descreva os princípios teóricos básicos da Psicanálise.

SG. O estrito determinismo dos processos mentais foi uma das contribuições básicas de Freud. Ele considerava que todo sucesso psicológico era a consequência e ao mesmo tempo a causa de outros. O enfoque psicogenético da Psicanálise tenta explicar as experiências e as condutas individuais em termos de etapas ontogenéticas. Isto significa que, para uma plena compreensão do comportamento atual do paciente, é necessária uma exploração de seus antecedentes, **em particular da sua história psicosssexual da primeira infância, do desenvolvimento da libido, da solução da neurose infantil, da resolução dos temas edípicos e todos os conflitos sexuais, que para Freud determinam de modo crítico o resto da vida de todo indivíduo.** É idêntico à mecânica newtoniana no seu uso do conceito de trajetória visualizável em relação aos

impulsos instintivos; inclui: a fonte ou origem, o ímpeto, a direção e o objetivo. Para Freud, a história psicológica do indivíduo começa com o nascimento, e se refere a todo recém-nascido como uma "tabula rasa". O desenvolvimento sexual das primeiras etapas (fases oral, anal, uretral e genital) culmina com o complexo de Édipo ou Electra, significando isto uma atitude positiva para com o genitor do sexo oposto e antagonica para com o do mesmo sexo. **Nesta etapa Freud atribui um papel fundamental à sobrevalorização do pênis e ao complexo de castração.** O menino abandona suas tendências edípicas por temor à castração. A menina traslada ao pai o apego que originariamente tinha tido com o seio e o amor materno porque se sente "castrada"

Os analistas se negam a interagir com marido ou esposa ou quaisquer outros familiares do paciente, ou a incluí-los de qualquer forma no processo terapêutico.

e espera receber um pênis, ou um filho de seu pai.

Fixações em diversas etapas ou a não-solução da situação edípica convertem-se então em psiconeuroses, perversões sexuais e outras formas de psicopatologias. O sadismo, por exemplo, foi interpretado como uma fusão de sexo e agressão, devido primordialmente à frustração dos desejos infantis. **Tudo isto dá uma imagem essencialmente negativa da natureza humana: uma mente conduzida por instintos básicos, onde a sexualidade e a agressividade são componentes intrínsecos e essenciais.**

RO. Fale do conceito psicanalítico na situação terapêutica.

SG. Aqui também se vê claramente a potente influência da ciência mecanicista newtoniana-cartesiana na teoria freudiana. A organização terapêutica básica com o paciente deitado no divã e o analista invisível e desvinculado afetivamente, sentado por detrás de sua cabeça, caracteriza o ideal impossível de "observador objetivo". Reflete a firme crença da ciência mecanicista de que podem ser feitas observações científicas sem a interferência com o objeto ou processo estudado. A dicotomia cartesiana entre mente e corpo encontra também sua expressão máxima na prática psicanalítica e em seu enfoque exclusivo nos processos

mentais. As manifestações físicas são interpretadas como reflexo de eventos psíquicos. A expressão das emoções também não é vivenciada, e sim analisada. Como não se inclui nenhum tipo de intervenção física por parte do analista, **já que existe um potente tabu contra todo contato físico com o paciente,** apoiá-lo na expressão plena das suas emoções (raiva, medo, tristeza profunda) se torna totalmente inviável e desaconselhável, por interferir diretamente no processo transferência-contratransferência. O espaço analítico se tornou uma "bolha isolada" dos eventos sociais, como se fosse possível analisar alguém sem se levar em conta as influências dos contextos. **Os analistas se negam a interagir com marido ou esposa ou quaisquer outros familiares do paciente, ou a incluí-los de qualquer forma no processo terapêutico.** Além de subestimar os fatores sociais dos seus casos, opõem-se a todo reconhecimento autêntico de fatores transpessoais e espirituais na dinâmica dos transtornos emocionais.

O que se analisa é a forma que tomam os impulsos instintivos que se esforçam por expressar-se e descarregar-se e as diversas forças antagonicas que os reprimem. Esta análise de resistências depende exclusivamente de meios verbais. **Na sessão analítica, o paciente se encontra em uma situação passiva, submissa e altamente desvantajosa.** Suas perguntas não são respondidas, e o analista, que está em pleno controle da situação, pode optar pelo silêncio absoluto ou pela interpretação, **qualificando todo desacordo por parte do paciente como resistência.** Pressupõe-se em toda esta teoria que o analista se mantenha objetivo, impessoal, desvinculado emocionalmente, para poder assim manter sob controle todo sintoma de "contratransferência". **É óbvia a influência do modelo médico de poder.**

RO. Qual é então o objetivo da terapia analítica?

SG. Ela se concentra na reconstrução do passado traumático e na sua repetição na atual dinâmica da transferência; baseia-se portanto em um modelo histórico, estritamente determinista. O conceito de Freud de melhora é perfeitamente mecanicista: promove a liberação da energia aprisionada pelas neuroses e seu uso através da sublimação para fins construtivos. **Freud definiu explicitamente com suas próprias palavras o objetivo primordial da psicanálise, que é: "passar do sofrimento extremo próprio do neurótico à miséria normal da vida cotidiana".** Esta pobreza de objetivos

A Psiquiatria e a Psicologia nos Séculos XX e XXI

ficou obviamente obsoleta em nosso século XXI, no qual podemos ver claramente a grandeza e a alegria que a alma humana é capaz de atingir.

A falácia fundamental da Psicanálise constitui sua ênfase exclusiva em sucessos biográficos e no inconsciente individual. Ela tenta generalizar suas descobertas de uma estreita faixa superficial da consciência para abarcar outros níveis e até a totalidade da psique humana. Porém as terapias experienciais atuais, apontam uma quantidade esmagadora de provas de que os traumas infantis, não representam as causas patogênicas primordiais, senão que recriam as condições que facilitam a manifestação de conteúdos e energias de níveis muito mais profundos da psique. Os transtornos emocionais são gerados por uma complexa estrutura dinâmica multidimensional de amplo espectro. **A faixa biográfica desta vida representa somente um componente desta complexa estrutura, e os problemas que a envolvem quase sempre têm suas raízes nos níveis transpessoais da realidade.**

RO. Qual seria o ponto mais fraco da Psicanálise?

SG. Provavelmente seja o da sexualidade feminina ou o da feminilidade em geral, pois carece de uma compreensão genuína da psique feminina e trata essencialmente as mulheres como varões castrados. Além disso, no campo da psicopatologia, a Psicanálise não encontrou explicações satisfatórias para fenômenos tais como, o sadomasoquismo, a automutilação e o assassinato sádico, dentre outras. Não conseguiu explicar convincentemente observações históricas e antropológicas relevantes, tais como o xamanismo, os rituais de passagem, as experiências visionárias, os mistérios religiosos, as tradições místicas, as guerras, o genocídio nem as revoluções sangrentas. Nenhum destes fenômenos pode ser compreendido de forma adequada sem uma compreensão transpessoal da psique. **A carência geral de eficácia da Psicanálise como instrumento terapêutico deve ser mencionada como uma das limitações mais graves desta teoria, que é por outra parte fascinante, e aportou sem dúvida idéias brilhantes.**

RO. Como os temas da morte e do nascimento são vistos por Freud?

SG. Para ele, a morte em princípio não tem representação no inconsciente. Em

momento algum compreendeu que **nascimento, sexo e morte formam uma tríade inextricável e estão intimamente relacionadas com a morte do ego.** O nascimento e a morte são acontecimentos de fundamental importância, que ocupam uma meta-posição com relação a todas as outras experiências da vida. São o Alfa e o Ômega da existência humana; **todo sistema psicológico que não as incorpore será superficial, incompleto e de eficácia limitada.** O fato da Psicanálise não ser aplicável à maioria dos aspectos da experiência psicótica, às numerosas observações antropológicas, à quase nenhum dos fenômenos parapsicológicos, nem à psicopatologia

A faixa biográfica desta vida representa somente um componente desta complexa estrutura, e os problemas que a envolvem quase sempre têm suas raízes nos níveis transpessoais da realidade.

social grave (guerras, revoluções, totalitarismo e genocídio) reflete claramente que estes aspectos se caracterizam por uma participação essencial da dinâmica transpessoal, e portanto estão claramente fora do alcance da Psicanálise.

RO. Fale um pouco dos discípulos mais importantes de Freud, e seus aportes à teoria e técnica da psicoterapia.

SG. A psicologia individual de Alfred Adler continuou limitando-se exclusivamente ao nível biográfico, mas contrastando com a ênfase determinista de Freud. Adler foi claramente teleológico e finalista, ou seja, se interessou pelo propósito e significado final da vida. **Para ele, o princípio que dirige todas as neuroses é o objetivo de converter o indivíduo em um "homem completo".** Este impulso em direção à superioridade, à totalidade e à perfeição representa a necessidade profunda e inconsciente de compensar sentimentos de inferioridade e inadequação. Em última análise, a busca pela superioridade, perfeição e inteireza, significa uma profunda procura pelo significado da vida. O complexo de inferioridade conduz, em Adler, através dos mecanismos de sobrecompensação, a graus

extraordinariamente altos de performance, como o demonstra seu exemplo predileto: Demóstenes, o qual tendo nascido gago, se converteu no mais brilhante orador da Grécia antiga. **Segundo Adler, os processos conscientes e inconscientes não entram necessariamente em conflito, representando dois aspectos de um sistema unificado (yin e yang) encaminhando-se ao mesmo fim.** Nos tornamos inconscientes dos pensamentos e sentimentos que entram em dolorosa contradição com a nossa auto-imagem idealizada. Devido à enorme complexidade da mente humana, podem ser elaboradas inúmeras teorias diferentes, todas aparentando serem lógicas, coerentes e refletindo observações importantes sobre certos aspectos da realidade psíquica, sendo, não obstante, incompatíveis entre si, e inclusive mutuamente contraditórias. De qualquer forma, devemos compreender que Freud e Adler estão falando de diferentes níveis do espectro, tão bem como o define Ken Wilber, no seu livro "O Espectro da Consciência".

RO. Quais foram as contribuições de Wilhelm Reich?

SG. Aos 24 anos Reich já era psiquiatra e psicanalista e o próprio Freud lhe deu a direção dos famosos seminários das quartas-feiras. Além disso era membro ativo do Partido Comunista Austríaco. Concordava com a grande importância dos fatores sexuais na etiologia das neuroses, mas enfatizou a "economia sexual" que segundo ele, era o equilíbrio entre carga e descarga de energia, entre excitação e relaxamento sexual. **Para ele, a supressão social das sensações sexuais junto com as atitudes que a acompanham constituem a verdadeira neurose.** O sintoma clínico é simplesmente sua manifestação exterior. Os traumas originais e a excitação sexual são contidos pelos complexos padrões das tensões musculares crônicas - a "courage do caráter". O termo "courage" ou "armadura muscular" refere-se a função de proteção do indivíduo contra experiências dolorosas e ameaçadoras. Para Reich a influência repressora da sociedade era o fator crítico que contribuía para o orgasmo sexual incompleto e para o congestionamento da bioenergia. Um indivíduo neurótico só consegue manter seu equilíbrio, consumindo seu excesso

de energia em tensões musculares, limitando assim sua excitação sexual. Um indivíduo saudável não tem esta limitação; sua energia não se liga à armadura muscular nenhuma, e pode fluir livremente.

A contribuição de Reich para a terapia é significativa e de valor duradouro. Sua insatisfação com os métodos da psicanálise levaram-no ao desenvolvimento de um sistema denominado "Análise do caráter" e, mais tarde, "Vegetoterapia analítica do caráter". Reich usava hiperventilação, uma variedade de manipulações do corpo e contato físico direto para mobilizar energias reprimidas e remover bloqueios.

De acordo com ele, a finalidade da terapia era que o paciente se rendesse totalmente aos movimentos espontâneos e involuntários do corpo, os quais são normalmente associados aos processos respiratórios. Se isto fosse possível, as ondas respiratórias produziriam um movimento oscilante no corpo, que Reich chamou de "**reflexo do orgasmo**". Ele acreditava que os

pacientes que conseguissem tal resultado na terapia, seriam capazes de se render totalmente numa situação sexual, alcançando um estado de plena satisfação. O orgasmo completo descarrega todos os excessos de energia do organismo, e o paciente livra-se dos sintomas.

Por causa destas idéias foi expulso da Associação Psicanalítica Internacional e também do Partido Comunista Austríaco, porém hoje avaliamos sua enorme contribuição nas áreas dos processos bioenergéticos e seus correlatos psicossomáticos. Ele sentiu a existência de imensos potenciais de energia subjacentes a todos os processos neuróticos e **compreendeu, já em 1927, quando publicou "A função do orgasmo", que era uma futilidade improdutivo, abordá-los apenas verbalmente.** Sua compreensão da "courage" ou "armadura muscular" na cronificação das neuroses são confirmadas pelo trabalho com doses altas de LSD. A confrontação do paciente com o âmago de seus conflitos psicológicos é quase sempre acompanhada por violentos tremores, estremecimentos, contorções, posturas extremas prolongadas, caretas,

emissão de sons e vômitos. A congestão da energia sexual no organismo por causa da repressão social, inibe o orgasmo sexual total, e isto provoca o bloqueio da libido no organismo, o qual se expressa para Reich, numa variedade de fenômenos patológicos que vão da neurose ao sadomasoquismo.

Mesmo inconventionais, e até indisciplinadas, as especulações de Reich são, em essência, freqüentemente compatíveis com os modernos conceitos da ciência. Pelo seu modo de encarar a natureza, ele aproximou-se da visão de

expresso como no orgasmo sexual. O demônio é a representação das forças que levam a perversão e distorção destas forças vivas".

Em contraste direto com as observações psicodélicas, Reich afirmava que as experiências místicas desaparecem se a terapia consegue desmontar a couraça. Em sua opinião, "**a potência orgástica não é encontrada entre os místicos, assim como o misticismo não é encontrado entre os orgasticamente potentes**". Hoje sabemos que esta afirmação está errada.



Grof com alunos e docentes do curso de Terapia Transpessoal do Grupo Ômega

RO. Otto Rank, tem sido muito revalorizado pela sua brilhante intuição das conseqüências do trauma do nascimento nas desordens emocionais.

Descreva por favor, essa contribuição.

SG. O sistema terapêutico desenvolvido por ele se afastou claramente da corrente freudiana. As principais áreas de desacordo consistem na ênfase que Rank deu ao **significado primordial do trauma do nascimento.** Em

contraposição à ênfase

freudiana da dinâmica sexual e do papel crucial do complexo de Édipo, **Rank considerou o Ego como representante autônomo da vontade, em lugar de escravo do Id.**

Apresentou modificações da técnica psicanalítica tão radicais e drásticas quanto suas contribuições teóricas. Já em 1929 afirmou enfaticamente que uma abordagem exclusivamente verbal da psicoterapia é de valor muito limitado e **que a ênfase deve sempre ser experiencial,** insistindo, ser essencial para o sucesso da terapia, o paciente **reviver o trauma do nascimento.** Este, para ele, era a causa definitivamente responsável de que a **separação** constitua a experiência humana mais dolorosa e aterradora. Como resultado, qualquer mudança posterior na vida, de uma situação agradável para uma situação desagradável, produziria sentimentos de angústia e de ansiedade.

Ele reinterpretou, por completo, a importância e significado da pedra-mãe da teoria freudiana: o complexo de Édipo. Para ele, no coração do mito de Édipo se encontra o mistério da origem

mundo sugerida pela física quântico-relativista, enfatizando a unidade cósmica subjacente. Reconheceu o **papel ativo do observador,** lembrando as especulações filosóficas de **David Bohm.**

Várias vezes Reich oscilou à beira da compreensão transpessoal e vislumbrou uma consciência cósmica que expressou como a "**Energia Orgônica Universal**", porém ele nunca alcançou verdadeira compreensão ou apreciação das grandes filosofias espirituais do mundo.

Em suas apaixonadas incursões críticas contra a espiritualidade, confundia misticismo com versões superficiais e distorcidas das principais doutrinas religiosas. Foi ele quem se opôs mais ferreamente ao interesse de Jung pelo místico. Para ele, inclinações místicas reforçavam a armadura e provocavam uma grave distorção da economia orgônica, e nas próximas citações o expressa claramente: "Medo da morte e de morrer são idênticos a um orgasmo incompleto, ansiedade frente ao" suposto "instinto da morte. "Deus é a representação das forças vivas naturais, da bioenergia do homem, e em nenhum lugar está tão claramente

A Psiquiatria e a Psicologia nos Séculos XX e XXI

do homem que Édipo arquetipicamente tenta resolver regressando ao útero da mater.

A psicoterapia com LSD e outros trabalhos experienciais profundos, apoiaram fortemente a tese geral de Rank sobre a grande significação psicológica do trauma do nascimento. Entretanto, são necessárias substanciais modificações no enfoque rankiano para aumentar sua compatibilidade com atuais observações clínicas. A teoria de Rank acentua o elemento de separação da mãe e a perda do ventre materno, como os aspectos traumáticos essenciais do nascimento. Para ele o trauma é ser a situação pós-natal bem menos favorável que a pré-natal. Fora do ventre a criança encara irregularidade de alimentação, ausência da mãe, oscilações de temperatura e altos ruídos. Ela deve respirar, engolir alimento e expelir a matéria supérflua. No trabalho com LSD, a situação é muito mais complicada. O

nascimento não é traumático apenas porque a criança se transfere de uma situação paradisíaca no ventre, para condições adversas no mundo exterior; **senão porque a própria passagem através do canal cervical impõe sofrimento e enorme tensão emocional e física.** A tendência a externar e descarregar os sentimentos e a energia bloqueada, que se gera durante a luta para nascer, representa para Rank uma profunda força motivadora de uma ampla gama de condutas humanas.

Suas descobertas da importância psicológica do trauma do nascimento e suas múltiplas ramificações, foi um logro verdadeiramente notável que precedeu, em muitas décadas, as extraordinárias descobertas que só puderam ser feitas através da **potência química impar do LSD.**

RO. Sandor Ferenczi, mesmo sendo um dos mais íntimos do grupo de

Viena até o exílio, fez contribuições bem independentes do pensamento de Freud. O senhor poderia descrevê-las?

SG Em seu notável ensaio "Thalassa", Ferenczi descreveu a totalidade da evolução sexual como uma tentativa de volta ao ventre materno. Segundo ele, no intercurso sexual, os organismos interagentes dividem entre si a gratificação das células germinativas. O homem tem o privilégio de penetrar direta e realmente o organismo maternal, enquanto a mulher, se identifica com o filho flutuando dentro



Grof autografando seu livro para Juliana Manzatto, musicoterapeuta pela UCSAL, e Terapeuta transpessoal, formada pelo Grupo Omega em abril/2002.

dela, quando está grávida. Isto é a essência da "tendência regressiva ao mar" (*Thalassa regressive trend*), a luta para voltar ao modelo aquático original de existência abandonado nos tempos primevos. **Em última análise, o líquido amniótico, simboliza a água do oceano introjetada no ventre materno.** De acordo com esta afirmação, os mamíferos terrestres têm um ardente e profundo desejo organímico de reverter a decisão que os fez abandonar a vida aquática e optar por uma nova forma de existência terrestre. Esta seria a solução realmente tomada, há milhões de anos, pelos ancestrais das baleias e golfinhos de hoje.

RO. E o preferido discípulo dileto de Freud, Carl Gustav Jung, chamado, "Príncipe herdeiro da Psicanálise", que com apenas 35 anos foi escolhido primeiro presidente da *International*

Psychoanalytical Association, e que é também o grande precursor e primeiro ator da **Psicologia Transpessoal.** Fale-nos da sua contribuição.

SG. As revisões de Jung, foram indiscutivelmente as mais radicais, e suas contribuições, verdadeiramente revolucionárias. A psiquiatria deu um salto tão grande à frente graças ao seu trabalho, como o tinha dado no início do século graças a Freud.

A psicologia analítica de Jung definitivamente não é uma variante da psicanálise, senão que, representa um conceito completamente novo de profundidade psicológica e psicoterapêutica incomparável. Jung sabia perfeitamente, devido à sua amizade com vários prêmios Nobel de Física (Einstein, Pauli, Planck), **que seus descobrimentos eram irreconciliáveis com o pensamento newtoniano-**

cartesiano-freudiano, e que exigiam uma profunda revisão dos pressupostos filosóficos básicos da ciência ocidental. À diferença de todos os outros teóricos da psicanálise, teve uma autêntica compreensão das tradições místicas e um profundo respeito pelas dimensões espirituais da psique e da existência humana. Pode ser chamado com plena justiça, o "**primeiro psicólogo transpessoal**". Quero falar sobre sua obra, quando abordarmos o transpessoal.

RO. Você chegou nos EUA em 1967, vindo de um país ferreamente comunista, que mesmo assim lhe permitiu sair para pesquisar o LSD nos EUA, onde toda a Psiquiatria e a Psicologia estavam dominadas por duas teorias, a Psicanálise e o Condutismo. Porém, um crescente número de destacados investigadores e experimentadores norte-americanos, se sentiam

Maslow indicou que, ao concentrar-se no pior da Maslow indicou que, ao concentrar-se no pior da humanidade em lugar de fazê-lo no melhor, Freud produz uma imagem extremamente distorcida da natureza humana, que exclui do homem a grandeza de suas aspirações e esperanças realizáveis, e todas as suas qualidades divinas.

Para a Psicologia Humanista a única forma de ser sincero consigo mesmo, é estar constantemente consciente da própria morte e da transitoriedade da existência material.

As pessoas que vivem experiências "pico" ou "cume" devem ser consideradas supranormais, e de forma alguma vivendo fenômenos patológicos.

profundamente insatisfeitos com a orientação mecanicista destas duas escolas. Explique-nos a partir disto, como surgiu a Psicologia Humanista.

SG. Esta se baseia, e tem suas raízes históricas, na filosofia de **Soren Kierkegaard** e na fenomenologia de **Edmund Husserl**. Coloca em relevo o fato de que cada indivíduo é único e inexplicável, em termos de qualquer sistema científico ou filosófico. A pessoa possui liberdade de escolha, o que faz com que seu futuro seja imprevisível e portanto, gerador de angústia. Um tema central do existencialismo é pensar sobre a inevitabilidade da morte. Aparentemente, os seres humanos foram jogados num mundo hostil, no qual tentam desesperadamente alcançar metas e objetivos vãos, cuja irrelevância e futilidade é impiedosamente aniquilada pela morte. **Para a Psicologia Humanista a única forma de ser sincero consigo mesmo, é estar constantemente consciente da própria morte e da transitoriedade da existência material. O maior erro do enfoque existencial-humanista consiste em generalizar suas observações, e apresentá-las como tendo validade universal.**

A análise existencial ou Logoterapia de **Viktor Frankl**, se ocupa do Sentido e Significado da Vida. Porém, hoje sabemos que é impossível justificar a vida ou encontrar o seu sentido apenas através da análise intelectual ou do uso da lógica. Se faz necessário alcançar **experencialmente**, um estado no qual, se vivencie biológica e emocionalmente que a vida vale a pena.

Para Viktor Frankl e a Psicologia Humanista, uma solução eficaz deste problema, não consiste em inventar constantemente complexos objetivos vitais, mas sim, em provocar uma profunda transformação interna e uma modificação da consciência, que restabeleça o fluxo vital da energia. **Todo indivíduo que participe ativamente no processo da Vida, com deleite e alegria, jamais precisará questionar o seu significado. A cura acontece quando ele percebe que Ela tem um valor incalculável e milagroso, absolutamente auto-evidente.**

RO. Quem foi o expoente máximo da Psicologia Humanista?

SG. Abraham Maslow, que com uma penetrante crítica da Psicanálise e do Condutismo, se transformou em um motor propulsor do movimento humanista, também chamado, "**Movimento do Potencial Humano**". Maslow rejeitou as idéias pessimistas e inflexíveis de Freud, de uma humanidade dominada

inexoravelmente pelos instintos básicos. Para Freud, fenômenos tais como, o amor, a apreciação da beleza, o sentido da justiça, são interpretados como simples sublimação dos baixos instintos ou como uma formação reativa contra eles. Toda forma superior de conduta, segundo ele, foi ou adquirida, ou imposta, e de forma alguma algo consubstancial à condição humana. Maslow discordou de Freud na sua exclusiva concentração no estudo de pessoas neuróticas, psicóticas ou perversas. **Indicou que, ao concentrar-se no pior da humanidade em lugar de fazê-lo no melhor, se produz uma imagem extremamente distorcida da natureza humana, que exclui do homem a grandeza de suas aspirações e esperanças realizáveis, e todas as suas qualidades divinas.**

Maslow, com suas críticas, também arrasou com o Condutismo e sua dependência da experimentação com animais. Estes estudos podem aportar alguma informação sobre características que os humanos compartilham com outras espécies, mas são inúteis no estudo das qualidades especificamente humanas. Os ratos, as pombas e os gatos, têm pouco a nos dizer sobre a Arte, a Ciência, a Consciência, a Culpa, o Idealismo, ou a Espiritualidade. Este mecanicismo extremo, exemplificado pelo Condutismo, de que nós humanos, somos simplesmente animais mais complexos e que reagimos cegamente aos estímulos ambientais, é ridícula, e beira o absurdo.

Num amplo estudo de indivíduos que experimentaram estados místicos espontâneos (experiências "pico" ou "cume") Maslow demonstrou, com uma casuística contundente e abundante, **que elas devem ser consideradas supranormais, e de forma alguma fenômenos patológicos, e que podem portanto, ser fomentadas em todos os seres humanos, para favorecer a tendência intrínseca à auto-realização e felicidade plena.**

RO. Qual é a sua avaliação geral da Psicologia Humanista?

SG. Ela supõe um passo gigantesco para uma compreensão holística da natureza humana. Considera que o Ocidente se tornou excessivamente intelectual, tecnológico e desvinculado de sensações e emoções. Os enfoques terapêuticos humanistas estão desenhados como procedimentos experienciais corretivos, encaminhados a remediar a alienação e a desumanização. **Enfatizam métodos vivenciais de mudança de personalidade, não-verbais e corporais, que aspiram ao crescimento individual ilimitado, e não, a adaptação.** Outro grande mérito

A Psiquiatria e a Psicologia nos Séculos XX e XXI

consiste em distanciar-se da orientação intrapsíquica e intraorgânica, para dar importância terapêutica às relações interpessoais e grupais, à interação familiar, às estruturas sociais e influências socioculturais, assim como, introduzir considerações econômicas, políticas e ecológicas no processo terapêutico.

RO. Fale-nos de algumas das técnicas terapêuticas humanistas que se mostraram eficientes, e por isso se mantêm firmes até hoje, aquelas que superaram o teste do grande Mestre, o Tempo.

SG. Uma delas, é a **Bioenergética**, de Alexander Lowen, John Pierrakos e Stanley Kelemam, baseada nas idéias de **Reich**. Utiliza o processo energético do corpo e a linguagem corporal para influir as funções mentais. Combina a psicoterapia com uma ampla gama de exercícios que incluem a respiração, posições corporais, movimentos rítmicos e intervenções manuais diretas, por parte do terapeuta, para promover a plena descarga emocional, que quando bloqueada deixa o indivíduo **disfuncional**. Através da Bioenergética se restabelece o contato com a nossa **"primeira natureza"** aumentando os graus de liberdade em relação a atitudes físicas, psíquicas e sexuais cristalizadas, que deram origem a nossa **"segunda natureza"** que com sua armadura muscular bloqueia o prazer de viver, de amar e de gozar.

Outra técnica importante para o desenvolvimento posterior do Transpessoal, é a **Gestalt de Fritz Perls**. Esta coloca a ênfase na revivência, no Aqui e Agora dos traumas e conflitos, introduzindo mais consciência em todos os processos físicos e emocionais, e completando as gestalts inacabadas do passado. O paciente é incitado a responsabilizar-se plenamente pelo processo e libertar-se da dependência de pais, cônjuges, mestres, gurus ou terapeutas. Para tanto é utilizado também o trabalho individual no contexto grupal. Aqui importa pouco apelar às recordações e à análise intelectual para compreendê-las. **O Aqui e o Agora, é o único que interessa, pois o passado já foi e o futuro é inexistente. É no Agora que temos sempre a oportunidade de nos transformarmos, ampliando a nossa Consciência.** Neste sentido, a Gestalt talvez seja quem mais se aproxima do Transpessoal.

Foram inúmeras as técnicas humanistas criadas na segunda metade do século XX, e sendo assim é impossível mencioná-las todas, porém duas têm sido revitalizadas na Europa e nos

EUA: as técnicas grupais em geral, e o Psicodrama de Jacob Moreno em particular.

RO. A partir disto, re-signifique o surgimento da "Quarta Força", a Psicologia Transpessoal.

SG. Com o rápido crescimento da Psicologia Humanista, nos anos 60, ficou claro que só a ênfase no crescimento pessoal e a autocompreensão eram metas ainda estreitas e limitadas. Emergia a falta do reconhecimento das necessidades transcendentais e espirituais do ser humano como aspectos intrínsecos e essenciais da sua natureza, e o direito de cada indivíduo para escolher ou mudar seu **"Caminho"**. Um número crescente de psicólogos começaram a pesquisar áreas e temas antes ignorados, tais como o êxtase, a transcendência, a teoria e prática da meditação, a sinergia interindividual, a consciência cósmica, e outras. O novo movimento adquiriu um ímpeto poderoso graças à investigação clínica sistemática com

Um ateu representa a maior expressão do humor cósmico. É uma unidade partida da consciência divina que dedicou sua existência temporária a uma batalha tragicômica, com uma tarefa claramente impossível.

substâncias psicodélicas, particularmente a psicoterapia com LSD, e a impressionante nova percepção da psique humana que confirmaram as palavras de **June Singer: Jung foi o pioneiro que mostrou "a importância do inconsciente mais do que o consciente, o misterioso mais do que o conhecido, o místico mais do que o científico, o criativo mais do que o produtivo e o religioso mais do que o profano", e acrescentou, "o Inconsciente não é a sucataria psicobiológica das tendências instintivas rejeitadas, nem das lembranças reprimidas, nem das proibições sociais integradas subconscientemente. É, pelo contrário, um princípio criativo e inteligente que vincula o indivíduo com a totalidade da Humanidade, da Natureza e do Cosmos"**. Isto implica na conclusão de que além do inconsciente individual existe um inconsciente coletivo ou racial compartilhado por toda a humanidade, e que constitui uma manifestação da força criativa cósmica. Esta conclusão aparece em todas as grandes

tradições de Conhecimento, e em toda a Mitologia Universal, como fontes únicas e atemporais de informação sobre os aspectos coletivos do inconsciente na história. Da fusão deste conhecimento avançado por Jung na psicologia ocidental, acrescido a ele um estudo comparativo profundo das grandes Culturas da Humanidade, surge como síntese, a Psicologia Transpessoal.

RO. Dito isto, resuma a "revolução" de Jung, como primeiro psiquiatra e psicólogo transpessoal.

SG. Nossos trabalhos com pesquisa psicodélica confirmam a grandeza ímpar do trabalho de Jung, no que diz respeito a: existência do Inconsciente Coletivo, a dinâmica das estruturas arquetípicas, a compreensão da verdadeira natureza da libido, a distinção por ele feita entre o ego e o Self ou Eu Superior, o reconhecimento da função prospectiva e criativa do Inconsciente, o processo de individuação, o conceito quântico de sincronicidade, a similitude do seu conceito dos "complexos psicológicos" com os recentemente descobertos sistemas COEX (Condensed Experiences).

O que nos surpreende, levando em conta seu profundo interesse e conhecimento das filosofias espirituais do Oriente, é o fato dele ter omitido ou negligenciado quase totalmente o campo dos fenômenos de existências passadas, que é de importância crucial para qualquer psicoterapia experiencial profunda.

RO. Resuma a relevância de Abraham Maslow para a Psicologia Transpessoal.

SG. Já falei de seu estudo duradouro de indivíduos com experiências místicas de "pico" espontâneas, que sempre tinham sido descritas como séria psicopatologia, e indicadoras de um processo psicótico incipiente. **Maslow demonstrou que a minoria privilegiada que vivencia estes episódios, são indivíduos superdotados vivendo experiências supranormais e que eles poderiam ser considerados, a vanguarda espiritual da humanidade.** Os encontramos a cada dia em número maior, e em todas as culturas. Sua busca por valores superiores (metavalores) e os impulsos para alcançá-los (metamotivações) foram considerados por Maslow como intrínsecos ao ser humano, e este fato é indispensável e essencial para qualquer compreensão significativa da natureza humana. O potencial curativo das experiências "pico" ou "cume" é incomparavelmente superior a qualquer coisa que o arsenal



Grof com C. Alberto Leandro, Mario Rodriguez, L. Celuque e Ricardo Chemas

terapêutico da Psiquiatria moderna tenha a oferecer.

RO. No mundo da Psicoterapia que enfrentaremos no Séc. XXI, como é possível caminhar na direção de uma integração de enfoques e abordagens tão díspares?

SG. As observações da investigação psicodélica durante os últimos 50 anos, junto com outras formas **experienciais de auto-exploração**, possibilitaram a entrada de um elemento de clareza e simplificação ímpar no desesperante labirinto de sistemas psicoterapêuticos conflitantes e rivais. Uma simples olhada na Psicologia ocidental do Séc. XX manifesta controvérsias e desacordos fundamentais e de enormes proporções sobre a dinâmica básica do funcionamento da mente humana: de qual é a natureza das desordens emocionais e quais são as técnicas terapêuticas apropriadas para remediá-las. Como vimos, esta discordância essencial não existe só nas escolas que são produtos de enfoques filosóficos totalmente antagônicos a priori, como o Condutismo e a Psicanálise, mas também nas enormes divergências e

derivações dentro de uma única escola: o Freudismo.

Isto atinge uma dimensão muito maior quando levamos em conta os grandes sistemas psicológicos desenvolvidos pelas principais tradições espirituais, tanto orientais quanto ocidentais ao longo de milênios, tais como: as diversas formas de Yoga, o Budismo Tibetano e o Zen, o Taoísmo, o Sufismo, a Alquimia, a Cabala, e o profundo conhecimento transmitido nas Escolas dos Essênios, dentre outros. Existe um abismo entre a forma de ver o que é o ser humano e sua mente, entre a maioria das escolas ocidentais de psicoterapia e o conhecimento destas tradições milenares. Foi a terapia psicodélica com o LSD, que nos deu a luz para atravessar estes labirintos e chegar a uma compreensão do que significa realmente nossa essência. Nas primeiras doses desta terapia, o paciente revive eventos **biográficos** desta vida. A medida que as doses aumentam em frequência ou potência, o paciente começa a reviver todos os eventos relativos ao trauma do nascimento, que chamamos de **perinatais**. Isto implica numa compreensão de que chegamos a este mundo de uma forma muito parecida como o deixamos. Quando nascemos aqui morremos lá, e vice-versa.

Em sujeitos com um mais avançado nível de consciência, e com as doses mais potentes, chega-se aos **reinos transpessoais** dos seres divinos e arquetípicos de todas as religiões e por vezes também aos reinos demoníacos e infernais por elas descritos.

Se o terapeuta transpessoal conhece este percurso através do seu próprio trabalho de auto-descoberta, então pode guiar seu paciente nesta jornada, utilizando-se da técnica que considere mais adequada a cada situação.

Quando, por razões legais deixamos de utilizar o LSD, o substituímos pela tríade: trabalho corporal - música evocativa - respiração holotrófica, em sessões de no mínimo 3 horas. Esta é a nossa forma de trabalhar, mas a psicologia transpessoal abre um leque infinito de possibilidades e combinações de técnicas orientais e ocidentais, de modo que cada um possa chegar à plena consciência de qual é a sua jornada heróica e assim cumprir sua missão.

RO. Encerrando, defina o que caracteriza um bom terapeuta transpessoal.

SG. O que o caracteriza é o contexto e não o conteúdo. **É sempre o paciente quem determina o conteúdo.** O terapeuta transpessoal se ocupa de **todos** os sucessos que emergem ao longo do processo, incluindo os assuntos mundanos, os dados biográficos e os temas existenciais. Fazendo isto com um modelo da psique humana que reconhece a relevância crucial das dimensões espirituais e cósmicas, e o potencial evolutivo infinito da Psique. Sem importar-lhe em que nível da Consciência se centra o processo terapêutico, ele conserva a visão da totalidade do espectro, e está bem disposto a seguir o paciente a todo momento para novos reinos transpessoais.

RO. Para fechar, queremos lhe reiterar uma pergunta que já lhe fizemos na nossa primeira entrevista. O que é para você um ateu?

SG. Um ateu representa a maior expressão do humor cósmico. É uma unidade partida da consciência divina que dedicou sua existência temporária a uma batalha tragicômica, com uma tarefa claramente impossível. Insiste, e está determinado a provar que o Universo e ele mesmo representam apenas rejuntamentos acidentais de matéria e que o Criador não existe. Um ateu esqueceu-se completamente da sua origem divina. Sri Aurobindo o descreve como: "Deus que está brincado de esconder-se de si mesmo".



Édipo:

A Busca do Self ou uma História Mal Contada?

Nossa civilização atual, ocidental e cristã, nasceu na Grécia antiga. **É surpreendente que este conhecido fato, não nos leve a buscar nas nossas origens as raízes de nossas tragédias atuais.**

O avanço da consciência do homem sobre si mesmo e os fenômenos que o cercam, promoveram, somente na Grécia Ática, **uma cultura plenamente dedicada à figura humana.**

Eles abandonaram as explicações apenas metafísicas e espirituais para o mundo, e procuraram soluções racionais e convincentes para todos os eventos que influenciavam suas vidas. **Neste sentido, iniciaram a ciência como a conhecemos.**



O antropocentrismo dos gregos foi sua idéia mais original, **única em todo o mundo.** A perfeição das medidas do homem, suas feições e expressões passaram a servir de modelo, desde as artes plásticas até as criações mitológicas e religiosas. Se tivesse prevalecido o modelo egípcio, por exemplo, nosso imaginário coletivo estaria povoado de figuras desconhecidas, com misturas simultâneas de aparência divina e animal. Igual seria com a arquitetura, onde teríamos estruturas gigantescas como as pirâmides e os palácios faraônicos, obviamente desproporcionadas com a dimensão humana.

O homem em confronto constante com seus limites, também é uma invenção grega. Possibilidade totalmente impensável, por exemplo, no budismo, onde se busca suprimir o desejo para atingir a paz de espírito.

Os dois maiores teólogos do cristianismo: Tomás de Aquino e Santo

Agostinho, em todos os seus escritos, **fundiram a essência do pensamento grego, e o colocaram como fundamento da religião.**

Enquanto nossa época está obcecada em compreender cada vez mais fundo a estrutura subatômica da matéria, os gregos estavam **também** interessados em decifrar o verdadeiro significado das coisas, em compreender como o Poder Superior fala através do veículo da forma, como o mundo manifesto é a língua do invisível, e quanto o **nosso caminho está sempre repleto de sinais** que precisamos aprender a decifrar, **como Édipo o fez com a Esfinge.** O homem moderno, na maioria das vezes, não reconhece os sinais porque não conhece a verdadeira responsabilidade, **que é responder por cada um de seus atos.** Quando realmente vier a ter a intenção de responder, surgirá uma orientação (... **ex oriente lux**) e então começará a sentir que habita em um **Kosmos** e não em um **Kaos.**

Abordar novamente Édipo é uma tarefa heróica. De todos os mitos gregos, ele foi o mais exaustivamente destrinchado, de Aristóteles a Freud, passando por Homero, Eurípedes e Ésquilo (que lhe dedicou uma tetralogia) na Grécia, por Sêneca em Roma, por Hölderlin, Hoffmannsthal e Thorwald Dethlefsen na Alemanha, de Voltaire a André Gide na França, Campbell, June Singer e James Hillman nos EUA, entre inúmeros outros, aparentemente o teriam esgotado. **Mas o mito grego, como a tragédia humana, é inesgotável.**

Deus, neste contexto, é **Apolo.** Édipo se torna um herói apolíneo. Platão escreveu a **Apologia de Sócrates.** Ele é o padrão da perfeita beleza e sabedoria. Pedimos a ele e ao sábio cego Tirésias, a Cadmo, fundador de Tebas, a Laio, pai de Édipo e a Jocasta, sua mãe, que nos mostrem, até que ponto, os mitos gregos são a nossa psicologia profunda em vestes antigas.

Se Édipo n vezes já encenado, continua a nos comover, é porque seu destino é muito parecido, senão idêntico ao nosso.

ÉDIPO: MITO, LENDA OU HISTÓRIA?

Não nos ocupará tanto como ocupou a Freud, o parricídio e o incesto. Nos ocupará a sua jornada heróica rumo ao Conhecimento pleno.

Freud reduziu a nobre noção grega de destino heróico, às banais intimidades familiares. Parece como se não tivesse entendido o espírito grego. Nos relata, como se o assassinato do pai fosse resultante do desejo pela mãe, enquanto que **no mito, na lenda e em Sófocles**, primeiro vem o parricídio de Laio na encruzilhada, **desconhecendo que é seu pai**, e depois o casamento com Jocasta em Tebas, **desconhecendo que é sua mãe**. Para a antropologia de Freud, toda família humana é reduzida ao mesmo e único padrão, e a grandeza do mito, restrita às compulsões e repressões familiares. Em Freud, Édipo se torna o fóbico pequeno Hans, como ele o diz textualmente: "Hans é **realmente (wirklig)** um pequeno Édipo, que quer seu pai fora da jogada, livrar-se dele de qualquer forma, para se ver sozinho com sua bela mãe, e dormir com ela" (1).

Jung acredita no mito, pratica o mito, e ensina o mito no seu caráter heróico e, portanto, que dá acesso à consciência Superior.

O fascínio que o mito exerce ainda hoje é pelo fato de que cada um de nós é realmente um Édipo, não porque nosso sexo

deseja nossas mães, ou pais, mas porque cada um de nós, está trilhando a sua própria jornada trágica e heróica. **Para compreender isto, a porta sempre reconhecida pela história foi e é a mesma: Sófocles**. Sua relevância não advém de relatar eventos históricos, senão míticos, que como diz Sallustius: "Acontecimentos estes que talvez nunca ocorreram, mas sempre existiram" (2). Nesse sentido o mito tem muito mais força que qualquer suposta história real, porque ele nos foi transmitido durante três mil anos, geração após geração.

O ENIGMA DA ESFINGE

"Na terra vive uma criatura que anda sobre quatro membros, depois sobre dois, e por último sobre três".

Solução de Édipo

"Escuta Musa, mesmo que não queiras. Tua luta chega ao fim. Falas do homem, que quando pequeno engatinha sobre os quatro membros; quando adulto usa as duas pernas, e quando velho se apóia em um cajado para suportar o peso dos anos" (3).

O mito de Édipo tem uma relevância e transcendência ímpar na jornada heróica do homem ocidental, que não tem sido bem avaliada, por causa da trivialização que sofreu. Do ponto de vista psicológico e mitológico, **a tragédia grega, compreendida na sua essência**, é a verdadeira chave para a solução dos enigmas da alma humana.

O mistério da tragédia tem estado muito distante da nossa compreensão. O próprio termo psicoterapeuta (psique = alma; terapos = curador do templo) nos faz compreender que é **a psique a que adocece** e, portanto a única que temos possibilidade de curar. Isto incluindo **todos** os seres humanos e não somente os rotulados neuróticos, psicóticos ou pacientes em geral.

Os que exercem por longo tempo a profissão de psicoterapeuta sabem de forma unânime, que todo ser humano que caminha com certo grau de consciência sobre esta Terra, enfrenta conflitos e dificuldades que confirmam, que não

existe ninguém que não seja passível de beneficiar-se de uma boa terapia. **Todos os nossos sintomas, dificuldades e dores são frutos de nossos conflitos inconscientes ainda não resolvidos**.

A pergunta que surge é a seguinte: por que cada vez mais pessoas em nossa cultura precisam urgentemente de **psicoterapia**? E também, como é que a humanidade conseguiu sobreviver sem ela durante tantos milênios?

A psicoterapia chega, na realidade, para suprir uma **perda** sofrida pela nossa cultura: a dos mitos e seus cultos, dos quais os antigos extraíam seus maiores e mais significativos potenciais energéticos.

O ser humano de hoje não domina sua vida porque não aprendeu a relacionar suas dificuldades e os golpes do destino **com seu psiquismo inconsciente**. Aqui nos defrontamos com uma das mais perigosas posturas de nossa época, a de pensar que tudo o que ocorreu antes de nós é menos evoluído, e que agora nos encontraríamos no auge da civilização.

Vejamos o que **Freud** escreveu a **Einstein** em 1932: "Pode talvez lhe parecer, que nossas teorias são um tipo de mitologia e nem mesmo uma mitologia agradável. Mas toda a ciência, afinal de contas não chega a ser um tipo de mitologia? O mesmo não poderia ser dito hoje de sua própria Física?" (4).

Temos urgência de olhar atentamente para o que aconteceu milhares de anos atrás para conseguir sair do labirinto de nossa unilateralidade racionalista. Esta fica clara pelo uso que fazemos da palavra "**mítico**": lhe damos o sentido daquilo que é velado, imaginado, inventado, fantasiado, inverídico, ou seja, contrário às leis da própria natureza.

O NASCIMENTO DO MITO

"Sem o Mito, toda Cultura perde sua força criativa natural. Apenas um horizonte ampliado pelos mitos concretiza a Unidade de todo um movimento cultural".

Frederich Nietzsche.
"O nascimento da tragédia" (5)

Notas:

1. **Sigmund Freud**: Obras Completas. Imago Ed. RJ, 1987. Análise da fobia de um garoto de cinco anos. **O caso do pequeno Hans**. O negrito e a tradução da palavra **realmente** é para ressaltar que Freud compara, um menino fóbico e medroso de cinco anos, que ele só viu uma vez, com um rei grego épico e heróico, de forma totalmente descontextualizada.

2. **Sallustius**: *Sobre Deus e o Universo*. Ed Hildesheim, Ulm, Alemanha, 1966.

3. Ver a versão completa do Enigma da Esfinge em: **Junito Brandão**, *Mitologia Grega*, vol. 3, pág. 261.



As histórias míticas continuam a revelação do princípio divino, transcendente ou numinoso. Não é o mito que cria ou revela o divino, mas é o divino que se revela no mito, que através dele se torna visível. João nos recorda nas primeiras palavras do seu Evangelho, que a divindade está sempre no início: **“No princípio era o Verbo...”**, esta palavra se transforma em carne, se densifica na forma de um invólucro material.

Para o homem mítico, o mundo é, em todos os seus aspectos, uma **teofania**, uma realidade divina que se tornou visível e se revelou através da forma. Ele percebe o visível sempre como uma forma de expressão do invisível, e se esforça arduamente por descobrir seu sentido e significado.

Toda jornada heróica se transforma primeiro em história, depois em lenda, e quando sua veracidade é testada pelo **Grande Mestre, o Tempo**, nasce o mito ou **História sagrada**, que é testemunha de uma verdade espiritual que só pode ser vivenciada, e não só observada ou analisada. Nesse sentido, **o mito é verdadeiro** pela sua permanência através do tempo, de uma forma tal como nenhuma proposição científica poderia jamais sê-lo. Corresponde a uma **Ordem do Ser** que transcende grandemente nossa pequena realidade. É através do mito que tomamos conhecimento das exigências que o divino impõe aos homens, e é no culto que o homem responde à Divindade.

O ritual do culto é exatamente tão simbólico quanto o próprio mundo pode ser sentido na sua totalidade. **“Símbolo”** deriva do grego *syballien* = juntar, **é o que serve de ponte entre o mortal e o imortal**, entre o visível e o invisível. Captar o mundo como **símbolo** é a forma mais elevada e desenvolvida de experimentá-lo e decifrá-lo.

Antigamente, os rituais iniciáticos, puros símbolos, apareciam de duas formas: primeiro, como rituais da puberdade, e segundo como rituais de iniciação em sociedades secretas ou escolas de mistério. O modelo básico da iniciação se orienta pelo tema do **re-nascimento**. A iniciação (**do latim initium = começo**), pretende elevar o homem a uma nova compreensão da vida através de um novo nascimento, que é um segundo corte umbilical. Em nossa cultura isto é tão difícil de realizar, que freqüentemente deixa de acontecer. **Joseph Campbell escreve: “Criamos uma civilização infantil que torna difícil encontrar homens verdadeiramente maduros.** As marcas de nossa unilateralidade e infantilidade cultural provêm do fato de que queremos ser poupados de todos os temas que sempre constituíram a essência dos esforços iniciáticos: o sofrimento, a doença, o medo, o horror e a morte. Tornar-se maduro depende de realizar este renascimento iniciático” (6).

Tornar-se consciente de que somos em essência seres espirituais. Só assim entendemos que **a ordem eterna transcendente está sempre por trás da efêmera vida humana** e que brilha como Sol indestrutível. Quando a vida está impregnada pelo constante culto ao Superior, isto nos possibilita dar a qualquer circunstância, por mais adversa que seja, uma orientação espiritual transpessoal.

O MITO NA HISTÓRIA

O mito de Édipo existe há mais de três milênios; a primeira referência escrita que temos dele está na **Ilíada, de Homero**, de 800 a.C. Édipo faz parte da estirpe de Cadmo, herói que fundou a cidade de Tebas. Cadmo pertencia à quinta geração dos reis primordiais que nasceram do casamento de Zeus com Jô, e foi ascendente de **Laio, pai de Édipo**.

A leitura freudiana se refere só a uma parte mínima do mito. Nós queremos referir à história completa, e a seu significado integral, para isso precisamos conhecê-la.

Laio e Jocasta, reis de Tebas, cidade santa dos gregos, são um casal estéril, que peregrina a Delfos a fim de consultar Apolo no seu templo. Ele se torna através do oráculo da pitonisa, o terapeuta. Delfos dá a eles o significado da sua esterilidade. Não podem ter filhos, se o fizerem, esse filho matará o pai e desposará a mãe. Apesar disso, Laio numa noite de embriaguez, fecunda Jocasta que dá à luz um menino. Lembrando com horror da profecia, e para que o terrível destino não se cumpra, Laio entrega-o a um pastor, que perfura seus pés e o suspende pelos calcanhares num arbusto da floresta para ser devorado pelos animais selvagens. Porém, ele é encontrado por pastores de Corinto, que tiveram compaixão, e que por suas feridas o chamaram Édipos. Pelo fato de ter os pés amarrados deram-lhe este nome, que quer dizer exatamente **“pés inchados”** (Edy-pus), e o levaram aos reis de Corinto, que o adotam como seu filho e herdeiro.

Num dia de festa, um corintio embriagado lhe diz que ele não é filho legítimo dos reis de Corinto. Édipo alterado, sai em busca do segredo do seu nascimento, **em busca de suas raízes**. Com isto abandonou secretamente a casa paterna, a fim de consultar o oráculo de Delfos, e conhecer a verdade da sua origem. O Oráculo não respondeu à sua pergunta, e ainda o ameaçou com uma terrível previsão: **ele se tornaria o assassino de seu pai e o marido de sua mãe**.

É sempre o mesmo questionamento: de onde venho? Quais são minhas raízes? Quem são meus verdadeiros pais? Qual é o segredo do meu nascimento? Como e para que cheguei a este mundo?

Só Deus, Apolo, o Rei Sol, em Delfos, pode desvendar os mistérios da vida através do oráculo. Este lhe conta o seu destino. Matará seu pai e casará com sua mãe. Édipo desespera, já que os únicos pais que conhece são os reis de Corinto, que lhe deram só amor. Temendo a realização da profecia, se encaminha para o mais longe que pode de Corinto, e assim recusa o seu destino, e recusando-o, o cumpre. No meio do caminho de Delfos, encontra Laio, numa encruzilhada chamada por Sófocles de **“Caminho tríplice”**. Ninguém dá passagem, e numa luta violenta, o filho mata o pai.

Uma etapa importante do seu caminho iniciático é a aceitação do seu nascimento, do destino que lhe foi traçado.

Mas ele recusa e foge. Sem saber, toma a estrada que vai a Tebas, que está sendo devastada por um monstro, que sobre um rochedo guarda suas portas, e devora todos aqueles, que não respondem ao enigma que lhes propõe. É a Esfinge andrógina, o tetramorfo, com cabeça de touro, pernas de leão, asas de águia e rosto andrógino. Para nós, dentro de uma visão **junguiana e transpessoal**, a Esfinge representa nosso trabalho de integração dos quatro elementos: **a razão, o sentimento, a intuição e a sensação**.

Édipo resolve o enigma do **quatro**, que é o símbolo da **unidade animal não-diferenciada**, que terá de passar pela **dualidade do dois**, e experienciar a diferenciação, antes de chegar ao **três**, que simboliza a **unidade diferenciada, a Trindade**. Sem conhecê-la ainda, Édipo entra vitorioso em Tebas, e desposa a rainha Jocasta. **Novamente se cumpre o destino**, ele desposa sua própria mãe.

Édipo foi um rei sábio e respeitado durante décadas, mas, como a maldição da casa de Cadmo, primeiro rei de Tebas, ainda não tinha sido redimida por ninguém, a peste se abate sobre Tebas, cuja população definha e fica estéril. **Édipo Rei**, precisa saber a causa de tamanha infelicidade que aflige seu povo. Consulta o cego Tirésias, o sábio dotado de profunda visão interior. Este lhe revela a verdade: matou Laio, seu pai, na encruzilhada, desposou e teve quatro filhos com sua mãe Jocasta. Esta em desespero frente à verdade revelada, se enforca. Édipo após ver a terrível cena, vaza seus próprios olhos. Precisa entrar numa **outra visão**, adquirir **uma nova lucidez**.

A ORIGEM DA MALDIÇÃO DE TEBAS

Quando jovem, Laio precisou do abrigo de Pélops em Corinto, onde foi encarregado de ensinar a Crísipo, filho de Pélops, a arte de dirigir carros. No entanto, Laio apaixonou-se pelo rapaz, o seduziu e o raptou. Foi então amaldiçoado por Pélops: **ele jamais**

conceberia um filho, pois se o fizesse morreria pelas mãos dele. Laio que era casado com Jocasta, por três vezes recebeu a confirmação do oráculo de Delfos e pelo próprio Apolo, de que para salvar Tebas desta maldição, deveria morrer sem deixar prole.

Morre Laio, pai estéril, que repetidas vezes foi a Delfos para consultar o oráculo e pedir um filho, e quando o gerou, ordenou sua morte. Laio, que raptou o filho de outro homem, e o transformou em seu amante. Sobrevive Édipo, a "sagacidade extrema" que resolveu o enigma da Esfinge, que vive e gera filhos com sua mãe. O mesmo Édipo, cuja pouca sagacidade não escutou os avisos, não enxergou realmente, não apreciou os sinais.

Napoleão falou: **Geografia é Destino. Freud** o rephraseou dizendo: **Anatomia é Destino**. Os tornozelos furados de Édipo, no intento de infanticídio, já são a sentença do parricídio.

Dos nossos pés, e dos pés feridos de Édipo, depende o nosso enraizamento na matéria, e dele também depende nossa subida para a Luz. Como Édipo se curará dos seus pés feridos, nos mostrará o caminho que percorreu um arquetípico ser humano até tornar-se um Mestre Ascensionado. Leloup diz: **"O nascimento é uma doença da qual nunca nos recuperamos"** (7). Grof concorda com ele, como concordaram também outros mestres, desde **Otto Rank** até **Arthur Janov** (8).

O nascimento de Édipo foi uma desobediência aos deuses. Apolo pessoalmente advertiu Laio para não gerar filhos, como única forma de evitar morrer pelas mãos dele.

A pessoa como Édipo que não é desejada, nem esperada, senão temida, tem dificuldades em dar um passo a mais, e este medo de dar um passo à frente, tem profundas raízes na hora do nascimento, **"porque o corpo lembra que esse passo adiante para sair do útero, foi difícil e traumático"** (9).

Notas:

1. **Sigmund Freud**: Obras Completas, Tomo 22, pag. 211.
2. **Friedrich Nietzsche**: Die Geburt der Tragödie (O nascimento da Tragédia). Ed. Kröner, Stuttgart, 1964.
3. **Josef Campbell**: O Mito Vivo. Ed. Cultrix, SP, 1986.
4. **Jean Yves Leloup**: O corpo e seus símbolos. Ed. Vozes, Petrópolis, RJ, 1998.
5. **Otto Rank**: O trauma do nascimento. Viena, 1929.
6. **Arthur Janov**: O grito Primal. Los Angeles, EJA, 1964.
7. **Stanislav Grof**: Além do Cérebro. Nascimento, Morte e Transcendência em Psicoterapia. Ed. Mc. Graw- Hill, SP, 1988.

A AMBIGUIDADE PARADOXAL DO ORÁCULO

Para nós é importante compreender o que nem Laio nem Édipo compreendem, **que o destino não está na profecia**. O destino só se desvenda trágico quando se escuta o oráculo **literalmente**. Laio assim o faz, e, portanto tenta literalmente matar seu filho, de forma que é literalmente morto por este. A profecia sempre foi um **"pré-dizer"**, do que **pode vir a ser**. Nada está escrito na pedra. Sófocles já sabia da quantidade de fatores que influem no cálculo de probabilidades do livre arbítrio humano.

Édipo não ouviu Jocasta, nem Tirésias, nem os pastores, avisando-o de desistir de sua busca obstinada. Esta é a sua tragédia, ficar no literalismo, **não ouvir o duplo sentido**. Sófocles revela na grandeza de sua arte, a profunda unidade entre disfarce e revelação. Os heróis inflamados como Édipo escutam apenas a metade, intolerantes que



Zeus acorrentando Prometeu a uma rocha.

são com a ambigüidade. **Édipo só teve um segundo ouvido, que se abriu em Colona, após seu cegamento**.

Se imaginássemos, para Laio, um segundo ouvido ou uma segunda leitura do oráculo, ele teria escutado: "Observe profundamente seu filho, estude seu coração, compreenda suas formas e maneiras, pois ele tem o potencial de acabar com você. Ele é aquele que pode lhe mostrar como sua vida termina".

É surpreendente pensar que Édipo seja um fruto do karma de Laio. Segundo as crenças mitológicas gregas, uma estirpe inteira podia ser amaldiçoada, como

o foi no caso de Orestes, dentre muitos outros, até que um de seus membros tivesse a coragem do ato heróico que redimia a maldição. Neste ponto, existem paralelos com a doutrina oriental do karma. A lei do karma é totalmente neutra e atual. Ela compensa toda unilateralidade. A partir desse conhecimento, o homem é simultaneamente o que semeia e o que colhe. Ele colhe os frutos de ações anteriores e semeia, ao mesmo tempo, o que posteriormente colherá como frutos de sua ação. O karma é uma das mais elevadas leis espirituais. Laio quis ser rei e assumiu de fato essa posição, **sem estar preparado** para ela, **sem o necessário amadurecimento**, sem conseguir tornar autêntico o reinado exterior através do processo de **tornar-se interiormente rei**, capaz de controlar seus instintos primários. Necessariamente, todo fruto dessa inconsciência e imaturidade se tornará para ele uma fatalidade, não como um castigo, mas para que se faça justiça e se aprenda a Lei.

A VISÃO DO MITO COMO SÍMBOLO ARQUETÍPICO

Édipo é um mito que, em forma de tragédia, tem a missão de "mostrar" aos espectadores através de um enquadramento espiritual, as etapas da individuação humana, eternamente válidas.

Édipo não é um ser humano, mas O Ser Humano. Ele não é um determinado indivíduo, com um determinado caráter, e um destino excepcionalmente "trágico". **Édipo é, pura e simplesmente, o indivíduo que resolve trilhar o caminho do autoconhecimento**. É um ser disposto a enfrentar as dificuldades do caminho que levam ao verdadeiro coroamento e ao legítimo reinado. É qualquer um que tenha a pretensão de encontrar a si mesmo e, com isso, encontrar a Verdade.

Eis aí o problema que se coloca para todo ser humano, **pois o verdadeiro pai do homem é o Espírito, a Unidade**, que por essa mesma razão é denominado em várias religiões de Deus-Pai. **A origem do ser humano não se enraíza no plano terrestre**, mas sim no plano invisível, quer o denominemos de Deus, Espírito, Céu ou Pai. Exatamente neste ponto, queremos apontar para a paternidade de Deus na concepção de Jesus, no mito cristão. Jesus fala continuamente que **"Seu Pai está no céu"**, para tentar mostrar aos homens qual é a sua verdadeira origem e o seu verdadeiro objetivo. Mas este "Pai que está no céu" não é conhecido pelos homens, uma vez que eles ainda não foram iniciados no mundo espiritual; assim, acreditam em pais que são



Perseu com a cabeça de Medusa. Benvenuto Cellini. Piazza Della Signoria. Florença.

só circunstanciais. Para conseguir perceber essa ilusão, essa troca, o homem – assim como Édipo – precisa percorrer um longo caminho.

No mito, a condição de órfão e de apátrida é lugar-comum, o mesmo acontecendo nos contos de fadas. O tema sempre se relaciona com a perda do “verdadeiro lar” e constitui **uma premissa para que a pessoa se torne um buscador**. Enquanto o ser humano considerar este mundo como seu verdadeiro lar, enquanto considerar que seus pais mundanos são seus pais verdadeiros e enquanto achar que o seu reino é o deste mundo, não há nenhum motivo para começar a busca. Essa posição é ainda a regra para a maioria dos seres humanos. Estes nada sabem a respeito da sua origem, a respeito do fato de terem perdido sua dignidade real original. Portanto, eles se instalam tão confortavelmente quanto possível neste mundo, **até que o destino inexorável intervenha e questione a sanidade dele**.

Édipo se volta para a transcendência, na medida em que viaja para a cidade do oráculo, onde **Apolo, o Deus da Verdade**, se manifesta. Édipo se transformou num homem em busca e num homem que faz perguntas. Do Deus ele quer saber a verdade sobre seus pais, e ele a recebe. No entanto, **não a entende**.

A profecia de Apolo se refere a uma camada

ainda mais profunda da consciência. Os pais que Apolo tem em mente são o “Deus pai e a mãe Natureza”. Aqui se faz referência ao Pai como origem espiritual do ser humano, enquanto que ao falar em Mãe (do lat.: **mater = matéria**), menciona-se o princípio feminino, criador das formas deste mundo. Essas atribuições simbólicas eram habituais na antiguidade, e todas as tradições de conhecimento as utilizam no mesmo sentido ou em sentido semelhante. Na “**Tabula Smaragdina**” o Sol é designado como Pai e a Lua como a Mãe. Todo o conjunto da tradição hermética usa esses símbolos com o mesmo significado.

O oráculo de Apolo, portanto, anuncia a futura separação entre Deus e o mundo. Explicando-o de forma mais clara, isso quer dizer que Édipo matará o divino, **o seu Eu superior**, a fim de poder criar uma ligação com o mundo: **a Mater**. Com isso, ele mata o **Pai verdadeiro**, o **Rei que ele desconhece**, que como Unidade, literalmente impede que continue seu caminho na ignorância da **Lei**.

Este é o caminho arquetípico do ser humano, que vai cada vez mais para o fundo do mundo e da forma, do ego e da culpa, pois o ponto de mutação só poderá ser encontrado no local mais profundo, no auge do desespero, no que **San Juan de la Cruz chamou de “A Noite escura da Alma”**.

Édipo não percebe que o **enigma** da Esfinge, na verdade, não desaparece, apenas muda de figura feminina, para vir ao seu encontro na forma da sua mãe, a rainha **Jocasta**. A verdadeira solução deste enigma ocupará o resto da sua vida.

A **hybris** (do gr.: o erro do ego = egocentrismo) é compensada na terceira fase através da humildade, da confissão da própria fraqueza e do desamparo. É nessa ocasião que o homem precisa descobrir seu equilíbrio interior. Édipo o encontrará, e com ele a sua salvação, **em Colona: a terceira e fase final do seu percurso**.

Nesta terceira etapa, o homem usa um cajado para apoiar-se na caminhada. Esta terceira perna é a espiritualidade, o universo interior, no qual se podem unir os opostos. Dentro do mundo material não há solução externa para os conflitos, pois tal como **Heráclito** sabiamente apontou: **“aqui, a guerra é a mãe de todas as coisas”**.

Assim começa a fase da **Trindade** para Édipo, **com a cegueira do dois, os olhos**.

Na medida em que ele deixa de olhar para o mundo exterior, ele aprende a descobrir seu mundo interior e a viver nele.

O SEGREDO DO CAMINHO HUMANO

Esse é o enigma, esse é o mistério do caminho humano. Quem não compreender essas etapas e não as percorrer não pode tornar-se um Homem no sentido literal da palavra. Quem não consegue concretizar essas três etapas do desenvolvimento, não passa de um animal, arremessado pela Mãe Natureza à vida, e em seguida, engolido outra vez por ela. Observemos a beleza com que o francês Jean Yves Leloup vê as fases:

“**Hegel constata que “O homem se afirma a medida que se opõe”**”.

Édipo primeiro afirma sua identidade, opondo-se inicialmente à ela.

A **segunda** etapa é matar seu pai, o que significa ultrapassar a imagem de homem ou de mulher que trazemos dentro, a sombra inconsciente que nos impede aceitar a alteridade do outro. Matar aqui é transformar.

A **terceira** etapa é responder à Esfinge, que o homem é o caminho que vai da unidade indiferenciada através do conflito e da dualidade andando com dois pés, antes de poder caminhar com três. Nos desinteressa a leitura freudiana porque sabemos que a pulsão sexual não é a motivação mais profunda de nossa existência.

A **quarta** etapa é desposar a mãe, que significa esposar sua origem, sua terra, seu húmus, suas raízes e reconciliar-se com elas.

A **quinta** etapa é encontrar Tirésias,

o sábio cego. Aí começa o estado da lucidez, da maturidade. Ele viveu e aceitou que seu programa de vida, e que seu destino fossem dramáticos, agora pode vaziar seus olhos para abrir o olhar interior, e parar de julgar a vida, só com o olhar exterior. As tormentas humanas são vistas sob um novo olhar, que tem uma luz que brilha até mesmo dentro da noite mais escura da alma.

A sexta etapa é o caminho através da noite, guiado por sua filha Antígona, a alma, a intuição. Agora pode ver com seus pés. Seus pés tornam-se videntes, e o levam, seguindo só a intuição. Nesta etapa, mesmo não sendo compreendidos por ninguém, continuamos nosso caminho, fiéis à nossa visão interior, fiéis à nossa intuição mais profunda.

Na sétima etapa, Édipo encontra as Eríneas e as Eumênides, aquelas deusas de Colona, que simbolizam o inferno e o Paraíso, segundo o grau da nossa própria Consciência. Esta, quando é beatífica e bem aventurada, a chamamos de Paraíso, quando é fechada, limitada, apertada, confinada, a chamamos de inferno. Édipo está além das duas, ultrapassa o bem e o mal. Vai além do que se chama inferno e paraíso. Não procura mais um estado de consciência pessoal. **Entra no reino do transpessoal.** É a entrada no Reino de Deus, do coração e da inteligência apaziguada, onde tudo se vê com uma outra visão, livre de todos os conceitos e preconceitos que a quase todos ainda nos encadeiam.

O caminho de Édipo é verdadeiramente o caminho da liberdade total, que é a marca da presença do Reino do Espírito dentro dele. Assim Édipo segue o caminho que vai dos pés inchados, aos pés alados, dos pés pesados pelos fardos de memória que carregamos, aos pés alados, onde reencontramos nossa dimensão divina. Tirésias nos ajuda a compreender Édipo não só como herói, mas como nosso próprio herói interior em marcha para o Reino do Self". (10)

Até atingir esse conhecimento a vida no mundo permanece improdutiva. E enquanto não enxergamos seus verdadeiros inter-relacionamentos, continuamos projetando nossa sombra para o exterior. É esta a situação de Édipo quando **Tebas (seu mundo interior projetado no exterior)** é assolada pela peste e a esterilidade se espalha pelo país.

Notas:

10. **Karl Kerényi:** Die Mythologie der Griechen (A Mitologia dos Gregos), Munique, 1966.

11. **Thorwald Dethlefsen:** Édipo, o decifrador de enigmas. Ed. Cultrix, SP, 1993.

12. **Friedrich Nietzsche:** Die Geburt der Tragödie (O nascimento da Tragédia). Ed. Kröner, Stuttgart, Alemanha, 1964.

13. **Josef Campbell:** A esquizofrenia, uma viagem para o interior. Ed. Cultrix, SP, 1982.

O alemão **Thorwald Dethlefsen**, descreve no seu "Edipo":

"Na primeira metade da vida, a ação, o drama se inicia, enquanto que na segunda metade, ocorre a reflexão, a conscientização, a tragédia. É por isso que nesta não há ação, somente reflexão sobre o que aconteceu.

Aqui começa a volta de Édipo ao Lar, a volta do Filho Pródigo, quando a orientação exterior cede lugar a um caminho interior, cede lugar à descoberta da própria verdade, da própria culpa, e acarreta a pergunta: **quem de fato sou eu?**

A reflexão e a conscientização da ação equilibram a unilateralidade. É nisto que reside a força de purificação que fundamenta a tragédia. Quando o homem começa a pôr em dúvida a identidade que teve até então, a receber de volta as projeções de culpa que foi jogando paulatinamente no ambiente, e a transformar seus múltiplos conhecimentos em percepção intuitiva, **ele aprende a compreender que não existe maior enigma para o ser humano do que ele mesmo**"(11).

Etapas por etapas, ele cresce para sua verdade interior. Embora Tirésias lhe tenha dito tudo logo no início, Édipo ainda precisou de bastante tempo, para aos poucos compreender essa verdade como sendo sua. De nada lhe adianta ouvi-la de uma outra pessoa. Ele precisa literalmente crescer para o conhecimento de si mesmo.

A TRAGÉDIA GREGA, O PALCO DA VIDA.

A tragédia não é uma exibição de teatro que satisfaz nosso gosto cultural, nem um documento comprobatório da antiga arte poética grega, nem uma forma precoce do drama contemporâneo. **A tragédia é o maior evento apresentado até hoje pela cultura ocidental.** É o fruto do extraordinário desenvolvimento espiritual atingido pela Grécia antiga que Nietzsche resume de forma brilhante na seguinte frase:

"É através da tragédia que o mito adquire seu significado mais profundo, sua forma mais expressiva; na sábia tranquilidade de quem vai morrer, e torna a erguer-se como um herói ferido, em cujos olhos brilha num último lampejo toda a força que ainda lhe resta".(12)

Ela vem preponderantemente do século V a.C., um dos séculos mais significativos que a história já testemunhou. **Buda ensinava na Índia, Heráclito devotava seus escritos a Éfeso, e Lao - Tsé compilava o Tao-Te-King.**

A tragédia nem é tão pouco uma obra artística criada para satisfazer as necessidades estéticas de burgueses

cultos. Ela está exclusivamente interessada em tornar visível a eterna ordem, que está e sempre esteve oculta por trás do destino humano, com todos os seus conflitos, catástrofes e necessidades. Nela, o palco foi concebido como o "Palco da Vida", na medida em que as suas tábuas sempre representam o mundo. Os atores usavam máscaras e os personagens atendiam ao significado da palavra latina "per-sonare", que significa literalmente "soar através de". Todos somos, portanto, tal como diz o grande poeta espanhol **Calderón de la Barca**, no seu "Gran Teatro de la Vida", as máscaras, os personagens através dos quais, a voz da divindade ressoa e através de quem os deuses deixam que o jogo do mundo se torne visível.

Quem se sente impregnado pelo divino nem pensa na possibilidade de existir uma separação entre seu ego e o Poder Superior e mostra desta forma, sem vergonha, o lado escuro, sombrio, e às vezes até demoníaco que também nos habita. Enquanto isso, nossa civilização demonstra, um medo patológico disto, e se propõe a combatê-lo, reprimi-lo, e de preferência eliminá-lo.

Atualmente, quando alguém sofre de uma psicose ou de uma emergência espiritual, este fato é visto como uma doença indesejável, perigosa e a maioria dos homens se esforça para fazer este processo retroceder, como o mostra **Campbell** em sua magistral obra (13).

Paradoxalmente, a tragédia mostra somente o **GRANDE HOMEM, o herói;** porque o "pequeno homem", o "homem inconsciente", imerso em seus hábitos e impulsos atávicos, ainda não conseguiu erguer seus olhos para o Alto e por isso nem conhece as exigências superiores. Este nunca está presente na tragédia, porque o seu lugar está na comédia, enredado nos assuntos cotidianos, **sem sequer intuir a grandiosidade de seu destino.** A tragédia exhibe exclusivamente heróis e reis, homens que se dedicam de corpo e alma à missão inerente ao fato de ser humanos, que decidiram firmemente trilhar o caminho da individuação, e justamente por isto estão aptos a suportar a Verdade.

A tragédia mostra a condição humana com tal clareza e sem ilusões, que o homem moderno mal pode suportá-la. Nos desacostumamos a olhar de frente para a nossa verdade. Não conseguimos nos identificar com o herói trágico, mesmo que isto seja exatamente o que deveríamos fazer se desejássemos que ele nos impactasse com toda a sua força cultural, espiritual e curativa.

ÉDIPO REI E A IMPORTÂNCIA DA PÓLIS.

É essencial a leitura do anglo-norte-americano **Hillman**, em seu livro “Édipo e variações” (14).

“Freud se preocupa pouco com as relações entre a tragédia de Édipo e a tragédia da *polis*. Para Sófocles, Tebas, a *polis*, é central na peça. Toda ela está permeada de um desejo de encontrar o PAI e curar a cidade. Somente satisfaz uma solução que cure a cidade toda, e não destinos individuais. Para Édipo e para qualquer um de nós, encontrar o PAI e a Verdade não é suficiente. Existe um assassinato na ordem do mundo, como o há agora, entre o islamismo e o resto do mundo. Um constante matar-se, assassinar-se, destruir-se, com o qual o Mundo inteiro sofre e, portanto nossa alma também. Eles são inseparáveis.

Édipo Rei assume a cidade e seu povo. Ele identifica sua condição com a deles. Ele é a cidade e seu povo. Isto está além do significado simbólico de reinado. Tem mais a ver com porque a *polis* adocece, e também seu povo e o indivíduo. Os deuses não afetam indivíduos ou famílias, ou seres humanos. Eles afetam a Terra toda, que é patologizada por fatores míticos, como diz Jung: “Os deuses vivem na *polis*” (15).

Em Édipo Rei se cumprem os seguintes passos: 1°. A cidade doente conclama o líder a encontrar o caminho da cura. Neste estágio, o governo é responsável, e o povo é criança. 2°. O líder conclama Apolo a revelar a causa e a solução, já que compreende que a tragédia obedece a uma ordem superior das coisas, a ordem Suprema. 3°. A cidade doente convoca o vidente, o profeta, o xamã, para ver claramente a natureza da sua doença. Édipo manda chamar Tirésias, com as seguintes palavras: “Que fale ele, que sabe dos mistérios profundos, quase tanto quanto Apolo”. 4°. A cidade purga, e procura um bode expiatório no assassino de Laio. 5°. A cidade doente lança decretos. “Édypus Tyrannus” é o Estado tirano, a ditadura, uma figura pública que nos é conhecida e se resume na frase: *l'état c'est moi*. Todos estes são sinais diagnósticos da própria doença.

É por isto que os terapeutas escutam, tão atentamente, aquilo que o paciente quer, no início da terapia. A forma como ele imagina o remédio e as medidas que já está tomando, mostram como ele está constelado por sua condição (16). As soluções para o problema de Tebas apresentam o problema de Tebas. Shakespeare o resume em Henrique V, ato 4 - cena 1: “Culpe-se o rei”.

A QUEDA NA MATÉRIA

Quando o homem obteve a consciência da **Árvore do conhecimento do Bem e do Mal**,

entrou no mundo da polaridade e da multiplicidade, sendo forçado a sair da Unidade não diferenciada. Este é o passo do **SER** para o **EXISTIR**, o passo que conduz do Paraíso para o mundo. O mito denomina este passo de “A Queda ou Pecado Original”. O “pecado” que aqui se menciona é a “separação” no sentido de separação da Unidade. Tornou-se pecador porque formou um **ego** e não se identifica mais com o **Todo**. Por ser polarizado, perdeu a **sa-lux (saúde em latim)**. Falta aos homens modernos a consciência do **Todo**, que os retorne à **Sã-Luz**.

A grandiosidade da tragédia grega está em mostrar, de modo autêntico, como é impossível evitar a culpa. Nela, o homem se digladiava com as exigências inevitáveis apresentadas pela vida. Ele **precisa compreender que cada passo que dá, o torna devedor ou credor junto à ordem divina**, cuja essência é a Perfeição.

Uma dificuldade particular de nossos tempos é a de relacionar os pecados e os conceitos de culpa da maioria dos cristãos, com a culpa na tragédia grega, na qual definitivamente não é um delito contra a moral ou a tradição. Atribuir uma culpa moral ao herói da tragédia enfatizando-a como a causa dos seus pecados é míope, tal como esclarece Aristóteles na sua “Poética”:

“A tragédia não deve mostrar que um homem importante cai em desgraça por causa da sua maldade ou crueldade, senão que sofre devido a seu erro por desconhecimento da lei espiritual” (17).

O FRACASSO E A CULPA

O fato de que os sonhos do ego estejam destinados ao fracasso é uma constatação tão banal e prosaica, como aquela de que o dia precisa ceder à noite, ou que uma flor está destinada a murchar. Ascensão e queda fazem parte do desdobramento cíclico da vida e são inevitáveis dentro da polaridade. Não há nada de negativo ou de pessimista nisto.

Admiramos a disposição básica dos gregos – otimista, criativa, afirmativa da vida e radiante. Vale a pena se perguntar, por que uma cultura assim criou a tragédia. O segredo está no fato de que somente podemos afirmar genuinamente a vida com base num confronto pleno com a Verdade. Esta abrange a vida e a morte, a ascensão e a queda, a felicidade e o sofrimento; mas acima destes aparentes opostos na tragédia, sempre brilha a **Unidade**, que permanece intocada nesses movimentos ascendentes e descendentes do pequeno destino humano.

Esta tensão enorme entre vida e morte, entre ascensão e queda, entre mundo e eternidade, entre homem e Deus que aprendemos a reconhecer como característica essencial de Dionísio, forma

a grandiosidade da tragédia Ática. Trata-se, da mesma tensão que reencontramos no mito cristão da morte e da ressurreição. Na paixão, morte e ressurreição do Cristo, o homem se reencontraria, se tivesse a coragem (**etim. cor-agem = os que agem de coração**) de saltar a distância histórica. Da mesma forma, o espectador pode reencontrar-se no herói trágico.

O consolo oferecido pela tragédia não é um consolo por existir um mundo no Além, como recompensa ou algo semelhante. Trata-se, do confronto com a verdade que provoca a alegria. A Verdadeira Alegria não chega como euforia carnavalesca e sim, atravessando com dignidade a dor que a vida nos apresenta como caminho de cura.

Para concentrarmos a mensagem da tragédia numa explicação, o sentido é mais ou menos este: como ser humano que vive no mundo, você tem um ego e este o obriga a decidir e a agir – independentemente da sua decisão, a sua ação será unilateral e, portanto, o tornará culpado. Mas através das suas ações e do sofrimento, você aprende e adquire **percepção intuitiva**, até que, finalmente, consegue superar o seu ego, encontrar o seu Eu superior, e caminhar com Ele.

Na interpretação usual, nos sentimos culpados, esquecemos Tirésias, esquecemos que Édipo torna-se sábio como Tirésias, já que com os olhos, arranca e esvazia a sua própria culpa. Se quisermos ter acesso à sabedoria do arquétipo do Sábio (Tirésias), precisamos primeiro de tudo livrar-nos da culpa, quaisquer que tenham sido as ações realizadas. Não nos foi dado o direito de sermos nosso próprio juiz.

Vazar os olhos e entrar em um olhar maior, é a sabedoria que está além do mundo dos opostos, além do bem e do mal. Não significa tornar-se irresponsável, significa ir além do carma. Não podemos fechar-nos às conseqüências negativas dos nossos atos, porque assim não poderíamos avançar, **mas sim pressupõe, irmos além da culpa e perdoar até o nosso Destino.**

SÓFOCLES, O MAIOR MESTRE DA TRAGÉDIA GREGA.

Édipo em Colona foi a última tragédia que Sófocles escreveu pouco antes de morrer – contava com noventa anos – vinte anos depois de ter escrito **Édipo Rei**. É de se esperar que nesta última obra, que completa a trilogia iniciada com **Édypus Tyrannus**, toda a sabedoria da longa e grandiosa vida de Sófocles, transpareça cristalina. Como estava perto da morte, conhecia certamente, os últimos passos necessários para morrer, de forma a nos transformarmos em uma bênção para os que ficam.

Para Édipo já se passou um bom tempo de caminhada quando nós o revemos no início da peça, apoiado no braço de sua filha

Antígona (o cajado, o número três, a unidade diferenciada). Volta a Delfos, onde Apolo lhe diz que os deuses compreendem que pecou contra sua vontade, e prometem-lhe que, **depois de muito tempo**, encontrará um refúgio e será absolvido.

Assim, Édipo Rei deixa Tebas, seu trono, seu país, e guiado por Antígona inicia a viagem noturna em direção à Ática.

Passa por Colona, cujo rei é o grande herói **Teseu**, que o acompanha, até a morada final. Chegando ao lugar esperado, sobre o profundo silêncio da natureza, Édipo entra na morada de Deus. Já não é apenas um rei terrestre, entra no reino do espírito. No reino de ser rei de si mesmo. Hoje, diríamos, ascensiona.

Durante esse tempo, ele mudou bastante e isso é visível. Percebemos essa mudança nas primeiras frases, quando ele se denomina "um mendigo":

"Peço pouco e me dão menos ainda, e esse pouco me satisfaz. A longa convivência com os sofrimentos, ao meu altivo espírito ensinou a ser paciente" (18).

O homem é sempre as duas coisas, Rei e mendigo. Enquanto não conhecer a sua outra polaridade e descobrir ambas as coisas dentro de si continua doente. Está destinado a ser Rei, senhor de si mesmo, e ao mesmo tempo, é um mendigo que tem que viver e aceitar o que o destino lhe reservou.

Na fase do conflito que corresponde ao adulto que já sabe caminhar sobre as duas pernas, a feminilidade se revela em termos desta forte ambivalência, procriadora e assassina, amiga e inimiga, atraente e repulsiva.

Trata-se da ambivalência deste mundo, do qual somos filhos, e que é **ao mesmo tempo, um lar e uma prisão, uma bênção e uma maldição**. Precisamos aprender a ver ambas as coisas nisto e em tudo. Esta tarefa não é fácil, por isso os humanos se voltam totalmente para um aspecto ou para o outro, não permitindo que a outra polaridade chegue à consciência. Em Colona, cego, ele já se apóia sobre três membros, substituindo o cajado por

Notas:

14. **Karl Kerényi e James Hillman**: Édipo e variações. Ed. Vozes, Petrópolis, RJ, 1995.

15. **The Collected Works of C.G. Jung**. Princeton University Press, 1964, Vol. 6, pag 78.

16. **The Collected Works of C. G. Jung**. 1952. Tomo 5, parágrafos 1 e 2.

17. **Aristóteles**: Poetik (Da Arte Poética), Ed. Reclam, Ditzingen, Alemanha, 1982.

18. **C. H. Whitman**: "Apocalypse: Oedipus at Colonus", em Sophocles: A Study in Heroic Humanism (Cambridge: Harvard University Press, 1971).

19. Ibid. nota 18.

20. Ibid. nota 18.

sua filha Antígona. A feminilidade madura corresponde a essa terceira fase: **Antígona**. Ela cuida de Édipo e o apóia sem ser mãe; ela o ama sem torná-lo objeto do desejo. Assim ela reúne em si os opostos da feminilidade e se transforma na verdadeira orientadora de Édipo, na sua Anima, que não ameaça o masculino, mas lhe dá o necessário impulso para que este encontre a si mesmo.

Quem não espera mais nada deste mundo, e já não tem medo dele, recebe a mulher, como guia para o Céu, recebe-a como a intermediária de todas as graças, como Maria para o Cristianismo. Em Antígona, Jocasta é redimida.

O objetivo sempre é a cura, tornar-se totalidade, perfeição. Todas as disciplinas espirituais falam de um caminho de salvação, que para Édipo está representado por Antígona, e para nós, pelo reencontro com o caminho de regresso à Pátria espiritual. Sófocles nos faz "sentir" até que ponto o lugar escolhido por Édipo para fazer a passagem é sagrado:



"Todo este lugar é consagrado. Num dos lados impera a força de Poseidon, o mar; No outro mora o deus portador do fogo, o titã Prometeu" (19).

O bosque sagrado é o lugar do equilíbrio, o caminho do meio. Com uma oração Édipo dirige-se "às dignas senhoras onividentes", as **Eumênides**. Essa confiante entrega ao elemento feminino acontece na parte terceira e final da tragédia, e é plena e perfeitamente realizada quando a Mãe Terra se abre ternamente para ele, e o "recebe em seu colo".

Mas antes que isto possa acontecer, ele precisa cortar as últimas amarras que ainda o prendem inconscientemente a este mundo, e estão representadas por Creonte, irmão de Jocasta e regente de Tebas e pelos seus próprios filhos, Etéocles e Polínice. Édipo ainda não tem dominado todo o tema do poder e de Tebas, e quando Creonte o acusando das desgraças de Tebas, o recrimina por não querer voltar, Sófocles o faz responder assim:

"A quem queres insultar, coração insolente?

O ancião que eu sou, ou a ti mesmo? quando lanças contra mim, assassinações, núpcias, desgraças, e tudo o que tenho sofrido" (20).

Psicologicamente, diríamos que o ego, na sua mania de grandeza, no início acreditava poder governar tudo sozinho, mas de repente percebe que sem o Eu Superior ele não pode existir. O ego vive da luz do Eu Superior tal como a Lua vive da luz do Sol. O aspecto sombrio do ego não liberado se apresenta como uma clara contraparte diante de Teseu, o "verdadeiro Eu", o Self. Teseu conseguiu sair do labirinto de Creta, depois de matar o Minotauro. Aquele que deixa para trás caminhos insanos deste mundo, também pode ajudar Édipo a ultrapassá-los. Como Teseu não pertence ao mundo polarizado de Tebas, ele está livre de juízos de valor. Ele encontra Édipo como um sábio, como alguém que conhece o mistério da Vida. Portanto Teseu diz:

"Eu sei, sou um ser humano, talvez o dia de amanhã torne idêntica a nossa sina" (21).

Com suas ações no mundo, o ser humano sempre cria ambas: forças auxiliares e forças que impedem a sua auto-realização. É preciso aprender a diferenciá-las: com as forças que estimulam devemos nos aliar, mas as forças da resistência precisam ser afastadas do caminho. Este é o tesouro secreto que Édipo quer passar só para Teseu antes de morrer:

"E quando estivermos a sós, eu te direi qual o tesouro secreto que deverás preservar. Não deverás transmiti-lo aos meus concidadãos, Nem mesmo às minhas filhas, apesar do amor que nutro por elas. Guardá-o somente para ti e, na hora da tua morte, Confia-o somente ao teu filho mais velho, que por seu turno o revelará um dia, quando estiver prestes a morrer, ao seu súdito mais digno. Desta forma, tua pátria será mantida ao abrigo das incursões devastadoras dos soldados de Tebas" (22).

Destas palavras se deduz que se trata de um conhecimento secreto, de uma tradição oral que deve ficar inteiramente escondida dos profanos. Com isto se confirma o que postulamos no início, como o segundo plano da tragédia. Ela é uma roupagem formal do conhecimento dos mistérios e dos ensinamentos secretos, que de forma "encoberta" se transmitem aquele "que sabe". A ação e os personagens são o invólucro que cobrem o cerne da verdade como se fossem um manto.

Aqui tomamos a encontrar a ambivalência da matéria, do feminino e do mundo. A maioria dos mal-entendidos referentes ao mundo ocorre exatamente porque entendemos apenas a metade da temática mundana. Por isso, muitos consideram este mundo material como demoníaco, mau e pecador; outros, entretanto, só conseguem ver nele a única realidade, verdade e significado. Poucos percebem que o mundo é ambas as coisas, e que o homem está destinado a ultrapassar esta aparente dualidade. O mundo da matéria e do corpo são os locais destinados à nossa transformação.

A tradição hermética da **Alquimia** sempre soube deste segredo: **só é salvo quem retorna ao Todo**. Corrigiu a posição unilateral e contrária à matéria, assumida pela Igreja Romana, na medida que introduziu o conceito da Pedra Filosofal. O ensinamento original e o rito da cristandade também já conheciam o significado da materialidade, pois ele é o tema central da missa, "a transformação do pão e do vinho no corpo e no sangue do Cristo". O cego Édipo segue à frente de todos para a cidade onde deve morrer. Estamos nos movimentando num país espiritual, e enquanto isso, Édipo torna-se um vidente. É assim que ele pode ver "a verdadeira luz" que é a interior:

"Luz dos meus olhos, que não mais podem ver, teus últimos raios iluminam meu velho corpo" (23).

Tornemo-nos conscientes da grandeza desta

Notas:

21. Ibid. nota 18.

22. Ibid. nota 18.

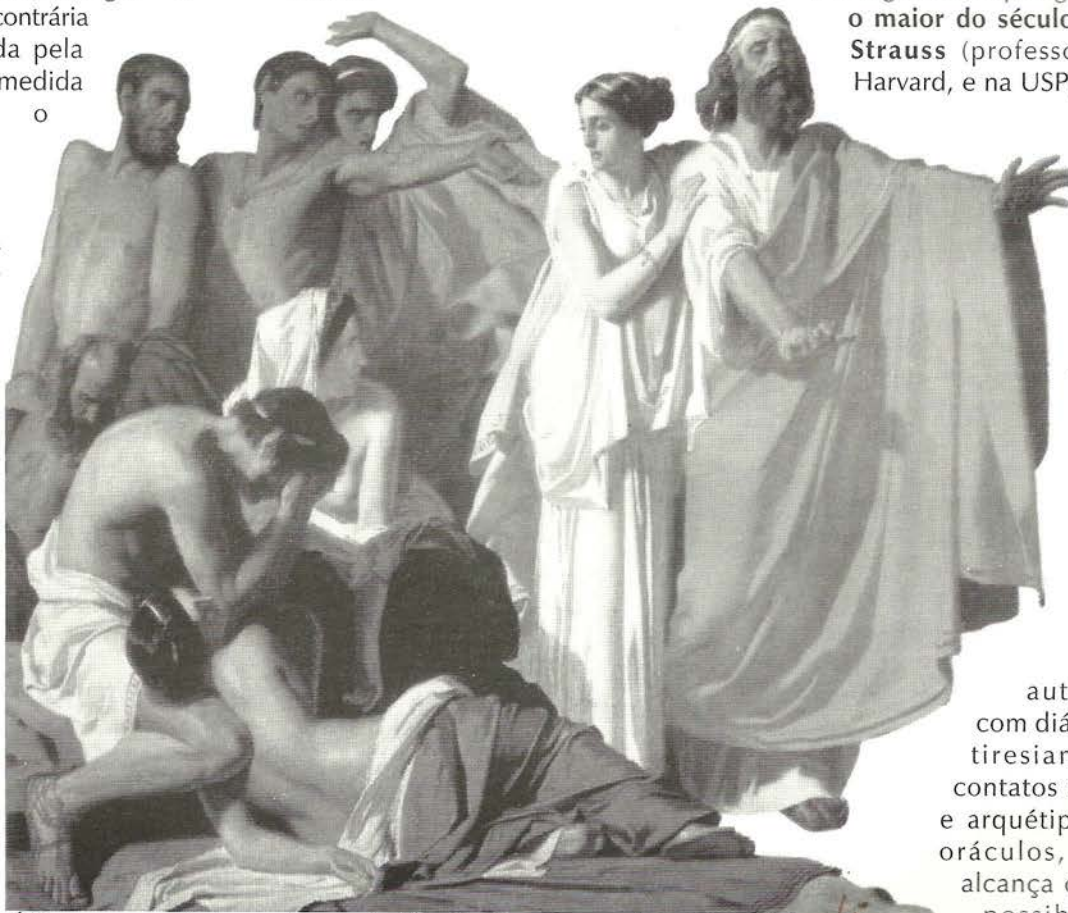
23. Ibid. nota 18.

24. "Wandlungen und Symbole der Libido" (Símbolos de Transformação).

25. **Sigmund Freud**: Obras Completas. Imago Ed. RJ, 1987. Tomo 17.

26. **Claude Levi-Strauss**: Antropologie Estructuraliste, Paris, 1957.

cena. Édipo, que durante muito tempo se sentiu castigado injustamente pelos deuses, que lamentava ter sido salvo quando criança, que se encontrava no mais profundo dos sofrimentos, que esvaziou o cálice da dor até a última gota, agora é chamado pela Divindade, é esperado. Chegando perto da fronteira da pátria espiritual, compreende que na realidade, Deus nunca se distanciou dele, foi ele quem se afastou. No entanto, esta culpa é uma "culpa feliz", pois ela representa o segredo da humanidade. Édipo é chamado, pois está destinado a **ser um verdadeiro Homem, está destinado a ser Herói**, a ser Rei, a assumir plenamente o seu Ser Crístico. O mundo da imortalidade se abre e o torna imortal.



Édipo cego, apoiado nos braços da filha Antígona, rumo à Colona, a última viagem.

A LEITURA TRANSPESSOAL

Afirmamos que, a partir do momento em que **Freud** trouxe o mito para dentro da análise, trouxe com ele os deuses. Quando **Jung** o avaliza, em seu livro "Símbolos de Transformação" (24), com as seguintes palavras:

"Freud abre o caminho para uma compreensão do espírito grego clássico, como jamais foi possível antes", assim também está trazendo Édipo e os deuses para dentro da sua Psicologia Analítica. Não só nos consultórios, como em todo o imaginário inconsciente ocidental e, portanto o está transformando no mito ocidental arquetípico por excelência.

Freud diz textualmente:

"o oráculo lançou a mesma praga sobre todos nós, antes de nascermos, não só sobre Édipo" (25).

O fato de Freud afirmar que o complexo de Édipo preexiste ao nosso nascimento, o torna arquetípico.

Freud estabeleceu o **Complexo de Édipo** como tema central de todo o drama analítico. Hoje, seria absurdo pensar, que autoconhecimento consista em descobrir que o conteúdo básico da nossa alma conflitada está nas nossas paixões infantis em relação a nossos pais.

A leitura freudiana do mito de Édipo é muito contestada por mitólogos, etnólogos e antropólogos, entre eles talvez, o maior do século XX: **Claude Lévi-Strauss** (professor em Paris, em Harvard, e na USP), que sustenta que

o mito não funciona em outras culturas, e que existem formas mais profundas de interpretá-lo (26).

Jung oferece uma saída melhor, porém não ideal, no livro supracitado, de 1952. Além de novos métodos analíticos, ele cria uma viagem de autoconhecimento, com diálogos entre figuras tiresianas mais sábias, contatos com outros mitos e arquétipos, sonhos como oráculos, mas ainda não alcança o **Transpessoal**, a possibilidade de expansão infinita que nossa consciência

possui.

A releitura atual, transpessoal, vê em Édipo o herói, ao mesmo tempo infeliz e corajoso, que através de inúmeras provações, torna-se **verdadeiro rei de si mesmo**. É preciso matar o velho rei, para que possa nascer o jovem rei, o filho de Deus. É todo um caminho de vida e de transformação. O primeiro passo é **dizer sim** à nossa origem, nosso nascimento, nosso nome, nosso programa de vida, nosso medo, nosso desejo de fugir, à recusa de nosso destino.

O caminho de Édipo é a passagem de uma vida submissa a uma vida escolhida. Édipo resolveu o Enigma. Ele compreendeu o segredo do que significa ser Verdadeiro Homem. Ω

Mario Rodriguez Risso

Pérolas de Mestres Brasileiros

Nasceste no lar que precisavas,
vestes o corpo físico que mereces,
moras onde Deus te proporcionou,
de acordo com teu adiantamento.
Possuis os recursos financeiros coerentes
com as tuas necessidades, nem mais,
nem menos, mas o justo para as tuas lutas terrenas.
Teu ambiente de trabalho é o que elegeste
espontaneamente para tua realização.
Teus parentes, amigos são as almas que atraíste,
com tua própria afinidade.
Portanto, teu destino está constantemente
em tuas mãos, sob teu controle.
Tu escolhes, recolhes, eleges, atraís,
buscas, expulsas, modificas tudo aquilo
que te rodeia a Existência.
Teus pensamentos e vontades são a chave
de teus atos e atitudes.
São as fontes de atração e repulsão
da tua jornada terrena.
Não reclames nem te faças de vítima.
Antes de tudo, analisa e observa.
A mudança está em tuas mãos.
Reprograma tua meta,
busca o bem e viverás melhor.
Embora ninguém possa voltar atrás e
fazer um novo começo, qualquer um pode
começar agora e fazer um novo final.

Chico Xavier

Não paute sua vida, nem sua carreira, pelo dinheiro.
Ame seu ofício com todo o seu coração. Persiga fazer
o melhor. Seja fascinado pelo realizar, que **o dinheiro
virá como consequência**. Geralmente, os que só
pensam nele não o ganham. Porque são incapazes
de sonhar. E tudo o que fica pronto na vida **foi
construído antes, na alma**.

Pense no seu País. Porque, principalmente hoje,
pensar em todos é a melhor forma de pensar em si.
Afinal, é difícil viver numa nação onde a maioria morre
de fome e a minoria morre de medo.

Meu terceiro conselho vem diretamente da Bíblia:
**Seja quente, ou, seja frio, não seja morno porque
Eu te vomito**. É preferível o erro à omissão. O fracasso,
ao tédio. O escândalo, ao vazio. Já vi grandes filmes
e li grandes livros sobre a tristeza, a tragédia, o
fracasso. Ninguém narra o ócio, a acomodação, o
não fazer, o remanso. **Faça, erre, tente, falhe, lute**,
tendo consciência, de que, cada homem foi feito
para fazer história, é um milagre, e traz em si uma
revolução.

Você foi criado para construir pirâmides e versos,

A cada momento podes recomeçar.
A vida é construída de desafios constantes.
Sai-se de um para o outro em escala ascendente de valores
e conquistas ético-intelectuais.

Sempre há de se começar a viver de novo:
Uma decepção que parece matar as aspirações superiores;
um insucesso que se afigura como um desastre total;
um ser querido que morreu e deixou uma lacuna
impreenchível;
uma enfermidade cruel que esfacelou as resistências; um vício
que por pouco, nos conduziu à loucura;
um prejuízo financeiro que anulou todas as aparentes
possibilidades futuras;
uma traição que poderia ter te levado ao suicídio, são apenas
motivos para recomeçar de novo, e nunca para se desistir de
lutar.

Colhido nas malhas de qualquer imprevisto, ou diante de
um já esperado problema aterrador, tem calma e medita,
ao invés de te deixares arrastar pela convulsão que irá se
estabelecer.

Refugia-te na oração, a fim de ganhares força e inspiração
divina.

Como tudo passa, isto também passará, e, quando tal
acontecer, faz teu recomeço, a princípio, com cautela,
parcimonioso, até que te reintegres novamente na ação
plenificadora.

Teu recomeço é síndrome de próxima felicidade.

Divaldo Franco

descobrir continentes e mundos, caminhar sempre com
um saco de interrogações numa mão e uma caixa de
possibilidades na outra.

E por último, peço-lhes que, em tudo que fizerem no
trabalho e fora dele, amem e honrem a Bahia. Amem a
Bahia sobre todas as coisas, exceto Deus. Terra especial,
verdadeiramente mágica, esta cidade já era a capital do
Atlântico quando Nova York ainda era uma vila.

Façamos nós, hoje, uma Bahia racialmente democrática,
orgulhosa de si mesma.

Que o exemplo de Maria Quitéria, Joana Angélica,
nossos pais que lutaram em Itaparica, **nos inspirem a
uma Bahia guerreira**.

**Que a Bahia que conduziu o Brasil à Independência,
conduza agora o Brasil à prosperidade**. Ama tua terra.

Cada pedra desta cidade é sagrada. Ninguém tem mais
motivos para ser herói, que um baiano. Poucas terras
foram agraciadas com tanto motivo para viver e para
morrer. Com poucos, Deus foi tão generoso em
riquezas e talentos.

Num mundo tão conturbado, nós conservamos a alegria.

Nizan Guanaes

Terapias e Curandeirismo



Sérgio Nogueira Reis.
Advogado e Diretor da UNIPAZ.
Site: www.holos.com.br/nreis

Neste artigo analisamos a temática relativa ao exercício das “**terapias alternativas**”, por pessoas sem formação na área de Medicina, que podem ser enquadradas em crime de “**curandeirismo**”, com pena de detenção de 6 meses a 2 anos e tipificado no artigo 284, do Código Penal (1).

Facilmente, podemos constatar, ao nosso redor, diversos conhecidos que, mesmo com as melhores das intenções, sem causar mal a ninguém, até mesmo sem cobrar, estariam dentro do ilícito penal supracitado; porquanto o curandeirismo é um delito de perigo abstrato ou presumido, visando proteger a saúde pública.

Acontece que o nosso obsoleto Código Penal é de 1940, não acompanhando a evolução dos processos terapêuticos, que estão se difundindo mundialmente, podendo ser encontrados, por exemplo: professores de educação física, que praticam em seus clientes o *Reiki*, *Quiropraxia* ou “*Do-In*”; assistentes sociais recomendando *essências florais*; psicólogos utilizando a *cromoterapia*; nutricionistas fazendo avaliações pela *íris*, etc (2).

Notas:

1 - O verdadeiro “terapeuta holístico” tem conhecimentos profundos sobre o sistema energético humano, conhecendo suas inter-relações com os planos espiritual, emocional, mental e físico, atuando de forma completamente diferente da medicina oficial, não invadindo suas áreas privativas, pois sabe: **que não é médico nem psicólogo**; não prescreve medicamentos, **não faz diagnósticos**, até mesmo para não se arriscar a ser tipificado no artigo 284, no crime de “curandeirismo”. Enquanto que no paradigma

A **seriedade evolutiva das terapias holísticas e transpessoais**, constatada através da simples análise histórica, demonstra a necessidade do fortalecimento deste segmento profissional em nossa sociedade. Somente com a união e profissionalização destas atividades, **poderá ser garantido ao consumidor o acesso a estas formas de terapias** tão vigentes atualmente e **tão comprovadamente eficazes**.

Na minha opinião, o crime de **curandeirismo** deveria ater-se àquelas pessoas, que sem nenhuma especialização na área de saúde, nem tampouco em terapias alternativas; tentam se aproveitar da ignorância do povo, que pelo atraso do ambiente onde vive ou deficiência da assistência da previdência social, não tem outra alternativa, a não ser pagar os serviços do curandeiro local.

Analisando o artigo 284, do Código Penal, temos que, a conduta incriminada é **exercer** (dedicar-se, praticar, exercitar, desempenhar) o **curandeirismo (atividade de quem se dedica a curar, sem habilitação ou título)**. Portanto, faz-se mister que o agente atue com *habitualidade*, com repetição; caso esteja ausente a habitualidade, o delito não se configurará. Ressaltando os três modos de execução indicados alternativamente:

a) **Prescrevendo, ministrando ou aplicando, habitualmente, qualquer substância**. *Prescrever* é receitar, indicar como remédio; *ministrar* tem a significação de servir, dar para consumir; *aplicar* tem o sentido de empregar. A lei fala em *qualquer substância*, abrangendo todas elas (vegetais, animais ou minerais), sem distinção relativa à nocividade ou efeito medicinal.

b) **Usando gestos, palavras ou qualquer outro meio**. *Gestos* são movimentos do corpo, compreendendo os “*passes*” ou

posturas especiais. Como palavras, podem ser indicadas as rezas, benzeduras, esconjurações, encomendações, etc. E a lei ainda acrescenta *ou qualquer outro meio*. Note-se, porém, que há forte corrente jurisprudencial entendendo que as “*rezas*” e “*passes*”, quando atos de fé, não caracterizam o delito.

c) **Fazendo diagnóstico**. *Diagnóstico* é a determinação de uma doença pelos sintomas dela. O delito de curandeirismo é de perigo abstrato ou presumido. É indiferente que o agente atue gratuitamente ou não, mas se a prática for remunerada terá lugar a figura qualificada do parágrafo único.

Quanto aos passes utilizados no espiritismo ou umbanda como atos de fé, do seu ritual ou liturgia, estava capitulado na Constituição, artigo 5º, inciso VI, que trata da liberdade religiosa, pois há neste gesto, um ato de fé: quem toma passe crê no poder da oração e na ação dos Espíritos, uma vez que o passe, no meio espírita é sempre precedido de uma prece.

Concluindo, posso afirmar que “**Terapias Holísticas ou Alternativas**”, objeto de nossa análise, são métodos com eficiência terapêutica comprovada e desde que aplicadas por profissionais habilitados, não podem causar nenhum dano à saúde pública, nem tampouco se confundir com o curandeirismo; pois o jurista do 3º Milênio já compreende o Direito dentro de uma visão holística (3). Ω

tradicional, através dos seus especialistas, se busca entender o “modelo da doença”, através da sua diagnose e prescrição de remédios; **diferindo dos terapeutas holísticos que observam o paciente como um todo e baseiam sua terapia em técnicas não invasivas, nem agressivas, principalmente por se fundamentarem em meios de tratamentos energéticos, os mais sutis e naturais possíveis**.

2 - Vale salientar que os campos de energia vêm sendo estudados há milhares de anos,

tendo suas primeiras referências por volta de 3.000 a.C., no apêndice do Livro das Mutações (I Ching), que introduziu o princípio “Yin e Yang”, como os dois pólos de força mediante os quais se expressa a energia universal. Neste período surgiu a “*acupuntura*”. Na Índia, vários estudiosos da cura, desenvolveram conceitos relativos à ciência da longevidade, o “*ayurveda*”, bem como foi criada a “*yoga*”, como um meio de união com o Superior, utilizando além da meditação, **as técnicas respiratórias do**

“pranayama”, para manter e restabelecer a saúde. No Ocidente, as primeiras notícias do estudo da energia datam de 500 a.C., destacando-se na Grécia, o médico Hipócrates, “pai da medicina moderna”, que estabeleceu seus processos terapêuticos com base na idéia de uma força especial da natureza, que denominava de “enormon” e de uma essência espiritual restauradora, a “physis”. Na Bíblia, existem várias referências de cura através da transmissão de energia, não apenas se restringindo ao mestre Jesus, como a vários de seus discípulos e seguidores.. Em um passado mais recente, temos os estudos do cientista Wilhelm Reich sobre o **orgônio**; do casal de

cientistas russos que em 1958, desenvolveu a fotografia “kirlian”, para diagnosticar doenças através da análise da aura das pessoas; seguido dos estudos dos Drs. Alexander Lowen e John Pierrakos na criação da abordagem “Bioenergética”, dando contribuição expressiva ao entendimento da **energia que atua nos processos psicossomáticos**; culminando com as mais recentes pesquisas nesta área lideradas pela Dra. Bárbara Brennan, autora dos livros “Mãos de Luz” e “Luz Emergente”. 3 - Existe uma incontestável mudança de paradigma nos mais diversos ramos do conhecimento humano, inclusive em

decorrência das descobertas da física quântica, que comprovaram que toda massa é constituída de energia, dos campos morfogenéticos, das funções dos hemisférios cerebrais (neurofisiologista Karl Pibram), da **Psicologia Transpessoal** (Pieme Weil, Maslow, Stanislav Grof, Brian Weiss), da **Medicina Holística** (Carl Simonton, Patch Adams, Bernie Siegel) e, em especial, das **Terapias Alternativas** (médicos Deepak Chopra e Richard Gerber), também denominadas de holísticas ou naturais. **Estes estudos científicos resgataram a importância da aplicação das terapias holísticas, por serem portadoras de uma compreensão mais plena e total do significado da doença humana.**



Regina Márcia Joau e Silva – Psicóloga (UFBA-1986), Especialista em Somatic Psychotherapy Biosynthesis (1997). Formação em Psicodrama pela ASBAP (1992).

Roseli Trigo - Assistente Social (PUC-SP-1979). Há 12 anos coordena o Serviço Social do Hospital Aliança. Cursa Formação pela UNIPAZ. Mestranda em Gestão em Saúde.

As organizações têm experimentado várias tentativas de revolução na gestão do trabalho. Os anos 80 e 90 foram marcados por propostas de modificações das estruturas empresariais. Com as mais recentes alternativas para mudanças estruturais, vislumbrava-se melhoria nos resultados, aumento da competitividade, aproximando-se as empresas de um ideal de modernidade. Em nossa caminhada, percebemos que os resultados alcançados, na maioria das vezes, estiverem quase sempre bem aquém do esperado.

Não queremos, entretanto, nos colocar em oposição a esses modelos, que deixaram o seu legado positivo para o momento que vivemos. **Eles prepararam, de alguma forma, o terreno para a construção de uma nova visão do mundo do trabalho**, onde as pessoas passam a ocupar o lugar de destaque, vez que as empresas passaram por mudanças enormes e todos precisam se adaptar a essa nova realidade.

Portanto, a fórmula de sucesso para as organizações que sobreviverão às

Humanizar para Sobreviver no Contexto das Organizações

São as organizações, quer dizer, um conjunto de pessoas trabalhando por um objetivo comum, as que mais têm se transformado nas duas últimas décadas do século XX, e o continuam fazendo intensamente ainda hoje. Por que tanta mudança? Roseli e Márcia, que levam décadas trabalhando dentro delas, propõem uma resposta esclarecedora.

adversidades, será o reconhecimento e valorização da inter-relação equilibrada entre as estruturas empresariais e as pessoas que as compõem. Não poderá mais existir, as pessoas e as empresas, em separado, e sim um relacionamento, ético, harmônico, verdadeiro e integrado entre ambas.

Para as pessoas cabe a co-autoria das mudanças, frente à velocidade requerida e o tempo necessário de respostas que surgem no contexto das organizações. Diante disso, fica evidente que o melhor caminho é também levar-se em conta as questões humanas no empresariamento dos negócios, possibilitando um movimento voltado para o resgate da essência, em que prevalecerá o conceito de que, missão empresarial significa agregar valor ao Universo, a humanidade, e a comunidade. Isto se concretiza, encantando clientes, desenvolvendo as pessoas, apoiando o contexto social, e conseqüentemente atendendo às expectativas dos investidores.

Dessa forma, as organizações serão mais humanizadas, sendo a integração, motivação, comunicação e atitudes, consideradas o Delta dos atributos estratégicos diferenciados.

Neste contexto, cabe aos indivíduos, a auto-responsabilidade pelo seu processo de crescimento, apoiados pelas organizações que já entendem o seu papel de educar e desenvolver. **O aprendizado fará parte das atitudes e ações organizacionais, elevando as empresas à categoria de centros de desenvolvimento permanente, atreladas a uma mentalidade de inovação e humanização.**

Entendemos, que uma organização humanizada é imbatível, garantindo o seu espaço na trajetória da evolução num momento tão turbulento e cheio de incertezas. Este ponto, nos faz lembrar o grande poeta Fernando Pessoa, quando disse: “navegar é preciso, viver não é preciso”, pois navegar exige perfeição de estratégias, ações precisas e materiais adequados, já incorporados pelas empresas. Viver não é perfeição, pois seres humanos não são perfeitos. Estes precisam ser aceitos, respeitados, compreendidos e estimulados para o caminho do autoconhecimento que poderá ter o seu ponto de partida nas empresas, e favorecendo a sua humanização, a partir da alavancagem da valorização humana. Empresa humanizada valoriza a transparência e sinceridade, reconhece o esforço e a dedicação. Talento e responsabilidade são estimulados e compartilhados, com respeito à individualidade. A competição cede lugar a cooperação.

Como num barco em alto mar, na empresa humanizada, **todos** participam de tudo, considerando o privilégio do homem que nasce para pensar, sentir, navegar e ser feliz. Na empresa humanizada as pessoas são plenas, buscam continuamente a convivência harmônica, produzem mais e melhor, pois são conscientes que se esforçam por um objetivo comum, contribuindo assim, para a satisfação de todos os envolvidos – agentes, clientes, parceiros, comunidade, investidores e outros.

Há então outra saída para as organizações? Ω

Reencarnamos, para quê?

Como você acha que chegou aqui? Mergulhe fundo, de cabeça nesta questão sem a rede de segurança das explicações ou preconceitos de outros. É assustador mas, necessário se você quer perscrutar suas profundezas. **Aquilo em que você acredita a respeito de suas origens, estabelece os parâmetros básicos da sua realidade.** Todas as mudanças que você vivencia são definidas por estes parâmetros.

A necessidade de saber como chegamos aqui é uma necessidade arquetípica da psique. Como é que eu chego até um determinado ventre, com uma superespecífica combinação genética, herdando padrões familiares, anatômicos, filogenéticos, psíquicos e culturais?

Será que o Universo é tão desorganizado, que um óvulo e um espermatozoide podem se encontrar, fundir-se e nos enviar numa catapulta para passar oitenta anos no Planeta Terra sem que possamos emitir nem sequer uma opinião a respeito? Será que nós realmente construímos a nossa realidade? Será que existe a chamada *graça divina*? O que ela teria a ver com as escolhas ou o destino de cada um?

Os simples fato de questionar-nos tudo isto, implica em que de algum modo já sabemos que existimos antes. Antes de que? Para onde vamos quando partimos? **E sobretudo, quem é este "eu" que faz as perguntas?**

Tomemos a hipótese de que voltamos à Terra, várias e várias vezes até dominar com maestria todas as lições que este planeta tem para nos ensinar. A reencarnação como meio através do qual evoluímos espiritualmente, tem sido aceita ao longo de milênios, por sábios, santos e mestres de todas as grandes culturas da humanidade. No Ocidente a encaramos como uma doutrina tipicamente oriental, mas de fato, essa sabedoria foi expressa em culturas do mundo todo, desde Platão e os gregos, passando pelos essênios dos tempos de Roma, até chegar aos índios norte-americanos de hoje. Muitos cristãos, dos antigos gnósticos aos atuais espiritualistas, acham o conceito de reencarnação, **não apenas em harmonia com os ensinamentos de Cristo, mas amparado por ele.**

COMO A REENCARNAÇÃO ATUA

A idéia da origem em todas as culturas é basicamente a seguinte:

Já tivemos uma existência em perfeito repouso e equilíbrio na Unidade, então fomos expelidos do coração de Deus, carregando conosco a imagem e a centelha do nosso Criador, junto com o dom de usar a nossa vontade para escolher e criar como desejamos.

A medida que usamos este poder divino de criar, fomos nos tornando cada vez mais fascinados pelo mundo físico, penetrando cada vez mais fundo na sua densidade. Também fomos nos identificando cada vez mais com as nossas criações materiais - nossas ilusões - e começamos a esquecer quem realmente somos, tornando-nos seres realmente separados, de Deus e dos outros.

Nossa separação é a nossa dor, e a reunião, nossa cura. Os ensinamentos espiritualistas dizem: que por causa do tamanho da separação, essa reunião se realiza através de muitas vidas sucessivas, nas quais gradualmente nos cansamos das conseqüências de usar nosso direito inato ao livre arbítrio, para criar dramas passageiros que perpetuam mais sofrimento e separação.

Quando atingimos esse grau de consciência, começamos a usar nossa vontade consciente para procurar nossa religação com a "Vontade Una". **Só acontece quando descobrimos que nunca estivemos separados, só apenas iludidos de que estávamos.**

Quando as conseqüências de nossas escolhas, palavras, ações, pensamentos, sentimentos e desejos durante uma vida não são possíveis de serem elaborados nessa existência, o aprendizado precisa ser trasladado para as próximas. Esse é o processo de causa e efeito conhecido popularmente como carma. **Não é um sistema moral, de recompensa e castigo. É um princípio da natureza.** Tudo o que dizemos e fazemos produz uma reação que retornará inexoravelmente nesta ou na próxima vida, seja que o consideremos positivo ou negativo. Só quando as condições são as mais apropriadas para elaborá-lo, recebemos de volta aquilo que enviamos. Daquilo que perdoamos e abençoamos nos libertamos, aquilo que maldizemos ou rejeitamos

continua ligado à nós, até atingirmos o grau de compreendê-lo e libertá-lo.

PERSPECTIVAS DO ETERNO RETORNO

Por enquanto, nem mesmo a Física explica satisfatoriamente como é que vivenciamos múltiplas realidades. Criamos muitas teorias sobre seu funcionamento. Dentre todas elas, talvez a melhor não seja pensar em vidas passadas, e sim em vidas simultâneas. É como se estivéssemos olhando um tabuleiro de xadrez, exatamente de cima para baixo, vendo muitos jogadores em diversas jogadas, em vários níveis. **Cada peça que se mexe, afeta todas as outras.**

Agora, a pergunta crucial é: em todas essas outras vidas somos também nós mesmos? Sim, se pudermos compreender que o espaço e o tempo não são lineares. Não há início, nem meio, nem fim. Todas essas vidas estão ocorrendo no Eterno Agora. Por isso, hoje, um mestre como Jesus conversaria conosco como um físico quântico, falando-nos de muitas realidades alternadas, de muitas dimensões de tempo e espaço, nas quais podemos conviver conscientemente ("... a casa do meu Pai tem muitas moradas").

Pesquisar a forma como o Poder Superior trabalha conosco, através de sistemas e leis naturais, **definitivamente não é uma questão religiosa, senão algo tão importante como saber como funciona o corpo humano ou nosso sistema solar.** Pouco tempo atrás era pecado fazer uma autópsia, ou sugerir que a Terra não era o centro do Universo. Foi por isso que a Ciência precisou impor critérios de pesquisa e comprovação, mas na realidade, não há divisão entre o Espírito e a Ciência, a menos que nós a provoquemos. A verdadeira Ciência descobre as formas como o Espírito se manifesta. Os limites entre as realidades subjetivas e objetivas se tornam cada vez mais imprecisos. Sabemos que exercemos influência sobre aquilo que observamos. Nossa consciência e aquilo que costumávamos considerar como a realidade objetiva, estão demonstrando-se inseparáveis, como diz o Prêmio Nobel de Física David Bohm: **"para mim o estudo do misticismo é algo tão natural quanto o estudo do mundo material".**

A REENCARNAÇÃO HOJE

Até bem recentemente, o legado dos cientistas que buscavam o conhecimento da consciência nos tempos remotos, ainda não estava inteiramente disponível para nós. A maioria deles trabalhava em segredo. Isso está mudando rapidamente, e esses tesouros estão chegando à consciência do público. Físicos de renome mundial como Bohm, Capra, Bohr, Heisenberg, Shroedinger, Pauli, Planck, **por citar só alguns prêmios Nobel**, se ocupam tanto da Física quanto da Consciência, incluindo o tema da reencarnação, ou permanência da Consciência no Tempo. Nossa compreensão de como a consciência cria a experiência e até mesmo de que forma ela cria a matéria, cresce à medida que a Física quântica explora o espaço, o tempo, e as realidades múltiplas e alternadas.

(N. de E.) Encontramos no *Evangelho de Tomé* traduzido e comentado por Jean Yves Leloup, o Logion 29 e o comentário que o ilustra:

“Disse Jesus:

Se a carne foi feita por causa do espírito, eis o que é maravilhoso, mas se o espírito foi feito por causa do corpo, eis o que é a maravilha das maravilhas.

Quando a mim, fico maravilhado com o seguinte: Como esse Ser que É pode habitar nesse Nada?”

... que a matéria tenha surgido do espírito, ou que esse tenha sua origem na matéria, seja qual for o lado que o problema venha a ser formulado, tudo bem... Jesus não procura saber a razão, simplesmente ele constata, admira, e assim introduz-nos numa visão não dualista em que não se trata de opor a matéria ao espírito, mas de acolhe-los juntos. Quem sabe se “matéria” e “espírito” não passam de palavras, de conceitos forjados pela mente? Quem sabe se, na hora do encantamento, não há senão uma Realidade, cujos pólos sutis ou grosseiros se revelam complementares?”

Nossa jornada através do processo de transformação é tornada mais clara por estes **Seres iluminados**, que em todas as culturas têm abençoado este planeta. Sobrepunando todas as armadilhas do mundo, eles acreditaram e depois se transformaram na crença. Eles se tornaram Mestres superando todos os obstáculos com que você e eu nos deparamos. Pelas suas vidas nos ensinam. Nos dizem expressamente que podemos fazer e faremos, coisas ainda maiores que as deles. Suas lutas e triunfos impregnaram a mente coletiva com radiações tão claras e poderosas que nos permitem encontrar mais facilmente nosso caminho de volta para casa. Cocriando com o Universo, estes Seres amplificam o plano evolucionário e, sobretudo, nos servem de farol.

OPORTUNIDADES DESIGUAIS

Muitos de nós, quando ouvimos pela primeira vez a respeito da idéia da reencarnação, **“sentimos” imediatamente que é verdade**, já que dá pleno significado ao que de outro modo seria absurdo e não faria o menor sentido. Vivemos numa terra repleta de todo tipo de injustiças, com povos se aniquilando mutuamente por séculos a fio. Esperar justiça no Planeta Terra é o mesmo que esperar que um touro não o ataque porque você é vegetariano.

Talvez tenha chegado o tempo de humildemente admitirmos a possibilidade de que, a Justiça e o Amor Divino, não sejam nem remotamente parecidos com aquilo que nós, humanos, pensamos que eles são. Apesar de todas as contradições, há uma ordem e um propósito em todas as nossas vidas, e se ainda não compreendemos como tudo isso funciona, há crescente evidência de que realmente funciona.

Compreender a reencarnação ilumina o conhecimento e vai além da razão. Propicia uma percepção clara dos “fatos” imprevisíveis, das coincidências sincrônicas, que trazem no momento exato, a experiência precisa para nós – **essa mágica quântica que traz até nós as pessoas certas, abre e fecha portas, e muda nossas vidas.**

A reencarnação explica o aparecimento dos gênios, e todas as situações excepcionais. Ela desfaz muitos nós das Escrituras, que sem a sua compreensão seriam totalmente inexplicáveis. Nos Evangelhos Jesus nos exorta: **“Sede perfeitos”**. Como seria isto possível numa única vida? Mas, é uma diretiva clara, que nos indica que a perfeição é o objetivo final.

Saint Germain, assim o explica:

“O processo de aquisição de Autoconsciência seria impossível sem a encarnação. O corpo exterior não poderia suportar a velocidade da evolução do conhecimento da Consciência do Eu em um só corpo”.

A vida que estamos vivendo agora é apenas uma página de um romance épico. Se neste momento ela nos parece trágica, essa é nossa interpretação egóica. Pode muito bem estar sendo o momento decisivo da evolução do Espírito global. Não nos cabe julgar.

OS PSICÓLOGOS E O ESPIRITUAL

Um mestre nos pergunta: “Você não concorda com o modelo da asa de uma ave? Não concorda com a cor de uma pedra, ou com a órbita de um planeta? Então porque não concordar com o modelo de alma de outra pessoa? Você acha que sabe mais a respeito do que é necessário para o outro, além daquilo que a alma dela ou dele está fazendo?”

Quando você sente a necessidade de julgar outra pessoa, pode estar certo de que é você que está em **desequilíbrio**.”

Até bem recentemente, os psicólogos têm sido muito meticulosos ao deixar de lado tudo o que diz respeito ao Espírito, ou, pelo menos, tentaram fazê-lo. Eles são extremamente cautelosos em considerar a influência de outras existências nos traumas dos pacientes.

Hoje, porém cresce exponencialmente a quantidade de terapeutas que percebem que é impossível trabalhar sem lidar **constantemente** com as próprias crenças espirituais e com as do paciente. Quando se emprega o conceito de “vida passada”, é bom que se saiba que estas lembranças podem ser simbólicas, históricas, raciais ou arquetípicas. Não importa a origem, se elas surgem, da forma que for, o inconsciente está mostrando que algo importante precisa ser compreendido e curado.

A GRAÇA

Estamos continuamente procurando as respostas nos livros, nas teologias, nos mestres, nos gurus. Parecemos remanescentes da Era de Peixes, nadando de um lado a outro do oceano, sem perceber, **que a resposta é o próprio Oceano como um Todo, e seu nome é a Graça.** É por intermédio **Dela** que nos tornamos capazes de carregar o fardo de nossas vidas, é por **Ela** que recebemos as oportunidades de purificar todas nossas concepções errôneas. É **Ela** que contém nossos segredos mais recônditos e a visão de nossos maiores triunfos. É um amor tão profundo e incondicional que não podemos imaginá-lo, e muito menos nomeá-lo.

O surgimento da Graça dentro de nós assinala a compleição das séries infindas de nascimentos e renascimentos.

O Cristo Universal – qualquer que seja o nome que você lhe dê – é a personificação da Graça. Ω

Adaptação do editor do segundo capítulo (parte II), do livro de *Glória Karpinski, “As Sete Etapas de uma Transformação Consciente. Rituais espirituais de passagem”*, Ed. Cultrix Pensamento, SP, 1997.

Este livro é o manual do Curso ministrado pelos psicólogos Maria Teresa Ollero e Mario Luis Rodríguez. Os interessados em participar do Curso, podem contactar:

(71) 363-5979 / 359-3723
358-1944 / 461-0810.

Quem é o Mestre Saint Germain

No número 3 da Revista Omega (ano 2002), se perderam por razões técnicas, os negritos e várias notas do artigo que então intitulamos: “**Quem foram realmente Shakespeare, Francis Bacon e o Conde de St. Germain?**”. Por esta razão, dentre outras, estamos republicando só algumas vindas do Mestre, nas quais todas as fontes são unânimes. As informações aqui expressas provêm de **SUMMIT UNIVERSITY PRESS**, Livingston, Montana, EUA; **PHILOSOPHICAL RESEARCH SOCIETY (EUA)**; **BIBLIOTECA METAFÍSICA CONDE DE SAINT GERMAIN** de Barcelona, Espanha; **Nicholas Roerich Museum**, New York, NY, EUA, e outras.

PLATÃO

Um dos maiores filósofos do período áureo da Grécia Antiga. Seus escritos continuam sendo estudados atentamente até hoje, pois são, como as parábolas de Jesus, totalmente atemporais. Nasceu em 427 a.C., em Atenas, e morreu em 347 a.C. Filho de Ariston, descendente de **Kodros**, o último rei de Ática e de **Perictione**, descendente da família de **Sólon**, o maior legislador grego, portanto uma das mais aristocráticas famílias atenienses.

Foi discípulo de Sócrates dos 20 aos 28 anos e mestre de Aristóteles dos 65 aos 80.

Viveu a época entre o apogeu e o declínio da democracia ateniense. Trazia consigo forte tradição política familiar e sua vida foi marcada pela busca de soluções filosóficas para a Política. Difundiu a **Ética como a solução**, chegando a ser um crítico militante da corrupção na democracia ateniense. Falava de uma Ética que traçava as diretrizes de conduta, partindo do individual e social para o Absoluto, ultrapassando as barreiras do egoísmo e desenvolvendo o altruísmo universalista.

Segundo Platão, a missão do filósofo é promover que os indivíduos tenham uma visão além do mundo da aparência, e reconduzi-los ao reconhecimento do mundo Real, pela disciplina intelectual e moral e as idéias iluminadas pelo Bem supremo.

Acreditava em Deus (Zeus) como causa e substância de todas as coisas. Defendia a imortalidade e a origem divina da alma, que poderia ser premiada ou castigada, chegando a retornar durante várias vidas para saldar seus débitos. Na educação, sob a influência pitagórica e socrática, já era favorável à utilização da Ciência para superar os limites da opinião.

Com a morte de Sócrates, em 399 a.C., fez viagens de estudo, entrando em

contato com várias escolas no Egito e na Magna Grécia. Ao retornar, começa a escrever seus **Diálogos** e funda a “**Academia**” em Atenas, em 387 a.C., que se tornou o grande centro filosófico ocidental.

No diálogo sobre a **Apologia de Sócrates**, relata os posicionamentos deste perante a Assembléia que o julgou e condenou. Neste e noutros **Diálogos**, faz a defesa da idoneidade e sabedoria de Sócrates, que foi condenado a beber cicuta, por motivos políticos. Provocou extrema polêmica ao escrever sobre a **Atlântida**, em seus **Diálogos**, com surpreendente riqueza de detalhes e inexplicadas fontes de informação.

Algumas das obras confirmadamente dele são: **Alcebiades** ou Sobre a Natureza do Homem; **Hípias maior** ou Sobre o Belo; **Hípias menor** ou Sobre a Mentira; **Apologia de Sócrates**; **Eutifrom** ou Sobre o Dever; **Cármide** ou Sobre a Sabedoria; **Laques** ou Sobre a Coragem; **Lisis** ou Sobre a Amizade; **Mênon** ou Sobre a Virtude; **Fédon** ou Sobre a Alma; **Fedra** ou Sobre a Beleza; **O Banquete**; **Georgios** ou Sobre a Retórica; **Protágoras** ou Os sofistas; **As Leis** ou Sobre a Legislação; **A República** ou Sobre a Justiça; **Parmênides** ou Os Pré-socráticos; **Teteto** ou Sobre a Ciência; **Sofista** ou Do Ser; etc.

ROGER BACON

Monge franciscano, alquimista, mago, astrônomo, biólogo, físico, escritor. Nasceu em 1220, em Somerset, Inglaterra, e morreu em 1292.

Predisse a descoberta do barco a vapor, do carro motorizado, de máquinas voadoras, da prensa hidráulica. Descobriu as lentes convexas e acromáticas. Investigou a **Pedra Filosofal**.

Foi chamado pelo eminente historiador inglês George Kunz “**sem dúvida**

o homem mais extraordinário do século XIII” (1). Considerado precursor da ciência moderna, é reconhecido pelos seus enormes aportes em ótica, matemática, educação, línguas, filosofia e alquimia. Palestrante das Universidades de Oxford e Paris, que junto com Bolonha e Barcelona, foram as quatro primeiras da Europa, abandonou tudo e quando entrou na Ordem dos Frades Menores de São Francisco, escreveu: “Farei as minhas experiências sobre as forças magnéticas do imã, ao mesmo tempo em que nosso amado Francisco o faz com as forças magnéticas do amor” (2). Ele fez a seguinte profecia aos seus estudantes:

“A humanidade aceitará como um axioma para a sua conduta científica o princípio pelo qual dei a minha vida – o direito de investigar. É o credo dos homens livres – a oportunidade de experimentar, o privilégio de errar, a coragem de tentar novamente. Nós, cientistas do espírito humano, faremos sempre experiências. Ao longo de séculos de ensaio e erro, através das agonias da experiência... investigaremos as leis e os costumes, os sistemas monetários e os governos, até traçarmos a rota certa – até encontrarmos a majestade da nossa órbita como os planetas encontraram as suas. E, finalmente, nos moveremos juntos na harmonia das nossas esferas e sob o grande impulso de uma só Criação – uma unidade, um sistema, um desígnio” (3).

Devido a essas posições científicas e filosóficas, expressas no seu livro **Filosofia da Teologia**, foi preso por 14 anos, pelos seus próprios irmãos franciscanos, tendo alguns dos seus livros queimados pela Igreja.

CRISTÓVÃO COLOMBO

Um século e meio depois da morte de Roger Bacon, retomou como Cristóvão Colombo (1451-1506). Patrocinado pelos Reis Católicos da Espanha, Fernando de Aragón e Isabel de Castilha, “descobriu” América. De acordo com a Enciclopédia Britânica (15ª Edição), ele sabia ter sido divinamente escolhido para a sua missão, tal como tinha sido profetizado por Isaías: “Juntarei os desterrados de Israel e congregarei os dispersos de Judá, desde os quatro confins da Terra”.

Numa carta de 1502 aos reis Fernando e Isabel ele diz: “Ao realizar esse empreendimento das Índias, nem a razão, nem a matemática, nem os mapas marítimos me serviram de nada, só se realizaram plenamente as palavras de Isaías. Este ponto está tão enigmático na História que até a própria Encyclopédia Britannica diz claramente o seguinte: “Colombo descobriu América muito mais pela profecia que pela Astronomia”.

FRANCIS BACON, ESCRITOR E HOMEM DE ESTADO.

Na sua vida como Francis Bacon (1561-1626) St. Germain continuou a obra que tinha iniciado como Roger Bacon. Foi considerado pelos historiadores, **a maior mente que o Ocidente já produziu**. Foi filósofo, homem de Estado e o mais

Notas:

1. George Frederick Kunz “The Curious Lore of Precious Stones” (O Curioso Percurso das Pedras Preciosas), New York, Dover Publications, 1971), pag. 182.
2. Living Biographies of Great Scientists (Biografias dos Grandes Cientistas), Garden City, New York, Doubleday Ed., 1941, pag. 161.
3. Ibid, pag. 201.
4. “Announcement of the Author” (Anúncio do autor), in “Advancement of Learning and Novum Organum” (Progresso do Aprendizado e Novum Organum) de Francis Bacon. Edição Revisada, New York, Colonial Press, 1900, pag. XI.
5. I, Prince Tudor, wrote Shakespeare. An Autobiography from His Two Ciphers in Poetry and Prose, (Eu, Príncipe Tudor, Escrevi Shakespeare: Uma Autobiografia

destacado mestre literário de todos os tempos, que sob o pseudônimo de William Shakespeare escreveu as maiores peças literárias da história da humanidade. O nome escolhido WILL – I – AM – SHAKE – SPEARE, quer dizer textualmente: **VONTADE E PODER EU SOU, E BRANDIREI A LANÇA**. Isto mostra que St. Germain estava disposto a mostrar-nos o lado mais escuro da nossa natureza humana e o lado mais luminoso da nossa natureza divina.

Por quais experiências um simples mortal teria que ter passado, ou de alguma forma visto, vivido e sentido, para dar

É possível pensar que um homem do renascimento inglês, de quem quase não se conhecem dados biográficos confiáveis, que não teve aparições públicas, possuísse um conhecimento tão extraordinariamente profundo sobre a alma humana, que hoje passados mais de 400 anos não tem ninguém que questione a grandeza ímpar da sua obra?

Francis Bacon é reconhecido como pai da Ciência indutiva e do método científico, que são responsáveis pela era tecnológica que hoje vivemos. Ele sabia que só a ciência aplicada à tecnologia, libertaria a humanidade da miséria e da escravidão, da luta pela sobrevivência, permitindo aos homens buscar e viver sua origem espiritual.

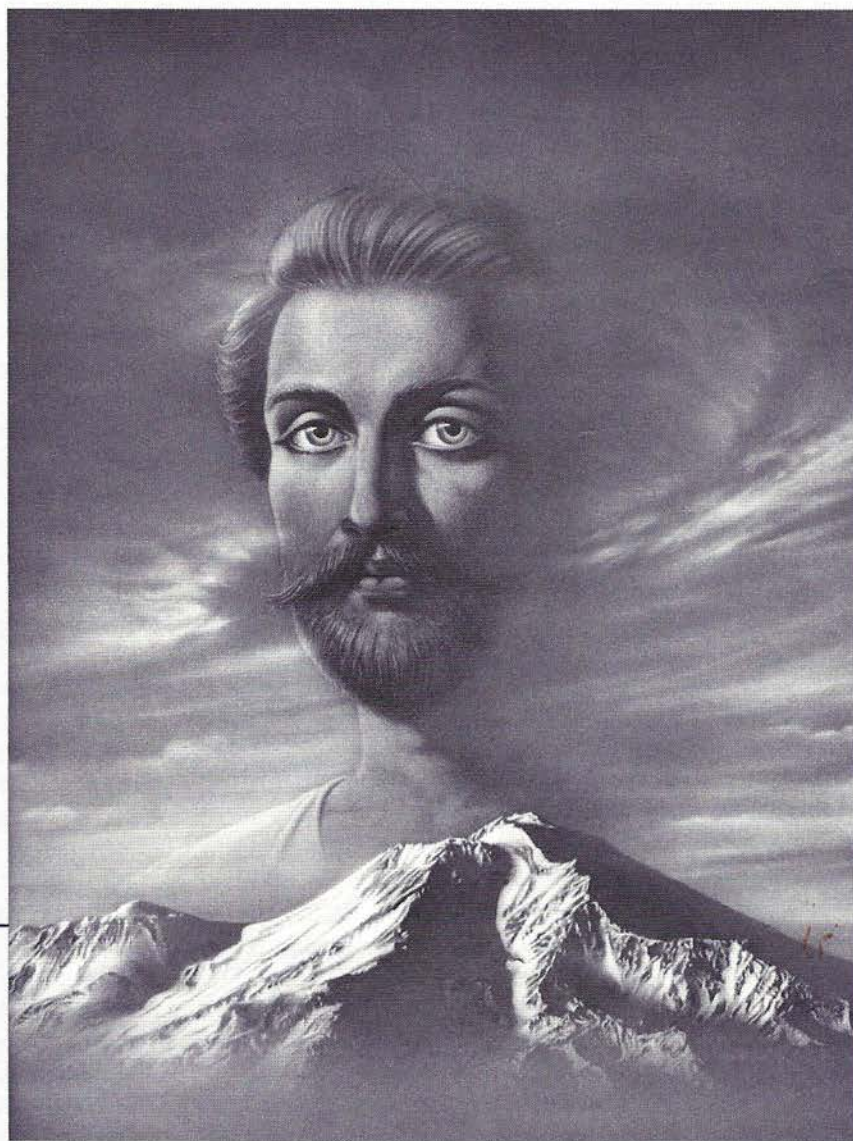
“A Grande Instauração” (restauração depois do declínio medieval) foi a conhecida fórmula de F. Bacon para “reconstruir a Ciência, as Artes e todo o conhecimento humano sobre uma base sólida” (4). Foi ele também que coordenou e revisou a tradução da Bíblia para o inglês, visando tornar as escrituras acessíveis a todos, sendo a sua bela versão da Bíblia do King James, usada até hoje.

Foram descobertos códigos cifrados nas peças de Shake-speare e nas obras de Francis Bacon. As cifras revelam claramente que foi Bacon quem escreveu as peças de Shake-speare e também a sua verdadeira identidade. **Ele foi filho da rainha Elizabeth I e de Robert Dudley, Lord of Leicester, que se casaram secretamente.**

Se Elizabeth I tivesse reconhecido F. Bacon como seu filho, ele teria se tornado Rei da

Inglaterra. Mas ela preferiu manter o seu título de “Rainha Virgem” e temendo perder o trono ao revelar seu casamento secreto e declarar um herdeiro, nunca reconheceu Francis. Ele foi criado por Sir Nicholas e Lady Anne Bacon. Esta, no fim da sua vida confirmou esta verdade. Aos 23 anos, em 1584, foi eleito para a Casa dos Comuns (Parlamento Inglês); em 1607, Procurador-Geral do Reino; em 1613, Fiscal-Geral do Reino; em 1617, Guarda do Selo Real; em 1618, Grande Chanceler e Barão de Verulam; e em 1621, Visconde de Saint Albans (5).

Foi perseguido por opositores da



exemplos tão perfeitos e cabais da essência da alma e da natureza humana, como **Macbeth, Henrique V, Ricardo III; Romeu e Julieta; Sonho de uma noite de verão; Assim como gostais; Noite de Reis; Hamlet, Príncipe da Dinamarca; Otelo, o Mouro de Veneza; O Rei Lear; Antônio e Cleópatra; A Tempestade; Medida por medida; e Os Sonetos**, entre tantos outros?

Quem poderia ter tido acesso a todo esse saber sobre o poder, a corte, a coroa, o amor, o ciúme, a traição, a morte e o mundo espiritual senão, um ser com o conhecimento divino?

Casa dos Comuns, acusado injustamente de corrupção pelo Regente escolhido após a morte da sua mãe **Elizabeth I**, o que desembocou no coroamento do King James I. O novo rei, conhecendo a verdadeira identidade de Francis, o afastou de todo cargo público e o encerrou na Torre de Londres. Quando foi libertado se dedicou só a escrever, com o pseudônimo de William Shakespaere, como forma de evitar maiores e piores perseguições, já que iria descrever toda a podridão e miséria humana da Realeza Inglesa e do poder político em geral desde os tempos de Roma, como o mostra magistralmente na sua peça "**Júlio César**".

Também secretamente, **através da Maçonaria e do Rosacruzianismo** se dedicou a melhorar a forma de Inglaterra dominar suas colônias, que na época era quase metade do mundo. Preparou **América** para se tornar a primeira democracia do mundo moderno, primeiro nos EUA e depois nas colônias espanholas e portuguesas, ajudando a torná-las livres e independentes do arbítrio explorador das coroas européias.

Com a seguinte frase ele colocou **toda** sua esperança no Novo Mundo: "Entrego tudo ao futuro e a uma terra longínqua que se encontra na direção do poente. O futuro faz sempre parte dos meus planos, não para minha era ou para meus compatriotas, mas para um povo do futuro, uma era diferente da nossa, a

Notas:

6. O Código de F. Bacon foi descoberto pelo criptógrafo Orville Owen, que publicou os cinco volumes de: "Sir Francis Bacon Cipher Story" (A História do Código Cifrado de Sir Francis Bacon). New York, 1995. A decifração do código bilateral é um processo científico em que se agrupam as letras em itálico que aparecem com a exata mesma frequência nas edições originais das peças de Shakespaere e das obras de F. Bacon. Para assegurar-se que seu Código seria descoberto e sua verdadeira identidade revelada, Bacon descreveu detalhadamente, o método bilateral de escrita cifrada na sua versão em latim de "**De Augmentis**", que foi descoberto por Elizabeth Wells Gallup em 1990.

7. Na "**Marcha do Príncipe Rakoczy**", o grande compositor francês Heitor Berlioz relata como a inspiração da sua viagem à Transilvânia e a convivência com as histórias e lendas de seus habitantes, lhe permitiram conhecer a grandeza ímpar do personagem. Nela Berlioz utiliza todos os recursos sinfônicos, com maestria ímpar.

8. Ver Luk, D.K. "**Law of Life**", Oklahoma City, 1960, do mesmo autor: "Law of Life and Teachings by Divine Beings" A . D. K. Luk Publications, Oklahoma, 1978, e Godfré Ray King, "Unveiled Misteries", Santa Fé, New México, 1938.

segunda era de ouro do conhecimento" (6).

Acredita-se, comumente, que F. Bacon morreu em 1626. Porém, a tradição oculta afirma que tal não ocorreu. Ele assistiu ao seu suposto funeral, vestido de mulher, deixou a Inglaterra e viajou para a **Transilvânia**, onde ficou conhecido como o **Príncipe Rakoczy** (7).

Há mais de 500 citações nas peças shakespearianas nas quais o nome Francis Bacon, aparece em código acróstico (8).

O CONDE DE ST. GERMAIN. O HOMEM PRODIGIOSO DE EUROPA E AMÉRICA

Saint Germain teve sua **Ascensão em 1º de maio de 1684, na Transilvânia como o Príncipe Rakoczy. Suas atividades, a partir deste momento, foram desenvolvidas como Mestre Ascensionado.** Mesmo depois de receber esta condição adquiriu uma propriedade no Tirol - Itália, com o nome de San Germano (Santo Irmão), e comprou do Papa o título de Conde.

A partir desse momento começou a aparecer e desaparecer nos mais diversos lugares, adotando diferentes nomes, segundo a corte que estivesse visitando. Falava todas as línguas e idiomas que tivesse necessidade sem nenhum sotaque, tocava com maestria todos os instrumentos musicais, e mostrava qualidades espirituais superiores tais como: clarividência, clariaudiência, telepatia, ambidestria (escrevia ao mesmo tempo com ambas as mãos sobre assuntos diferentes), enfim, simplesmente mostrava as virtudes naturais de um Mestre Ascensionado.

Frederico II, O Grande, o Kaiser (Imperador) de Prússia, o chamou: "o personagem mais sábio e enigmático de todo o século XVIII". Voltaire nos seus escritos, o definiu como: "o homem que nunca morre, e tudo conhece".

Consta nos registros da imprensa de época de **Rotterdam, Amsterdam, Paris, Berlim, Viena, Roma, Florença e Veneza**, que o Conde de St. Germain foi visto por toda a Europa entre 1700 e 1842, sempre com a aparência de um homem de 45 anos. Foi admirado em todas as cortes européias como lingüista, diplomata, erudito e alquimista. Na sua última tentativa para unir Europa, patrocinou Napoleão, que por usar o poder do Mestre de forma indevida, desencadeou sua trágica derrota, frente a Wellington em Waterloo, em 1815.

Na França, consta nos registros da Coroa, que Ele instruiu e profetizou diante dos reis Luiz XIV, Luiz XV, e Luiz XVI,

tentando evitar o violento derramamento de sangue que seguiu a decapitação de Luiz XVI e Maria Antonieta.

De forma aparentemente paradoxal, através das sociedades secretas antes mencionadas, insuflou aos principais ideólogos da Revolução Francesa que iriam trazer os ideais da Trindade ou Chama Trina: **Liberdade (Chama Azul-Poder-Vontade), Igualdade (Chama Branca-Luz-Conhecimento) e Fraternidade (Chama Rubi-Amor-Compaixão)**. Estas cores inspiram as bandeiras da França, Inglaterra, EUA, Cuba, Chile, Holanda, Paraguai, entre inúmeros outros, e até a **bandeira do Estado da Bahia no Brasil**.

St. Germain lutou antes e depois da sua Ascensão para criar na América uma nova ordem social, democrática, soberana e independente, que libertasse seus homens e mulheres da dominação tirânica e da corrupção das realezas européias. De uma forma ou de outra, Ele apoiou todas as cruzadas libertadoras das Américas, tendo inspirado a Constituição Americana e ungiu George Washington como primeiro presidente dos Estados Unidos (fato pelo qual é conhecido no folclore dos EUA como **Uncle Sam - US**), até **Simon Bolivar** na sua cruzada para libertar a **Venezuela, Colômbia, o Equador, o Peru e a Bolívia** do jugo da Coroa Espanhola.

Das mais impressionantes batalhas dos Andes, nas quais **José Antônio de la Santísima Trinidad Simon Bolívar y Palácios**, derrotou os espanhóis estando em esmagadora minoria, existem abundantes relatos nos arquivos atuais do Museu Histórico Nacional da Venezuela, em Caracas. Nesses, seus oficiais relatam que se operava nele **uma verdadeira transfiguração**, que o tornava, além de um Comandante valente e corajoso, genial em suas diretrizes estratégicas e magnânimo com os derrotados. Isto só se explica pelo fenômeno da **transmigração espiritual**, na qual um Mestre Ascensionado (**St. Germain**), entra temporariamente no corpo de um discípulo (**Bolívar**), para realizar uma tarefa de extrema relevância histórica para a qual este ainda não está totalmente preparado.

Hoje, como **Hierarca da Era de Aquário, Mestre do Sétimo Raio (Violeta), St. Germain** continua seu trabalho para a verdadeira e definitiva libertação da Humanidade, que chegará quando todos atingirem o ponto Omega, a Plenitude da Consciência Crística.

O melhor Exército do mundo

Uma Copa do Mundo mostra diafanamente a existência do inconsciente coletivo junguiano.

Você **Sra.**, que já sofreu em tantos domingos de **Fla-Flu** ou de **Ba-Vi**, a paixão masculina pelo futebol, já se perguntou porque ele é o **único** esporte em **toda** a história da humanidade que se transformou em absolutamente mundial?

Precisamos dar uma parte da razão, ao nosso velho e querido Freud. **O futebol tem vagina!** É preciso introduzir a bola branca (**esperma**) fortemente chutada pela perna ereta do jogador (**pênis**) que quando entra e fica dentro, alojada na rede, **é o goooooo!** A torcida se levanta com esse grito de imenso prazer na garganta. É o orgasmo.

O futebol é o **único** esporte de estádios monumentais, que produz na massa este tipo de êxtase: **o gol**. De fato, um jogo que termina 0X0, frustra a todos. **Ninguém gozou**. São deliciosos os 5X4, ou os 4X3, porque significa que se jogou de igual para igual, e ambas as partes gozaram. A torcida derrotada pode sair triste, mas não frustrada, já que seu time também goleou, e ela viveu seus três orgasmos.

Observemos bem uma torcida no momento do gol do seu time. É o delírio, a loucura, a alegria indescritível. Tudo isso só por um gol? Não, é por nossa possibilidade de poder chegar lá, é a possibilidade da vitória, da grande **Vitória**.

Vemos, através do futebol, o inconsciente coletivo no que respeita às forças antes chamadas tribais, e hoje nacionais. Agora guerreiam numa arena moderna, que em quase tudo reproduz as batalhas dos exércitos na história. Foi criado para substituí-las, de forma menos sangrenta, mas os feridos continuam saindo do campo de batalha de maca (leia-se campo marcial, de **Marte (o masculino)**, da Guerra, com tudo o que ela implica).

Não tem nada neste mundo, nem nenhum outro esporte, que desperte tanta paixão nas massas quanto o futebol, nem que tenha produzido tantas mortes nas batalhas entre torcidas. A solenidade do canto do hino nacional, dos países que vão se enfrentar no campo de batalha, é cantada por todos seus concidadãos com fervor, entusiasmo e emoção incríveis.

Em termos militares, o futebol tem tudo para nos lembrar o encontro de dois exércitos no campo de Marte. Existem dois **generais** (os **técnicos**), que dirigem seus exércitos e trocam seus soldados quando necessário ou quando saem de maca do

campo de batalha. Eles são os táticos, os estrategas que planejam, estudando o inimigo, como a batalha vai se desenrolar. **Scolari** se conta entre os grandes generais da **'guerra'** atual, porque sabe representar perfeitamente a figura paterna de todo bom General, conciliando disciplina, autêntico espírito de equipe, e passando constantemente, através do seu equilíbrio, a convicção de que o time é imbatível. Poucos têm conseguido esta façanha em toda a história do futebol mundial. Talvez só o grande **"Kaiser"** (Imperador) **Beckenbauer**.

As torcidas, vestidas e pintadas para a guerra, com as cores de sua tribo (**País**), brigam e se digladiam como se realmente fosse o próprio destino do País que estivesse em jogo.



No caso da partida final pela Copa de Europa, jogada em campo **neutro** na Holanda, a torcida do **Liverpool** da Inglaterra, **literalmente** assassinou dezenas de torcedores da **Juventus** de Roma.

Em jogos entre os dois maiores times da Argentina, o **Boca Júnios** e o **River Plate** já houve várias partidas em Buenos Aires com muitos mortos, uma delas, com mais de 40. Os exemplos são abundantes. Um dos extremos foi a guerra entre Honduras e El Salvador, deflagrada por uma vaga para uma Copa do Mundo.

Como se explica toda esta paixão das massas pelo futebol, que começou e continua sendo um esporte essencialmente masculino?

Jung sabiamente apontou que o que levamos no nosso inconsciente mais **arcaico**, são os milhões de anos, que filogeneticamente estivemos atrelados à sexualidade e a agressividade. Pouco a pouco vamos evoluindo e deixando o instinto das

cavernas. Mas é evidente que se o futebol provoca o que provoca, é porque como Freud pioneiramente apontou, ele mexe fundo com **a sexualidade e a agressividade**, que no Estádio (Coliseu), se expressam soltas.

A **ONU** tem 197 membros. A **FIFA** tem 208. Por alguma razão impressionante, o futebol une mais países do que as próprias Nações Unidas. Esta é a força do que levamos no inconsciente e com muito esforço estamos tornando consciente. Comparemos as hierarquias militar e futebolística. Na maioria dos exércitos ocidentais, existe General de Brigada (**uma estrela**), General de Divisão (**duas estrelas**), General de Exército (**três estrelas**) e Comandante em Chefe das Forças Armadas (**quatro estrelas**). O Escudo e a Bandeira do Brasil têm Estrelas de cinco pontas.

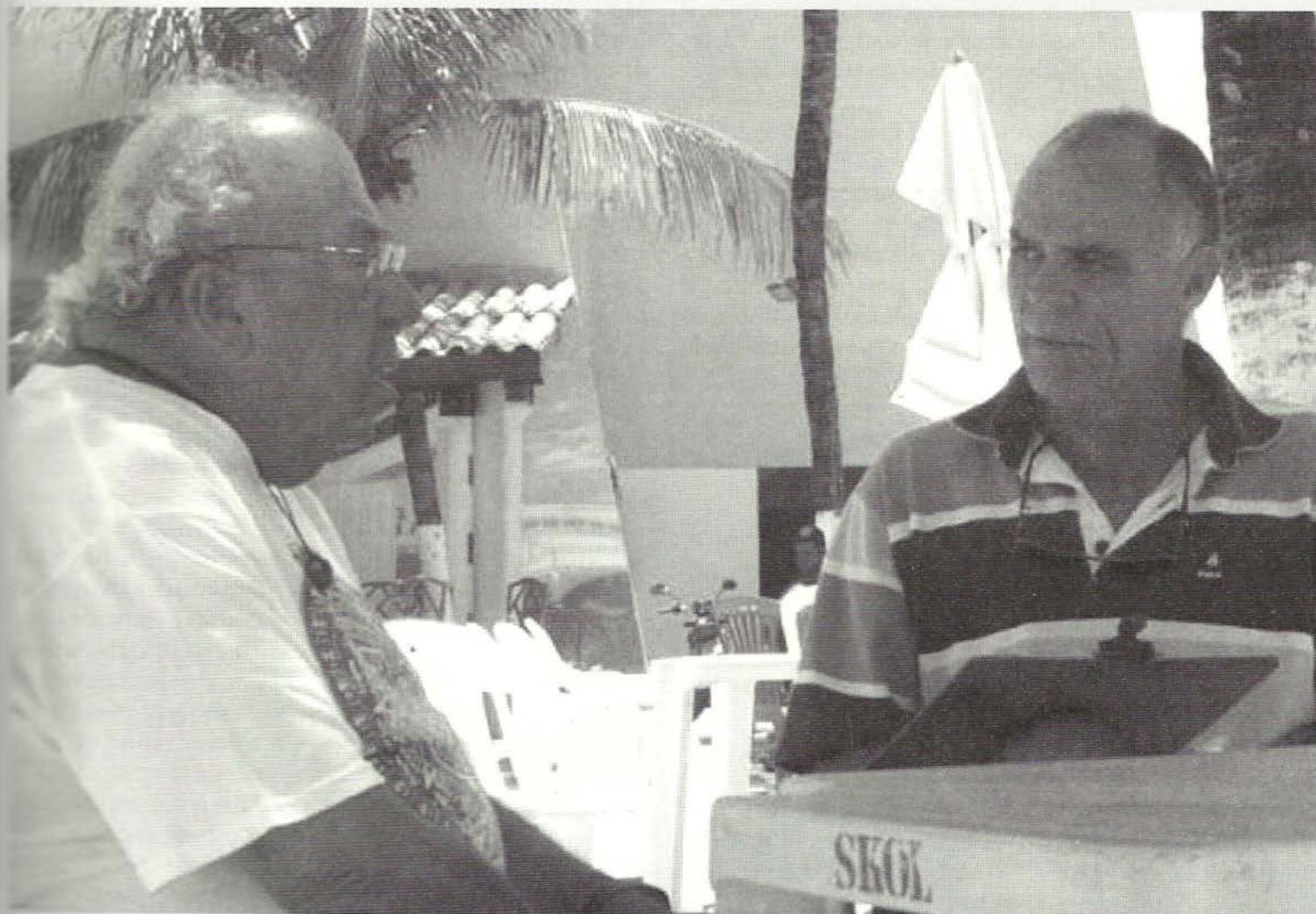
O Brasil foi o **primeiro Penta do Mundo**, o primeiro que na "guerra mundial" atingiu o Pentagrama, o Símbolo alquímico do número cinco (a Perfeição). Por considerarmos o futebol um substituto mais civilizado das contínuas e incessantes guerras entre nações, avaliamos que neste aspecto, **o Brasil é sem dúvida o melhor exército do mundo**.

Só existe um outro tetra, apesar de que a maioria o ignore: o primeiro País que foi autorizado pela FIFA a ostentar quatro estrelas em cima do seu escudo nacional, foi o Uruguai, já que antes de se disputar a primeira Copa do Mundo em Montevideo, em **1930**, as **Olimpíadas** valiam como a verdadeira Copa do Mundo. Em Amsterdam, Holanda, **1924** e em Colombes, França, **1928**, Uruguai foi o campeão. Em 1930 ganhou a final contra a Argentina por 2X1. Em 1950, no Maracanã ganhou do Brasil pelo mesmo score. Portanto, o primeiro General de quatro estrelas foi o Uruguai.

O Guga joga solo. Mas no Vôlei, outro esporte, onde é preciso aliar um enorme espírito de equipe a uma técnica depurada dos **"guerreiros"** e à táticas e estratégias brilhantes do **"General"** (técnico), os brasileiros acabam de mostrar na Espanha, que também dão cátedra mundial. São os atuais tri-campeões da Liga Mundial de Vôlei.

As estrelas de cinco pontas da bandeira do Brasil, estão cheias de significado, como aliás, **tudo nela**. Elas nos mostram em sua aparente infinitude, as áreas do viver humano, nas quais o Brasil será a estrela-guia. Em breve quando os conflitos entre nações, não sejam mais resolvidos pela truculência dos Estados, e sim pela perícia e competência dos cidadãos, o Brasil mostrará o quanto já está se tornando a grande estrela do futuro.

Emilio Rodrigué, Mestre da Psicanálise, fala aos Oitenta



E milio Rodrigué é sem dúvida um dos mais notáveis psiquiatras-psicanalistas de Iberoamérica. Foi, em diversos períodos, **Presidente da Associação Psiquiátrica Argentina, Vice-presidente da International Psychoanalytical Association (IPA), e Presidente da Federação Argentina de Psiquiatras** em seu período ideologicamente mais fecundo, antes da ditadura. Estudou, a partir de **1947**, com os maiores expoentes da psicanálise mundial, que na pós-guerra estavam na **Inglaterra e nos EUA**. Na Tavikstock Clinic de Londres, estudou com **Melanie Klein, Anna Freud, Robert Bion**, e se analisou com **Paula Heyman**. O período de Londres foi de **1947 a 1951**. De **1958 a 1962** passou mais de quatro anos na famosa Comunidade Terapêutica **"Austen Riggs"** de **Stockbridge, Massachusetts**, perto de **Harvard**, onde trabalhavam os mestres da psicanálise norte-americana **Erik Erikson e David Rappaport**, dentre outros, e que era dirigida por **Robin Knight**. Por lá passaram de **Tennessee Williams a Bob Dylan**. Destes quatro anos nasceu seu clássico e internacionalmente conhecido livro **"Comunidades Terapêuticas"**. Já há mais de **50 anos**, ensinava psicanálise aos psiquiatras uruguaios da Universidade da República, tal como consta no **Nº 2** da Revista Uruguia de Psicanálise de **1952**.

A partir de **1974** começou a ensinar à várias gerações de analistas baianos.

Escritor prolífico, mostra em sua monumental e mais recente obra em **3** volumes, **"O Século da Psicanálise"**, como escreve bem, quão profundamente conhece aquilo do que escreve, e como sua mente está mais lúcida a cada ano que passa.

Em **1982**, como já era tão reconhecido internacionalmente como psicanalista inovador e indomável, alguns membros do **staff do Hospital Psiquiátrico de Palma de Maiorca, nas Ilhas Baleares de Espanha**, o convidamos para ministrar um Laboratório-Workshop sobre **"A Loucura do Nosso Medo"**. Foi tão marcante para **todos nós**, que Emílio escreveu sobre ele um dos seus mais belos livros, **"O Último Laboratório"** (Ed. Imago, RJ, 1983).

Quando vim morar em Salvador em **83**, Emílio me hospedou em sua casa durante meses, e me abriu todos os caminhos profissionais. Esta entrevista tem para mim um tom especial de gratidão e reconhecimento à alguém que vem nos ensinando tanto, há já tanto tempo.

Hoje, depois de **56 anos !** (oito setênios) de exercício da profissão, ou seja, **150 mil horas de escuta atenta da alma humana**, desfrutemos do que ele tem a nos dizer.

Mario Rodriguez. *Como o psicanalista das 150 mil horas, qual é sua avaliação do processo terapêutico?*

Emilio Rodrigué. Eu não refiz a conta, mas acho que, efetivamente já levo mais de 150 mil horas analisando. Certo que essas horas com o tempo se foram encurtando, mas são muitas horas.

Como tinha que ser, o processo terapêutico mudou, como sempre muda, mesmo durante a vida do próprio Freud, onde, nos primeiros tempos, uma terapia **comme il faut** durava meses. Pense na análise de Katharina nos Alpes, e o longo, tortuoso e interminável tratamento do **Homem dos Lobos**.

No ano passado, vi um bom filme de **Robert de Niro**, no papel de um gangster que vai consultar um analista, interpretado por **Billy Crystal**. De Niro se horroriza quando Crystal lhe interpreta seus desejos incestuosos. Com a minha mãe!, exclama sem poder acreditar no que está ouvindo. Hoje em dia só um mafioso pode ter essa reação ingênua, fora do contexto. **O complexo de Édipo não assusta mais ninguém.** Também acho que na atualidade a sexualidade infantil não tem a relevância que tinha antes, tampouco acredito que se interprete da forma recomendada pelo inglês **Strachey**. Hoje em dia, se intervém.

Houve um tempo, na Argentina em 1960, em que uma mãe ligou a meu consultório dizendo que seu filho vinha de passar no vestibular em medicina e queria reservar uma hora com 6 anos anos de antecedência. O curioso dessa história é que o pedido dessa mãe não me pareceu esquisito. **"Que mãe mais ponderada"**, pensei. Eram outros tempos.

Existe um assustador cenário possível. Nele, o planeta **Gaia**, depois de haver-se analisado por mais de um século, se levanta do divã e diz: - "Adeus, obrigado, doutor, muito obrigado por tudo".

O planeta **Gaia**, talvez com uma lágrima, cruza o consultório e se vai. **A ilusão transferencial** deu tudo o que tinha que dar. Gaia não é uma desagradecida. O que passa é que a cura, como toda cura, não está nunca à altura das expectativas. Acredito que a psicanálise mudou a face da Terra. O pensamento freudiano transformou o mundo além de toda expectativa, ao ponto em que podemos dizer que o neurótico contemporâneo é uma criatura inventada por Freud. Ele projetou sua própria neurose no planetário atual e aí reside boa parte de seu gênio: sua neurose deu sentido à nossa. Ele modelou o homem atual, mas o modelou até um certo momento e esse momento pode estar acabando.

Houve uma crise na psicanálise a partir **do maio francês de 1968**, tempo em que **Marx** morreu e **Freud**, mal ferido, foi salvo por **Lacan**, numa ruela do Quartier Latin de Paris. Foi salvo, vírgula. Todo salvamento tem o seu preço, sendo visível que a psicanálise ficou presa nesse discurso universitário que o próprio Lacan condenou.

MR. *Como é para você, que é uma figura emblemática na psicanálise latino-americana, observar o declínio da psicanálise?*

ER. Uma vez mais: declínio, vírgula. Eu acho que a psicanálise cavalga entre dois períodos, fases ou paradigmas. É a diferença que medeia entre **"O Futuro de uma ilusão"** e **"O Mal-estar na cultura"**. O **Futuro** é um texto iluminista, o **Mal-estar** é pós-moderno. Retomemos o assunto: eu assino tranqüilamente o certificado de defunção da **International Psychoanalytical Association** e estou pronto a fazer outro tanto com a **École de**

Paris de Jacques-Alain Miller.

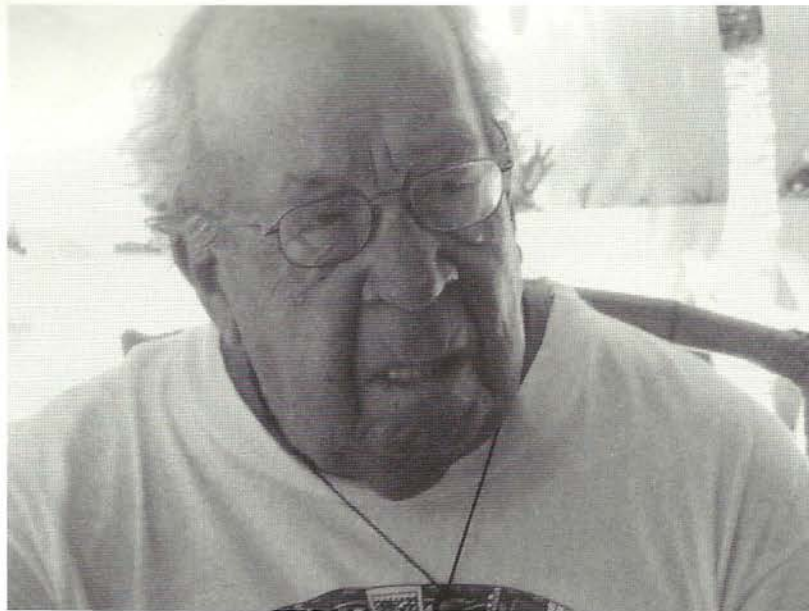
Lamento ambos decessos e até iria a ambos velórios, deixando uma saudosista flor.

A psicanálise, hoje em dia é outra coisa. Brota nas margens e se expande. Eu a colocaria nos seguintes termos: Freud fundou a **hermenêutica moderna**, e esse Freud, em meu caderno de bitácora, é o tronco paterno que inclui **Jung, Adler, o injustiçado Stekel** e o

mártir **Reich**. Trata-se de uma árvore que abarca o psicodrama e a psicologia social de **Pichon Rivière** e que inspira Devereux na **Etnopsiquiatria**. Como pai da hermenêutica moderna ele foi o ponto de partida de Rority e a lógica contingente. Detrás de Badiou e de Derrida encontramos a Freud.

MR. *Você se formou médico psiquiatra em 1947 e viajou extensamente por vários centros de excelência de conhecimento durante os anos dourados da Psicanálise. Que diria aos que estão começando o caminho hoje?*

ER. São outros tempos. Quando comecei a assistir seminários, em **1947, a Associação Psicanalítica Argentina** tinha um local pequeno, com uma sala onde cabiam umas 15 pessoas. Eram os tempos de **Perón** e os seminários só podiam ser dados quando um policial, de pé, estava presente. Então, nosso divertimento era escandalizar o homem da lei. A dito fim, líamos em voz alta o trabalho de **Garma**, totalmente irreverente em relação à



Virgem e aos Reis Magos. O policial abria olhos enormes. **Tempos pioneiros.** Isto nos lembra as famosas reuniões das Quartas Feiras na casa de Freud. **Stekel** rememora: *"As reuniões eram fonte de inspiração. Elegíamos um tema ao acaso e todos participávamos da discussão. Existia uma perfeita orquestração entre nós. Éramos pioneiros em terras ignotas e Freud era nosso líder. Faíscas saíam de nossas mentes e uma nova revelação nos aguardava a cada noite"*.

Não se pode mais, ser pioneiros em terras ignotas. Ou talvez sim. Eu aconselharia de fazer o que estou fazendo. Trata-se de um laboratório individual de uma só sessão. Laboratório individual para atender a um paciente, ou a um casal, com uma montagem grupal. É um encontro prolongado de aproximadamente 3 horas, onde se aplicam técnicas alternativas sob uma regência psicanalítica. **Sessão única, que tem começo meio e fim.**

MR. Que nome você deu a esta inovadora técnica?

ER. Quando comecei a trabalhar dessa forma, os cariocas a batizaram de **"Shampoo"** e os madrilênses de **"Sauna"**.

Este invento foi filho da necessidade. Comecei a usá-lo em meus anos de psicoargonauta, quando, exilado, trabalhava em **Bahia**, e daí partia para Rio, São Paulo, México, Madri e Valência. Psicanalista itinerante. Foi na década dos 70, sob os efeitos do maio francês, e eu estava também bastante influenciado pelas terapias alternativas. **Esalen em Big Sur na Califórnia, era a Mecca.** Foi a época de **Perls, Price e os neoreichianos.** Depois, quando retornei ao redil freudiano, arrependido por minha heterodoxia, não soube apreciar o quanto aprendi nestes anos **"heréticos"**.

MR. O que foi que eles lhe acrescentaram como terapeuta?

ER. A leitura corporal, por exemplo e uma posição mais fluida frente à linguagem preverbal e mais solta com o que significa **"ser analista"**. Ao falar de técnicas alternativas, o que me resta hoje em dia é o **psicodrama**, já que fui perdendo no caminho as manobras **gestálticas e reichianas.** Deixei de torturar almofadas. O psicodrama, isto sim, é mais que uma técnica alternativa. Teatralizar eventos entra naturalmente em minha práxis analítica.

MR. Como foi o processo de desenvolvimento

desta nova idéia terapêutica?

ER. A princípio realizava os laboratórios individuais em consultórios emprestados por colegas residentes na cidade que visitava. Em 1994, estava num congresso em Cidade do México, quando decidi "presentear" um **shampoo** à colega dona da casa que me hospedava. Assim nasceu a idéia de fazer a terapia **in situ**, em sua belíssima casa. Era, pense bem, **o ovo de Colombo numa bandeja.** A possibilidade de estudar antropológicamente as pessoas **em seu habitat e interatuar em seu nicho ecológico.** Esse nicho é comunicativo. **As casas falam.**

Hoje em dia estou fazendo em **Montevideu e Comodoro Rivadavia [Argentina]**, grupos de formação de laboratórios individuais. Durante uma semana faço laboratórios individuais e no sexto dia reúno os 10 candidatos para uma reunião grupal de 8 horas, onde se supervisiona as experiências individuais, discutindo os erros e os acertos. Acho que este tipo de terapia se adapta especialmente bem numa situação de crise, como é o caso da Argentina, por ser muito menos onerosa.

MR. Você me disse há mais de vinte anos que a Cannabis Sativa foi sua terceira mestra. Concordaria ainda hoje com esta afirmação?

ER. Novamente: sim, vírgula, ainda que menor. Eu disse que era minha **terceira mestra**, depois de **Melanie Klein e Suzanne Langer.** A ressalva é que, eu generalizei. A **erva** na época abriu minha cabeça e melhorou sensivelmente minha escritura. Essa foi minha experiência. Mas logo comprovei que para outros não foi bem assim. De todo modo, eu estou plenamente a favor da sua legalização. Ω

e-mail: erodrigue@uol.com.br



Negócios & Consciência

O lucro, razão de ser da maioria das organizações, não deve estar acima dos valores humanos e do meio ambiente.

O propósito central das organizações privadas é o lucro que vem da criação, produção e comercialização de produtos ou serviços. Frequentemente este tem sido o foco dos acionistas e dirigentes, **com raras exceções**, sem muita preocupação, sobre o como está criando, produzindo e vendendo, ou até, a real utilidade do que fabrica ou oferece. É certo que **só existem produtos por que há demanda**, ou seja, existem consumidores dispostos a comprar. Estes, via de regra são influenciados por belíssimas campanhas de marketing, que associam a carência das pessoas àquele produto. As impelem a buscarem **fora de si**, a solução dos problemas do tipo de vida que elas próprias criaram. Tocam **na vaidade e no poder**, que o homem tanto busca, até o momento em que percebe que essas duas qualidades nada valem. Qual é o significado do produto que está sendo oferecido, em termos de benefício e utilidade para as pessoas? Como o processo produtivo agride o meio ambiente e qual é o seu reflexo na continuidade da Vida? Qual o nível de consciência das empresas que colocam na casa do consumidor produtos que agridem sua saúde? Continuar produzindo veículos que usam combustíveis fósseis que afetam a temperatura do planeta e a nossa vida, é por acaso uma atitude consciente e socialmente responsável? E os resíduos que vão para os rios poluindo-os até o mar, trazendo a morte por envenenamento de inúmeras vidas? E o lixo representado pela enorme quantidade de plásticos descartáveis não reciclados, lotando os mares e praias? O que implica a decisão de continuar? A nossa convivência com este sistema de lucros, vem da velha história: "precisamos remunerar o investimento já realizado".

Muitos produtos estão sendo empurrados às pessoas, não pela necessidade delas, mas porque, as empresas precisam viabilizar o retorno dos investimentos feitos em pesquisas, etc. O propósito é sempre o lucro, e

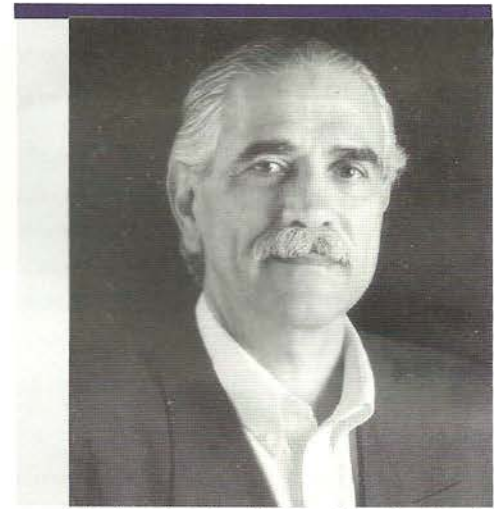
quanto mais distante estiver a informação consciente de que a salvação das pessoas não está nos remédios, no poder, na matéria, e sim na qualidade dos pensamentos-sentimentos, e no uso do poder interior, melhor para o sistema. Na proporção que haja expansão da consciência individual e coletiva, e que a sociedade comece a pleitear e só comprar o que for do seu real interesse para a mente-corpo, as mudanças começarão e serão rápidas.

Produzir de forma sustentável, com lucratividade, gerando lixo zero, assim como a própria Natureza opera, agregando valor à vida das pessoas e do planeta, é um exemplo do que seja **Negócios & Consciência**. É o capitalismo natural ou como também poderia ser chamado, negócios com consciência plena do que se está fazendo em todos os níveis: da produção até o consumo.

O canibal está consciente, **no nível da sua cultura** quando come um outro ser humano, não sentindo portanto, nenhum remorso ou "culpa". Mas qual é o nível de consciência quando se destroem matas nativas para fazer carvão para siderúrgicas ou para madeiras? Não poderíamos fazer diferente, sem destruir vidas, dentro da biodiversidade da qual a humanidade tanto precisa? Lamentavelmente, tudo o que é produzido e oferecido, **existe só por que há consumidores**, senão desaparecia logo.

Parte deste processo começa com **a idéia do negócio**: realização pessoal consciente ou "ganhar" dinheiro. Via de regra o "ganhar" dinheiro vem antes da realização pessoal e profissional, terminando-se a vida numa frustração individual, embora com uma empresa "bem sucedida". **Sobre que valores?** Qual é a motivação para produzir armas, elementos tóxicos, bombas, alimentos modificados geneticamente, etc? **De quem é a necessidade?**

Muito se tem agredido o meio ambiente e as pessoas, na produção de bens e serviços **fúteis e**



Roberto Cunha, autor do best seller "Um Homem em Movimento".

desnecessários. De que precisamos **realmente** para viver? A quem cabe decidir?

Explora-se a Natureza e o ser humano que ainda dorme, esquecido do seu **próprio poder interior** de promover mudanças. Com nossas atitudes, estamos desequilibrando um sistema que é orgânico e perfeito, fazendo com que este responda em formas que frequentemente se tomam prejudiciais para todos.

A questão que se coloca no momento é: o que podemos fazer para atender as necessidades reais das pessoas, ter lucro, não agredir o meio ambiente nem os indivíduos, cooperar para que estes mantenham suas mentes saudáveis, **sentindo consciente e globalmente os efeitos de suas atitudes?**

A sociedade, diante de tantas decepções e frustrações pelo comportamento de alguns líderes, solicita das empresas **transparência nos negócios, ética, e um manual de conduta explícito**, que crie a governança corporativa nas organizações. **É possível produzir, crescer e lucrar de forma consciente e responsável.** É preciso antes de começar um projeto, consultar nosso guia interior, e perguntar quem está desejando fazê-lo: **se o ego ou a alma.**

Ω

e-mail: roberto@mannaz.com

Conscientização Vocacional

O termo *Conscientização vocacional* significa a pessoa tomar consciência de talentos, habilidades e interesses no processo de auto-conhecimento e descobertas. Identificam-se características de personalidade, numa atitude honesta consigo mesmo, no sentido de dar-se conta também dos próprios limites. É um processo dinâmico onde o sujeito tem um papel ativo de investigação. Preferimos esta terminologia ao invés de orientação vocacional e/ou profissional, a qual sugere a idéia de alguém que orienta a vocação do outro ou dita a profissão que deve seguir.

A partir desta idéia prévia, surge uma metodologia de ajudar os jovens na escolha profissional, fruto de uma experiência clínica de 21 anos como psicoterapeuta: **"Programa de Conscientização Vocacional, Aprimoramento Emocional e Escolha Profissional"**. Verifica-se que decidir-se por uma profissão, não determina para sempre o rumo da nossa vida; mudaremos muitas vezes, e não existe escolha sem riscos, mas pode haver escolhas com menos riscos; esta é a nossa intenção, pois os jovens quando precisam fazer uma escolha, nem sempre estão emocionalmente maduros para ela. Este Programa vai além de identificar perfis de personalidade através de testes, ou de associa-los a áreas de atividades, já que nem sempre a área de interesse será a que corresponde ao desejo de trabalho. Esta abordagem inclui: questionários e dinâmicas de auto conhecimento, pesquisa sobre as profissões (currículo, especialidades, habilidades necessárias etc.), entrevistas com profissionais, análise do mercado de trabalho e da função social das profissões de maior interesse, e identificações das interferências emocionais envolvidas nesse processo. A família também toma parte do acompanhamento, respondendo a questionários e em encontros para esclarecimentos e orientações deste processo, de modo a terem uma participação benéfica junto aos filhos.

O texto a seguir, fruto desta prática, expõe algumas questões para reflexão sobre o momento da escolha profissional como desafio, ponderação e oportunidade de crescimento, que para muitos é mobilizador de conflitos, dúvidas, inseguranças e angústias, tanto nos jovens quanto nas famílias envolvidas.

Inicialmente, vale ressaltar que na adolescência ocorrem várias mudanças de natureza bio-psico-social e metafísica (questões sobre o sentido da existência). Definir o futuro **não é somente definir o que fazer, mas definir quem ser**. Portanto, quem escolhe, não está somente

escolhendo a carreira, mas, **com que trabalhar, para que fazê-lo**; está escolhendo um **como**, um **quando**, um **onde** e uma **área ocupacional** que possibilitam o prazer e auto-realização.

A dinâmica interna do conflito não se refere apenas à escolha da profissão, mas a toda a psicodinâmica da pessoa, que é desencadeada nesse momento. Tomar uma decisão, escolher, envolve perdas e existem conflitos relativos ao acesso ao mundo adulto, que é novo e desconhecido. O adolescente vive o "luto" pela perda de sua identidade infantil.

O que se faz deve coincidir com o que se é; e muitos adolescentes não se conhecem. Seguir ou não tal profissão, passar ou não no vestibular, é um "rito de passagem". É um "salto"; é aceitar crescer e conquistar a identidade pessoal. Entrar na Universidade é introduzir-se em novas exigências e papéis sociais; é ser visto com novas expectativas, maior autonomia e a conseqüente perda do mundo infantil. A escolha nem sempre corresponde às expectativas e desejos dos pais, que também se sentem ameaçados com o crescimento do filho. Este, ao escolher, afirma a sua individualidade, seu desejo mais íntimo. Os pais sentem a perda da "criança", assim como os filhos perdem a imagem idealizada dos pais, porque seu mundo foi ampliado com a introdução de outras pessoas significativas: amigos, professores, namorados, artistas e "heróis" diversos.

A possibilidade de decidir está estritamente ligada à capacidade de suportar a ambigüidade, de tolerar frustrações, e ao mesmo tempo, acolher suas potencialidades e limites. Escolher é aprender a perder e abrir portas de possibilidades para novas escolhas. Diante desta realidade, percebemos a forte mobilização dos jovens e da sua família. Daí a importância do diálogo, do estar atento às necessidades emocionais, do apoio e do carinho. A pressão externa é forte e a interna também o é. A família



Luisa Sampaio,
Psicóloga - CRP 03/0345

deve respeitar e dar suporte ao projeto de vida dos filhos, e não querer se realizar através deles, muito menos induzir a escolha dos mesmos em função de reconhecimento social, ou do futuro lucro.

Um erro freqüente do jovem é escolher a profissão que mais o satisfaça financeiramente, correndo o risco de não proporcionar-se a realização profissional almejada. O mercado de trabalho é dinâmico e instável, não dá garantia de sucesso a nenhuma profissão. Atualmente a competência da pessoa, o interesse profissional, o fazer o que se ama são aspectos importantes para enfrentar os desafios da nova realidade. Existem jovens que querem garantir, a qualquer custo, sua entrada na faculdade, sem importar-lhes qual será seu futuro nessa profissão, o fazem para garantir status ou satisfazer às expectativas familiares. O jovem deve evitar fazer um curso menos concorrido porque suas chances serão maiores de passar, ou buscar o mais concorrido para valorizar a sua escolha. **É essencial fazermos escolhas conscientes, contribuindo para a construção mais responsável da sociedade. Em vista disto não podemos medir o custo social e existencial das conseqüências de condutas de profissionais incompetentes e que não amam o que fazem. Por outro lado, é igualmente imensurável a repercussão quando amamos o que fazemos!** Ω

Luisa Sampaio
Tel.: (71) 358-0481

Venha torna-se um Terapeuta Transpessoal no meio do paraíso do Parque de Pituacú



O GRUPO OMEGA DE ESTUDOS HOLÍSTICOS E TRANSPessoAIS

vem desde 1997, formando terapeutas transpessoais em Salvador, no interior da Bahia, e em outros Estados, atendendo a crescente demanda da população por uma terapia que também inclua a dimensão espiritual da Vida. A sua nova Sede, bem no meio do Parque de Pituacú, proporciona a energia ideal para este propósito.



ONDE VOCÊ PODE ENCONTRAR A REVISTA OMEGA

Grupo Omega - Parque de Pituacú

(71) 363-5979 / 461-0810

Banca Planeta - Aeroclub

Banca Hiper Bom Preço Armação

Clinica Psiquê - Pituba - (71) 345-0606

Consultório Dr. Ricardo Chemas -

R. Vermelho - (71) 334-0547

Consultório Dra. Angela Sampaio -

Iguatemi - (71) 341-0280

LDM - Livraria Multicampi

- Loja 1- Rua Direita da Piedade -

Centro (71) 329-0326

- Loja 2- Fac. de Educação da UFBA

- Loja 3- Pç Estevão Santos - Vitória da

Conquista/Ba (77) 421-5540

Mundo Verde - Maxcenter- Itaigara

(71) 359-0976

Shopping Cultural Grandes Autores

Ondina - (71) 331-2448

Fotos da Sede do Grupo Omega e representantes das várias turmas de terapeutas transpessoais formandos do Grupo Omega.